

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Memórias de um Sargento de Milícias

Manuel Antônio de Almeida

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Memórias de um Sargento de Milícias

Manuel Antônio de Almeida

# Memórias de um Sargento de Milícias

Manuel Antônio de Almeida

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

## Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

## Direção de Arte

Elto Koltz

## Projeto Gráfico

Isabel Caldas

## Coordenação Editorial



## Direitos Reservados à

### Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3m Queiroz, Malthus, 1976-  
Memórias de um sargento de milícias / Manuel  
Antônio de Almeida ; adaptação de Malthus Queiroz ;  
ilustrações Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de Ler,  
2011.

240p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira)

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO.

I. Almeida, Manuel Antônio de, 1831-1861. II. Schloesser,  
Eduardo. III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura  
brasileira.

PeR – BPE 11-0465

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-65284-66-0

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro  
sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

# Memórias de um Sargento de Milícias

# Tomo I

# Capítulo I

## Origem, nascimento e batizado

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se umas às outras, chamava-se nesse tempo *O canto dos meirinhos*<sup>1</sup>; e combinava bem o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de grande consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que uma sombra dos meirinhos do tempo do rei; estes eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a procura por justiça era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, requerimentos, razões principais e finais e todos esses trejeitos judiciais que se chama *processo*.

Daí sua influência moral.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que vinha de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros;

<sup>1</sup> Meirinho: funcionário da Justiça.

nada têm de imponentes, nem na sua aparência nem no seu modo de vestir; confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não; não se confundiam com ninguém; eram originais, eram únicos: nos seus semblantes brilhava certo ar de majestade forense, seus olhares calculados e espertos significavam o processo judicial. Trajavam casaca preta séria, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, espadim<sup>2</sup> aristocrático ao lado esquerdo, e no lado direito penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isso com um sério chapéu armado. Com a importância vantajosa dessas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sair de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquelas figuras, que, desdobrando junto dele uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remédio em tais circunstâncias senão deixar escapar dos lábios o terrível “Dou-me por citado”<sup>3</sup>. Ninguém sabe que significação fatal e cruel estas poucas palavras tinham! Eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e cansativa viagem, cujo final bem distante era a caixa da Relação e durante a qual se tinha de pagar um sem-número de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, implacáveis Carontes<sup>4</sup>, estavam à porta de mão estendida, e ninguém passava sem que lhes tivesse deixado, não uma moeda, porém todo o conteúdo de suas carteiras e até a última parcela de sua paciência.

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por lá em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, usados, de couro, e que se denominavam *cadeiras de campanha*, um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente sobre que era permitido conversar: a vida dos nobres, as notícias do Reino e as espertezas policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhal pregada na esquina havia uma quantidade constante: Leonardo-Pataca.

<sup>2</sup> Espada de pequeno porte.

<sup>3</sup> Expressão jurídica.

<sup>4</sup> Barqueiro da mitologia grega que atravessa as almas recém-chegadas para o mundo dos mortos.





Schlosser

Chamavam assim a uma redonda e gordíssima personagem de cabelos brancos e cara grande avermelhada, que era o mais antigo da corporação e até dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha o tornado molenga e lento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos **cinquenta**, era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de se queixar a todo instante que só pagassem por sua citação a modesta quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca coisa de notável. Leonardo fora comerciante em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, conseguiu o emprego de que o vemos empossado e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, feirante das praças de Lisboa, camponesa rechonchuda e bonita. O Leonardo, justiça seja feita, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apeçoado e sobretudo era malandro. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela e com o grande sapato com ponta de ferro sentou-lhe um valente pisão no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu como envergonhada do gracejo e deu-lhe também disfarçadamente um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração, segundo os costumes da terra: levaram o resto do dia de namoro próximo; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisão e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão afetuosos e familiares que pareciam ser amantes de muitos anos.

Quando saltaram em terra a Maria começou a sentir certos **enjoos**: foram os dois morar juntos e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos do pisão e do beliscão; sete meses depois a Maria teve um filho, formidável menino de quase três palmos de comprimento, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E esse nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Chegou o dia de batizar o rapaz: a parteira foi madrinha; sobre o padrinho houve suas dúvidas: o Leonardo queria que fosse o Senhor juiz; porém teve de ceder à insistência da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro da frente, que afinal tinha sido adotado. Já se sabe que nesse dia houve festa: os convidados do dono da casa, que eram todos d'além-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeça, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ramo. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o que se dançava a corte. Foi aceita a ideia, ainda que houvesse dificuldade em se encontrarem pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa senhora, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa negação da sua; um colega do Leonardo, miudinho, pequenino e com trejeitos de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou a rabeça; e o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada movimento com um som agudo e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso e fosse obrigado a recomençar outras tantas.

Depois da dança a cerimônia foi desaparecendo, e a brincadeira esquentou, como se diz. Chegaram uns rapazes de viola e cavaquinho: o Leonardo, instigado pelas senhoras, decidiu romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes do trabalho, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zunzum nas cordas do instrumento o cantado de uma modinha pátria. Foi nas saudades da terra natal que ele achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom português, o que era ele. A modinha era assim:

*Quando estava em minha terra,  
Acompanhado ou sozinho,  
Cantava de noite e de dia  
Ao pé dum copo de vinho!*

Foi executada com atenção e aplaudida com entusiasmo; somente quem não pareceu dar-lhe toda a admiração foi o

Memórias de um Sargento de Milícias

pequeno, que encantou o pai como encantara o padrinho, marcando-lhe o compasso com sons agudos e esperneios. Os olhos de Maria se avermelharam, e ela suspirou.

O canto do Leonardo foi o último toque para esquentar a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através da porta e das janelas certas figuras que denunciavam que o general Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a última que saiu, dando a bênção ao afilhado e pondo na faixa que envolvia seu umbigo um raminho de arruda.

# Capítulo II

## Primeiros infortúnios

Passemos por alto sobre os anos que decorreram desde o nascimento e batizado do nosso herói e vamos encontrá-lo já na idade de 7 anos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro histérico; era raioso; tinha aversão particular à madrinha, a quem não podia encarar, e era estranho até não poder mais.

Logo que pôde andar e falar tornou-se um desastre; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, pegava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede e acabava por varrer a casa com ele; até que a Maria, temendo pelo que aquilo lhe custaria aos ouvidos, e talvez às costas, **arrancava-lhe** das mãos a vítima infeliz. Era, além de danado, guloso; quando não aprontava, comia. A Maria não lhe perdoava; maltratava bem uma região do corpo dele; porém ele não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras recomeçavam mal acabava a dor das palmadas.

Assim chegou aos 7 anos.

Afinal de contas a Maria sempre era camponesa, e o Leonardo

começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ela e com ela. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais cerimônias, havia ele desde certo tempo tido fundadas suspeitas de que era traído. Havia alguns meses, tinha notado que um certo sargento passava muitas vezes pela sua porta e enfiava olhares curiosos: uma ocasião, recolhendo-se, parecera que o vira encostado à janela. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que certo colega seu o procurasse em casa, para tratar de negócios do ofício, sempre em horas desencontradas: porém isto também passou logo.

Finalmente aconteceu por três ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto lhe causou sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta adentro; alguém que estava na sala abriu precipitadamente a janela, saltou por ela para a rua, e desapareceu.

Depois disto nada havia a duvidar: o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns documentos que trazia embaixo do braço e virou para a Maria com os punhos fechados.

— Ora, sua...!

E a ofensa que ia soltar era tão grande que o engasgou, e ficou tremendo com todo o corpo.

A Maria recuou dois passos e pôs-se em guarda, pois também não era das que tinham medo com qualquer coisa.

— Vai pra lá, Leonardo!

— Não chames mais pelo meu nome, não chames... que fecho essa tua boca a socos...

— Sai daí! Quem mandou ficar de namoricos comigo a bordo?

Isto irritou o Leonardo; a lembrança do amor aumentou-lhe a dor da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em socos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistência começou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai... socorro, Senhor compadre... Senhor compadre!...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguês, e não podia largá-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se e ficou choramingando em um canto.

O menino assistira a toda essa cena com imperturbável sangue-frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo gritava, ele se ocupava **tranquilamente** em rasgar as folhas dos documentos que o pai tinha largado ao entrar e em fazer delas uma

grande coleção de cartuchos.

Quando, passada um pouco a raiva e o Leonardo pôde ver alguma coisa mais do que seu ciúme, reparou então na grande obra em que se ocupava o pequeno. Enfureceu-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia-volta, ergue o pé direito, dá-lhe em cheio sobre os glúteos, atirando-o sentado a quatro metros de distância.

— És filho de um pisão e um beliscão; mereces que um pontapé acabe com tua raça.

O menino suportou tudo com coragem de mártir, apenas abriu ligeiramente a boca quando foi levantado pelas orelhas: mal caiu, ergueu-se, saiu de forma atropelada pela porta e em três pulos estava dentro da loja do padrinho, atracando-se em suas pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguês a bacia de barbear que lhe tirara dos queixos: com o choque que sofreu a bacia inclinou-se, e o freguês recebeu um batismo de água de sabão.

— Ora, mestre, não estava tão mal assim...!

— Senhor, balbuciou este... A culpa é deste endiabrado... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão trêmula nessa direção.

O compadre olhou também, aplicou a atenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham!, resmungou; já sei o que deve ser... Eu bem dizia... Ora está aí!

E desculpando-se com o freguês saiu da loja e foi saber o que se passava.

Por estas palavras vê-se que ele suspeitara alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.

Espiar a vida alheia, perguntar aos escravos o que se passava no interior das casas era naquele tempo coisa tão comum e enraizada nos costumes que, ainda hoje, depois de passados tantos anos, restam grandes vestígios desse belo hábito. Sentado pois no fundo da loja, afiando, como disfarce, os instrumentos do ofício, o compadre presenciara os passeios do sargento por perto da porta de Leonardo, as visitas fora de hora do colega deste e finalmente os objetivos do capitão do navio. Por isso ele contava mais dia menos dia com o que acabava de suceder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a porta que o

Memórias de um Sargento de Milícias

menino deixara fechada ao sair e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— Ó, compadre, disse, você perdeu o juízo?

— Não foi o juízo, disse o Leonardo em tom dramático, foi a honra!...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do compadre, recuperou o ânimo e ousando disse em tom de zombaria:

— Honra!... Honra de meirinho... Ora!

O vulcão de despeito que as lágrimas da Maria tinham apagado um pouco explodiu de novo com este insulto, que não ofendia só um homem, porém uma classe inteira! Ofensas e murros misturados caíram de novo das mãos e da boca de Leonardo sobre a Maria. O compadre, que se colocara entre os dois, levou alguns por descuido; afastou-se a uma distância segura, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de camponesa.

Enfim acalmou-se a tormenta: a Maria sentou-se a um canto chorando e maldizendo a hora em que nascera, o dia em que pela primeira vez vira o Leonardo, o pisão, o beliscão com que tinha começado o namoro a bordo e tudo mais que a dor dos murros lhe trazia à cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exaltação; seus olhos e suas faces se avermelharam, cerrou os dentes, meteu as mãos nos bolsos do calção, inchou as bochechas e pôs-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como se tivesse tomado uma resolução, juntou as folhas espalhadas dos documentos que o menino despedaçara, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou a bengala e saiu batendo com a porta e exclamando:

— Que vá tudo para o inferno!...

— Vai... Vai..., exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nos quadris, que o caso não há de ficar assim... Bater-me!... Ora..., vou à justiça!...

— Comadre...

— Nada, não atendo, compadre... Vou à justiça, e, apesar de ele ser um meirinho muito malandro, vai se ver comigo.

— É melhor não se meter nisto, comadre... Sempre são negócios com a justiça... O compadre é oficial, e ela vai punir os seus.

As ameaças da Maria não passavam de ameaças frutos do despeito e, portanto, com mais quatro razões do compadre, ela



cedeu, e a paz em casa foi restituída. Houve então larga conversa entre os dois, no fim da qual o compadre saiu dizendo:

— Ele vai voltar... Aquilo é o gênio... Vai passar... e, se não... O dito está dito; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Ela tinha suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquela ocasião, e por isso na conversa que referimos tratara de enganar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo cuidaria do filho.

Esse desarranjo ela traçara a imagem, e o compadre acreditara que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era flexível, e que a Maria tinha razão quando falara ironicamente em honra de meirinho.

Toda esta cena que acabamos de descrever passou-se de manhã. À tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, aflito e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aéreo que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado, passado; vamos... Ela está arrependida... doí-dices de mulher... Mas não deve fazer outra...

O Leonardo não respondeu; pôs-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para trás e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que ele apreciara as palavras do compadre e que seria o primeiro a pronunciá-las se ele não o tivesse feito.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acabemos tudo! Coitada!... Ela ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo.

Chegando à porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que ele queria eram pedidos insistentes do compadre, que pudessem ser ouvidas pela Maria, a fim de fazê-la acreditar que, se ele voltava, era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

— Entre, homem... Chega de criancices... O passado, passado.

Entraram. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto numa das mãos, conservando sempre o chapéu armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre cômico e melancólico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo

Memórias de um Sargento de Milícias

está acabado; venha cá...

Ninguém respondeu.

— Deve estar aí chorando metida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta muito grande; em pouco percorreu-a toda, e ficou tomado do mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto à sala entre desolado e espantado.

O Leonardo, supondo que ele tinha achado a Maria, e que sem dúvida a trazia pela mão arrependida e humilhada, quis fazer-se de bom: ergueu-se, meteu as mãos nos bolsos e pôs-se de costas para o lugar donde vinha o compadre.

— Ó, compadre, disse este aproximando-se...

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se... o dito por não dito. Mudei de resolução!...

— Olhe, homem...

— Nada, nada... Está tudo acabado...

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando este queria pôr de frente.

— Homem... Escute... Olhe que a comadre...

— Não quero saber dela... Está tudo acabado; e já disse...

— Foi-se embora... Homem... Foi-se embora, gritou o compadre impaciente.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo trêmulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado... Adeus, compadre!

— Mas olhe que o pequeno... Falou este.

O Leonardo nada respondeu, e saiu rapidamente.

O compadre compreendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer: “Está bem... Vá; ficaremos com uma carga nas costas”. Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na véspera de noite.

— Ah!, disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber da notícia. Foram saudades da terra!...

# Capítulo III

## Despedida das travessuras

O Leonardo abandonara de uma vez por todas a casa fatal onde tinha sofrido tamanha infelicidade; nem mesmo passara mais por aquelas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não pôde pôr a vista em cima dele.

O pequeno, enquanto se achou novato na casa do padrinho, portou-se com toda a seriedade; apenas, porém, foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fora. Apesar disso, porém, captou do padrinho maior afeto, que foi aumentando dia a dia e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas próprias travessuras do menino, na maioria das vezes malignas, o homem bom achava muita graça; não havia para ele em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não cansava de contar à vizinhança tudo o que ele dizia e fazia; às vezes eram verdadeiras ações de menino malcriado, que ele achava cheio de espírito e de vida; outras vezes eram ditos que denunciavam já muita malandragem para aquela idade, e que ele julgava os mais ingênuos do mundo.

Isso era natural em um homem de uma vida como a sua; tinha já 50 e tantos anos, nunca tinha tido amores; passara sempre só, isolado; era verdadeiro partidário da solteirice. Assim, na primeira afeição que fora levado a contrair, sua alma expandiu-se inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de

completa cegueira. Este, aproveitando-se da imunidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha à cabeça.

Umaz vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretaz aos fregueses quando estes estavam se barbeando. Uns se enfureciam, outros riam sem querer; resultado é que saíam muitas vezes com a cara cortada, para grande prazer do menino e descrédito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a navalha mais afiada do padrinho, e o freguês ficava muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciência, enquanto este a procurava; ele ria discreta e malignamente. Não parava em casa coisa alguma inteira por muito tempo; pelos quintais atirava pedras nos telhados dos vizinhos; sentado à porta da rua, falava com quem passava e com quem estava pelas janelas, de maneira que ninguém por ali gostava dele. O padrinho porém não percebia isso e continuava a lhe querer sempre muito bem. Gastava às vezes as noites fazendo planos a seu respeito; sonhava uma grande fortuna e uma elevada posição para ele e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Esses eram mais ou menos os seus raciocínios. Pelo ofício do pai (pensava ele), ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem jeito, porém sempre se deve dizer: “Ora, é um meirinho!. Nada... Por este lado, não... Pelo meu ofício... Verdade é que eu me arranjei (há neste *me arranjei* uma história que havemos de contar), porém não quero fazê-lo escravo dos quatro trocados dos fregueses... Seria talvez bom mandá-lo estudar... Porém para que diabo serve o estudo? Verdade é que ele parece ter boa memória, e eu podia mais para diante mandá-lo a Coimbra... Sim, é verdade... Eu tenho aquelas reservas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... Mas também que diabo fará ele em Coimbra? Licenciado não: é mau ofício; letrado? Seria bom... Sim, letrado... Mas não; não, tenho raiva de quem lida com papéis e demandas... Clérigo?... Um senhor clérigo é muito bom... É uma coisa muito séria... Ganha-se muito... Pode vir um dia a ser vigário. Está dito, será clérigo... Ora, se vai ser: terei ainda o gostinho de o ver dizer missa... De o ver pregar na Sé, e então mostrarei a toda esta gentilha aqui da vizinhança que não gosta dele que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Ele está ainda muito pequeno, mas vou tratar de ir ensinando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 anos entrará para a escola.

Tendo pensado por muito tempo nesta **ideia**, um dia de

manhã chamou o pequeno e disse-lhe:

— Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha ele nove anos); é preciso que aprenda alguma coisa para vir um dia a ser gente; de segunda-feira em diante (estava na **quarta-feira**) começarei a ensinar-lhe o bê-á-bá. Aproveite as muitas travessuras pelo resto da semana.

O menino ouviu esse discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então eu não irei mais ao quintal, nem vou brincar na porta?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa...

— Ora, eu não gosto da missa.

O padrinho não gostou da resposta; não era bom anúncio para quem se destinava a ser padre; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino prestou bem atenção a estas palavras do padrinho: “Aproveite as muitas travessuras pelo resto da semana” e acreditou que aquilo era uma licença para fazer tudo quanto de bom e de mau lembrasse durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou pois todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi achá-lo por duas ou três vezes a cavalo em cima do muro que dividia o quintal da casa do vizinho, com grande risco de cair.

Ao anoitecer, estando sentado à porta da loja, viu ao longe no começo da rua um acompanhamento iluminado pela luz de lanternas e tochas, e ouviu padres a rezarem; estremeceu de alegria e pôs-se em pé de um salto. Era a via-sacra do Bom Jesus.

Há bem pouco tempo existiam ainda em certas ruas desta cidade cruces negras pregadas pelas paredes aqui e acolá. Às quartas-feiras e em outros dias da semana, saía do Bom Jesus e de outras igrejas uma espécie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam, e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos e oravam durante muito tempo. Esse ato, que satisfazia a adoração dos devotos, dava alimento e oportunidades a todo tipo de zombaria e de imoralidade que se lembravam os rapazes daquela época, que são os velhos de hoje e que tanto falam contra o desrespeito dos moços de agora. Caminhavam eles triunfalmente atrás da

procissão, interrompendo a cantoria com falatórios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavam longos fios de barbante, em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cera. Se ia por ali, ao seu alcance, algum infeliz, a quem os anos tivessem despido a cabeça dos cabelos, colocavam-se em distância conveniente e, escondidos por trás de um ou de outro, arremessavam o projétil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguém podia saber donde tinha partido o golpe. Essas e outras cenas excitavam vozes e gargalhadas na multidão.

Isso era o que naqueles *devotos* tempos se chamava correr a via-sacra.

O menino, como já dissemos, estremeceu de prazer ao ver aproximar-se a procissão. Desceu discretamente e, sem ser visto pelo padrinho, colocou-se junto à parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver melhor.

Vinha se aproximando o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve ele então um pensamento que o fez estremeecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: “Aproveite as travessuras”; espiou para dentro da loja, viu-o concentrado, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para aumentar a vozeria. Era um prazer imenso que ele sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou e só não fez aquilo o que não podiam suas forças. Fez amizade com dois outros meninos do seu tamanho que também iam por lá e quando percebeu estava de volta com a via-sacra na Igreja do Bom Jesus.

# Capítulo IV

## Fortuna

Enquanto o compadre, aflito, procurava por toda a parte o menino, sem que ninguém pudesse dar-lhe notícias dele, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas aventuras está agora metido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova havia, perto de um charco, uma casa coberta de palha da mais feia aparência, cuja frente suja e enlameada bem diziam que dentro a limpeza não era muito grande. Ela possuía uma pequena sala e um quarto; toda a mobília eram dois ou três assentos de madeira, algumas esteiras em um canto e uma enorme caixa de madeira, que tinha muitas utilidades; era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira.

Quase sempre essa casa estava fechada, o que a rodeava de certo mistério. Essa sinistra morada era habitada por uma personagem feita do molde mais detestável; era um caboclo velho, de cara horrível e imunda e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por ofício *dar fortuna!*

Naquele tempo acreditava-se muito nestas coisas, e um respeito supersticioso era dado aos que exerciam semelhante profissão. Já se vê que os mais espertos não achavam nisso uma mina inesgotável! E não era só a gente do povo que dava crédito





às *feitiçarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam às vezes comprar felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições.

Pois tinha dado também na cabeça do nosso amigo Leonardo construir fortuna, e tinha isso por causa dos desgostos que sofria em uns novos amores que atordoavam sua cabeça. Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascera outro que também não foi, a este respeito, mais valioso; mas o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o ofício rendia e ele andava sempre com dinheiro, não lhe fora difícil conquistar a posse do adorado objeto; porém a fidelidade, que era o que sua alma desejava, isso não pudera conseguir: a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da camponesa. Por toda a parte há sargentos, colegas e capitães de navios; a moça tinha-lhe já feito umas poucas e acabava também por fugir de casa. Desta vez porém, como não eram saudades da pátria a causa desta fuga, o Leonardo decidira ter de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a sem muito trabalho e, chorando, suplicando, ameaçando, porém tudo inutilmente, decidiu por isso buscar com meios sobrenaturais o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se portanto de corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do ofício. Tinha se sujeitado já a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição monetária, e ainda nada havia conseguido; tinha sofrido vaporização de ervas sufocantes, ingerido beberagens de sabor enjoativo; sabia de cor milhares de orações misteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; ia depositar quase todas as noites em lugares determinados quantias e objetos com o fim de chamar em auxílio, dizia o caboclo, as suas divindades; e apesar de tudo, a cigana resistia ao feitiço. Decidiu finalmente se sujeitar à última prova, que foi marcada para a meia-noite em ponto na casa que já conhecemos. À hora combinada lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento feitiçeiro, que não permitiu que ele entrasse do modo em que se achava e o obrigou a vestir primeiro roupas de Adão no paraíso, cobriu-o depois com um manto

imundo que trazia e só então lhe permitiu a entrada.

A sala estava ridicularmente sinistra, que não nos cansaremos em descrever; entre outras coisas, cuja significação só conheciam os iniciados nos mistérios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira. Começando a cerimônia o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os ângulos da casa e recitar as orações que já sabia e mais algumas que foram ensinadas na ocasião, depois foi orar junto da fogueira. Neste momento saíram do quarto três novas figuras, que vieram tomar parte na cerimônia, e começaram então, com o acompanhamento do supremo sacerdote, uma dança sinistra ao redor do Leonardo. De repente sentiram bater levemente na porta e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal!, disseram todos a um tempo, tomados do maior susto.

# Capítulo V

## O Vidigal

O som daquela voz que dissera “abra a porta” lançara entre eles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão; ela era o anúncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou, antes, estava organizada em harmonia com as tendências e ideias da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena e, ao mesmo tempo, o guarda que caçava os criminosos; nas causas que seu imenso campo de atuação abrangia não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua *justiça* era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquisição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessários às ideias do tempo: na verdade ele não abusava muito de seu poder e o empregava em certos casos muito bem empregado.

O Vidigal era um homem alto, não muito gordo, com ares de molenga; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria certamente homem mais adequado para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de soldados de elite, às vezes de outros soldados que ele escolhia nos corpos que havia na cidade, armados todos de grossos chicotes, comandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade de noite e toda a polícia de dia. Não havia beco nem travessa, rua nem praça, onde não tivesse se passado uma façanha do Senhor major para flagrar um malandro ou caçar um vagabundo. A sua esperteza era famosa, e por isso só o seu nome proporcionava grande terror em todos os que não tinham a consciência muito pura a respeito de falcatruas.

Se, no meio de uma farra qualquer, em que a decência e os ouvidos dos vizinhos não eram muito respeitados, ouvia-se dizer “está aí o Vidigal”, mudavam-se repentinamente as cenas; acalmava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto sério. Quando algum dos brincalhões daquele tempo (que não tinha grande reputação de ativo e trabalhador) era surpreendido de noite de casaco sobre os ombros e viola a tiracolo, caminhando em busca de confusão, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente “venha cá; aonde vai?”, o único remédio que tinha era fugir, se pudesse, porque com certeza não escaparia de alguns dias de cadeia ou pelo menos da *Casa da Guarda na Sé*.

Foi por isso que os nossos mágicos e a sua infeliz vítima puseram-se em retirada quando reconheceram pela voz quem se achava com eles. Quiseram escapar pelos fundos da casa, porém ela estava toda cercada de soldados, em cujas mãos se viam armas. A porta abriu-se sem muita resistência, e o major Vidigal (porque era com certeza ele) com os seus soldados **achou-os** em flagrante delito de feitiçaria: a fogueira e os outros objetos que serviam ao sacrifício ainda estavam acesos.

— Oh!, disse ele. Por aqui há grande coisa...

— Senhor major, pelo amor de Deus...

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem... sem cerimônia, vamos.

Os infelizes hesitaram um pouco, porém, vendo que resistir seria inútil, começaram de novo as cerimônias, de que os soldados riam, prevendo talvez o resultado. O Leonardo estava passado de vergonha, mais ainda porque o Vidigal o conhecia; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua imunda capa. Ajoelhou-se quase arrastado outra vez no mesmo

lugar; e recomeçou a dança, a que o major assistia de braços cruzados e com ar entediado. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dançado suficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

— Continuem.

Depois de muito tempo quiseram parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuaram por mais meia hora; passado esse tempo, já muito cansados, tentaram dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuaram por tempos esquecidos, já estavam que não podiam de cansados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quase que se desfazia em suor. Afinal o major deu-se por satisfeito, mandou que parassem e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

— Toca, soldados.

A esta voz todos os chicotes se ergueram e caíram sobre as costas daquela *honesto* gente, fizeram-na dançar, e sem querer, ainda por algum tempo.

— **Para**, disse o major depois de uns bons quinze minutos.

Começou então a fazer um sermão a cada um, em que se mostrava muito sentido por ter sido obrigado a chegar àquele excesso e que terminava sempre por esta pergunta:

— Então, você o que faz?

Nenhum deles respondia. O major sorria e acrescentava com riso maldoso:

— Está bom!

Chegou a vez do Leonardo.

— Pois homem, você, um oficial de justiça, que devia dar o exemplo...

— Senhor major, respondeu ele tímido, é o diabo daquela moça que me obriga a tudo isto; já não sei o que fazer...

— Você ficará curado! Vamos para a casa da guarda.

Com esta última decisão o Leonardo se desesperou. Perdoaria as chicotadas que levava, contanto que elas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda e dela talvez para a cadeia... isso é que ele não podia suportar. Pediu ao major que o poupasse; o major foi inflexível. Desfez então a vergonha em pragas à maldita cigana que tanto o fazia sofrer.

A casa da guarda era no largo da Sé; era uma espécie de

Memórias de um Sargento de Milícias

depósito onde se guardavam os presos que se faziam de noite, para lhes dar depois destino. Já se sabe que os que gostavam das novidades iam por ali de manhã e sabiam com facilidade tudo que se tinha passado na noite anterior.

Aí esteve o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto à vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua, passou por acaso um colega e, vendo-o, entrou para falar com ele, o que quer dizer que daí a pouco toda a ilustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do ocorrido com o Leonardo e já se preparava para lhe dar uma saudação quando o negócio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadeia.

Aparentemente os companheiros mostraram-se sentidos, porém secretamente gostaram do contratempo porque o Leonardo era muito cheio de fregueses e, enquanto ele estivesse preso, estes os procuravam.

# Capítulo VI

## Primeira noite fora de casa

O compadre, no momento em que deu por falta do afilhado, viu-se presa da maior aflição: pôs em alarme toda a vizinhança, procurou, perguntou, mas ninguém deu notícias dele. Lembrou-se então da via-sacra e imaginou que o pequeno a teria acompanhado; percorreu todas as ruas por onde passara o acompanhamento, perguntando aflito a quantos encontrava pelo tesouro precioso de suas esperanças; chegou sem encontrar vestígio algum até o Bom Jesus, onde lhe disseram ter visto três meninos que por se portarem endiabradamente na ocasião da entrada da via-sacra o sacristão os colocou para fora da igreja. Foi este o único sinal que pôde colher.

Vagou depois por muito tempo pela rua e só se recolheu para casa quando a noite já ia adiantada. Ao chegar à porta de casa, uma voz de mulher perguntou:

— Então, vizinho, nada?

— Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquela criança tem maus modos...

— Vizinha, isto não são coisas que se digam...

— Digo-lhe e repito que tem maus modos... Deus permita que não, mas aquilo não tem bom fim...

— Oh!, senhora, respondeu o compadre muito irritado; que tem a senhora com a minha vida e as coisas que me pertencem? Meta-se consigo, cuide dos seus problemas e da sua renda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando:

— Um dia faço aqui uma confusão com esta mulher: é sempre isto! Parece uma coisa!

O pobre homem passou toda a noite acordado, pensando nos meios de achar o pequeno: e depois de ter formado mil planos, disse consigo:

— Em último lugar procuro o major Vidigal.

E esperou que o dia voltasse para prosseguir em suas pesquisas.

Entretanto, vamos satisfazer ao leitor, que talvez tenha curiosidade de saber onde se meteu o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente desocupada e de poucos escrúpulos, eles ganharam aqui fama bem merecida dos mais refinados malandros: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar pancada. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e malandragem, e, se não, o nosso Leonardo pode dizer alguma coisa a respeito. Viviam em quase completa vagabundagem; não tinham noite sem festa. Moravam um pouco longe das ruas populares e viviam em plena liberdade. As mulheres se vestiam com certo luxo considerando suas posses: usavam muito de rendas e fitas; davam preferência a tudo quanto era encarnado, e nenhuma delas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distinção mais do que alguns traços fisionômicos particulares que os faziam conhecidos.

Os dois meninos com quem o pequeno fugitivo fizera amizade pertenciam a uma família dessa gente que morava no largo do Rossio, lugar que tinha por isso até algum tempo o nome de campo dos Ciganos. Esses meninos tinham, como dissemos, mais ou menos a mesma idade que ele; porém, acostumados à vida vagabunda, conheciam toda a cidade e a percorriam sós, sem que isso causasse preocupação a seus pais; nunca faltavam a acompanhamentos de via-sacra nem qualquer outra coisa desse gênero.



Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores, com o nosso futuro clérigo, a ele se associaram e o carregaram para casa de seus pais, onde, como de costume, havia festa de ciganos (e este costume ainda hoje se conserva); faziam, dissemos, festa todos os dias, porém sempre davam um motivo. Hoje era um batizado, amanhã um casamento, agora aniversário deste, depois daquele, festa deste, festa daquele santo.

Na noite de que tratamos havia um oratório armado, e festejava-se um santo de sua devoção; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve algumas crises de consciência e quis voltar, porém os outros pintaram tanto o que ele ia ver se os acompanhasse que decidiu segui-los até onde quisessem. Chegaram enfim à casa, onde já tinha começado a festa.

Do lado esquerdo da sala estava o oratório iluminado por algumas pequenas velas de cera, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca; servia de apoio uma colcha de chita com babados. Ao redor da sala estavam colocados assentos de toda a natureza, bancos, cadeiras, etc., onde se assentavam os convidados. Não eram em pequeno número, eram ciganos e gente do país; vestiam roupas de toda a casta, do sofrível para baixo; mostravam-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entraram sem que ninguém reparasse neles e foram colocar-se junto do oratório. Daí a pouco começou o fado<sup>5</sup>.

Todos sabem o que é fado, essa dança tão prazerosa, tão diferente, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que qualquer instrumento para o efeito.

O fado tem diversas formas, cada qual mais original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais difíceis, tomando as melhores posições, acompanhando tudo isso com estalos que dá com os dedos, e vai depois pouco a pouco aproximando-se de qualquer um que lhe agrade; faz-lhe alguns movimentos e voltas e finalmente bate palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir o seu lugar. Assim corre a roda toda até que todos tenham dançado.

---

<sup>5</sup> Música popular de Portugal, de linha melódica singela, geralmente sobre casos de amor infelizes.

Outras vezes um homem e uma mulher dançam juntos; seguindo com a maior certeza o compasso da música, ora acompanham-se a passos lentos, ora apressados, depois afastam-se, depois juntam-se; o homem às vezes busca a mulher com passos ligeiros, enquanto ela, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recua vagarosamente, outras vezes é ela quem procura o homem, que recua, até que enfim acompanham-se de novo.

Há também a roda em que dançam muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado às vezes barulhento e prolongado, às vezes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas há ainda outras formas de que não falamos. A música é diferente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vezes o tocador canta em certos compassos uma cantiga às vezes de pensamento verdadeiramente poético.

Quando o fado começa demora a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não dura dias e noites seguidas e inteiras. O menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu à festa enquanto pôde; depois chegou-lhe o sono, e, reunindo-se com os companheiros em um canto, adormeceram todos embalados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou atordoado; chamou um dos companheiros e pediu que o levasse para casa.

O padrinho ia saindo para começar nas pesquisas quando esbarrou com ele.

— Menino dos infernos, onde tu te meteste?

— Fui ver um oratório. Não diz que eu serei padre?!...

O padrinho olhou-o por muito tempo e, afinal, não podendo resistir ao ar de ingenuidade que ele mostrava, riu e levou-o para dentro já completamente em paz.

# Capítulo VII

## A comadre

É necessário dizer agora alguma coisa a respeito de uma personagem que representará no correr desta história um importante papel e que o leitor apenas conhece, porque nela tocamos de passagem no primeiro capítulo: é a comadre, a parteira que, como dissemos, servira de madrinha ao nosso célebre.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bondosa, ingênua ou tola até certo ponto e esperta até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto<sup>6</sup>; todos a conheciam por ser muito beata e pela mais declarada papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exata de todas as festas religiosas que aqui se faziam; sabia de cor os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual à ladainha, ao terço, à novena; não lhe escapava via-sacra, procissão nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuído e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar à igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia à das 8 na Sé e, daí saindo, ia ainda à das 9 em Santo Antônio. O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua

<sup>6</sup> Proteger contra a inveja.

condição, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito justo e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por um clássico véu, junto à renda do qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias de certas atividades religiosas, em vez de lenço à cabeça, o cabelo era penteado e seguro por um enorme pente cravejado de pedras coloridas.

Este uso do véu era uma imitação do uso espanhol; porém o véu espanhol, temos ouvido dizer, é uma coisa poética que reveste as mulheres de certo mistério e que lhes realça a beleza; o véu das nossas mulheres, não; era a coisa mais sem beleza que se pode imaginar, especialmente quando as que os traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais frequentadas então) tomava um aspecto fúnebre logo que a igreja se enchia daqueles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento.

Mas o véu era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto. O véu para as mulheres estava na razão das janelas para as casas; era o observatório da vida alheia.

Muito agitada e cheia de acidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia notícia dele, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de véu a seguinte conversa:

— É o que lhe digo: a camponesinha era da raça do tinoso!

— E parecia uma santinha... E o Leonardo, o que lhe fez?

— Ora, desmontou-a de murros, e foi o que fez com que ela fugisse mais depressa com o capitão... Pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas quantias e tratava dela como de uma senhora!...

— E o filho... Que assim mesmo pequeno era um malcriado...

— O padrinho tomou conta dele; quer-lhe um bem extraordinário... Está maluco o coitado do homem, diz que o menino por força será padre... Mas que padre, se ele é um endiabrado!...

Nesta ocasião levantava-se a Deus, e as duas beatas interromperam a conversa para bater nos peitos. Era uma delas a vizinha do compadre, que adivinhava mau fim ao menino e com quem ele prometera fazer uma confusão: a outra era uma das que tinham estado no batizado. A comadre, apenas ouviu isso, foi procurar o compadre; não se pense porém que outro interesse que não fosse a curiosidade a levara a isso; queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa matéria para a conversa na igreja e para distrair as parturientes que se confiavam aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro; e apenas o avistou foi-lhe dizendo:

— Então, com que a tal comadre nos enganou? Veja o que são doidices; fazer aquilo ao Leonardo, um homem que não é mal-arranjado... Filho do Reino...

— Apertaram-lhe as saudades da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

— Apertada se veja ela entre as unhas do tinoso! Olhem que joiazinha... E você, mestre, ficou com a carga nas costas...

— Carga, não... Eu quero-lhe bem, ele é sossegadinho...

Começou então um interrogatório sobre o que tinha acontecido na casa do Leonardo; e os dois, compadre e comadre, desabafaram a seu gosto. Depois o compadre narrou, mesmo sem ser interrogado, todas as gentilezas do afilhado e contou suas intenções a respeito dele. A comadre não concordou com elas (o que nada agradou ao compadre), não via o menino com jeito para padre; achava melhor metê-lo na Conceição a aprender um ofício. O compadre porém insistiu em seus objetivos, que tinha muita esperança de ver realizados. Afinal a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabara de saber a todo conhecido que encontrou, sem medo de acrescentar mais uma ou outra circunstância com que carregava as cores do quadro. Entretanto o compadre aplicava-se a trabalhar na realização de seus objetivos e começou por ensinar o ABC ao menino; porém, por primeira contrariedade, este parou no F, e nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a aparecer daí em diante por um motivo que mais tarde se saberá. Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.

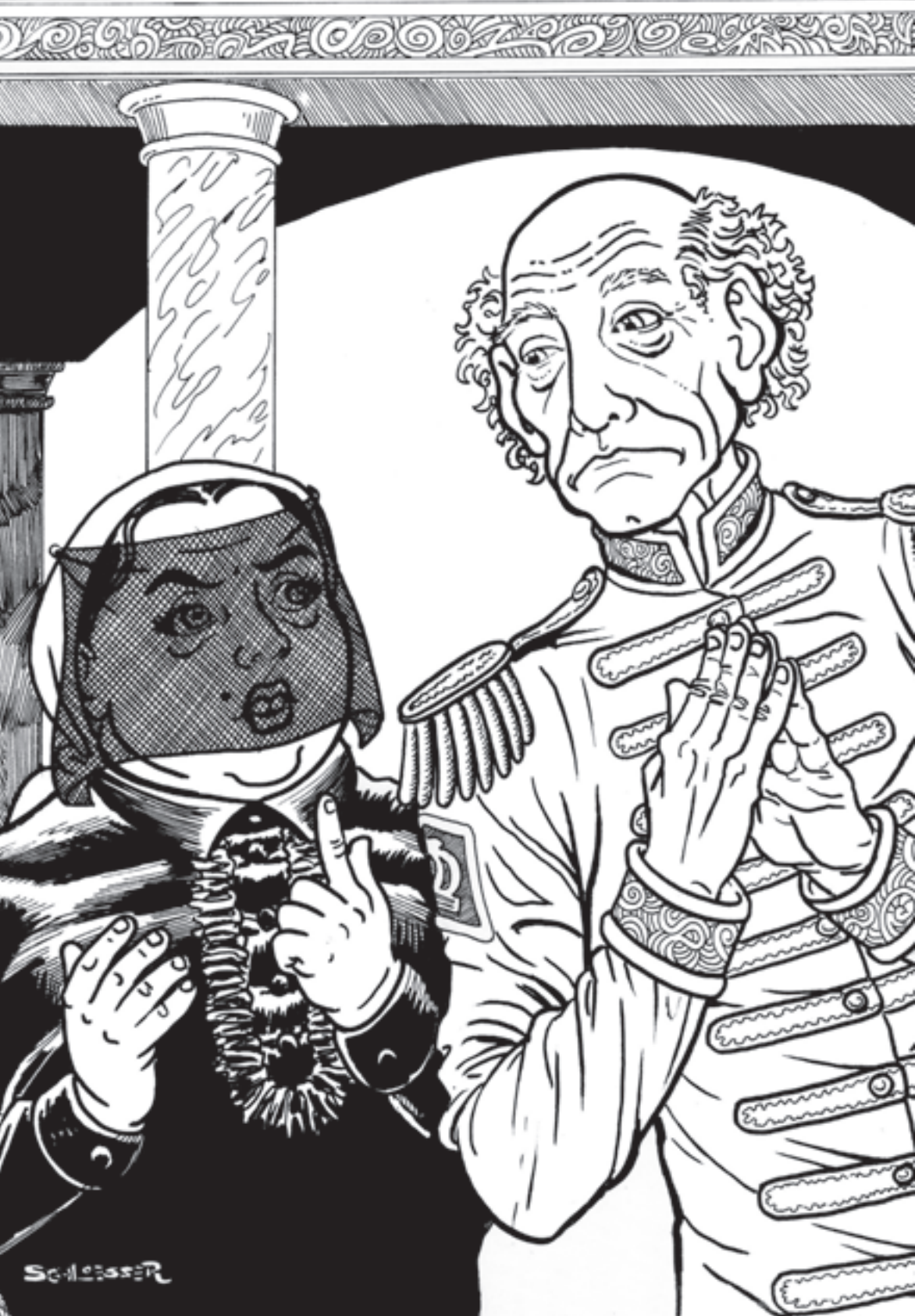


# Capítulo VIII

## O pátio dos bichos

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa história se chamava Palácio del-rei, uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo denominavam *o Pátio dos Bichos*. Este apelido lhe fora dado em **consequência** do fim para o qual ele então servia: passavam ali todos os dias do ano três ou quatro oficiais superiores, velhos, incapazes para a guerra e inúteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo ou se só com a honra de serem empregados no serviço real.

Bem poucas vezes havia ocasião de eles serem chamados por ordem real para qualquer coisa e todo o tempo passavam em santo repouso, ora mudos e silenciosos, ora conversando sobre coisas do seu tempo e censurando as do que com razão já não supunham do seu, porque nenhum deles era menor de 60 anos. Às vezes adormeciam todos ao mesmo tempo e então, com a ressonância de suas respirações passando pelos narizes, entoavam um quarteto, sem igual, que os oficiais e soldados que estavam de guarda, criados e mais pessoas que passavam, vinham apreciar à porta. Eram os pobres homens muitas vezes vítimas de piadas que naquele tempo de poucas preocupações eram o objeto de estudo de muita gente. Às vezes qualquer um que os pegasse dormindo chegava à porta e gritava:





— Senhor tenente-coronel, el-rei procura por Vossa Senhoria.

Um deles acordava espantado, tomava o chapéu armado, punha o talim<sup>7</sup>, acontecendo às vezes com a pressa ficar o chapéu torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com el-rei.

— Às vossas ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

O rei, que percebia o negócio, ria e o mandava embora. Quando o pobre homem chegava abaixo, ia perguntar, da maneira mais séria possível, a cada um dos que por ali se achavam qual tinha sido o objeto do chamado del-rei. Faziam-se destas e doutras, mas daí a pouco eles se deixavam enganar de novo.

Vamos fazer o leitor conhecer com um desses ativos militares, que entra também na nossa história. Era velho como seus companheiros, porém certamente por ele é que não tinha vindo ao quarto o apelido que lhe davam: suas feições quebradas pela idade tinham ainda certa regularidade de contorno que bem mostrava que seu tempo de rapaz não fora mal favorecido de beleza; de seus cabelos que o tempo levava restavam apenas cobrindo sua testa e sua nuca alguns cachos crespos e prateados; sua calvície era nobre e imponente. Fora valente; ganhara por seus feitos as peças de metal de tenente-coronel nos ombros; era filho de Portugal e acompanhara el-rei na sua vinda ao Brasil. Estas qualidades porém não lhe serviam de nada e sofria como os outros as brincadeiras dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher de véu foi procurá-lo e conversou com ele por algum tempo em particular, passavam uns e outros e escarravam junto da porta ou deixavam escapar uma ou outra gracinha parecida.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo!, gosto do bom gosto, dizia outro.

A mulher de véu é nossa conhecida, porque nem mais nem menos é a comadre; e o negócio que aí a levou também nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonardo. Ouça portanto o leitor a conversa dos dois.

— Senhor tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho pedir favor a Vossa Senhoria. Meu compadre Leonardo está na cadeia.

— O Leonardo?! Mas por quê?

<sup>7</sup> Tira de couro ou de pano passada de um ombro ao quadril oposto e que serve para sustentar espada ou outra arma.

Memórias de um Sargento de Milícias

— Ora! Maluquices!

E, chegando-se ao ouvido do velho, contou-lhe a comadre, baixinho, a causa da prisão do Leonardo.

O velho riu.

— Bem feito!, disse.

— Agora eu queria que Vossa Senhoria fizesse o favor de falar por ele ao Senhor major Vidigal, que foi quem o prendeu... Coitado do homem: é uma vergonha; mas também ele não se emenda! E, prosseguindo, a comadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a história dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, todas as diabruras do menino que ela deixara e de que o padrinho tomara conta: passou depois a relatar todo o ocorrido com a cigana e voltou de novo à história da prisão, que contou e recontou vinte vezes, sem lhe escapar a mais pequenina circunstância. No fim tornou a fazer o seu pedido, a que o velho prometeu satisfazer, e então saiu ela recebendo no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde saiu estava encostado um cadete que lhe disse:

— Desejo que seja feliz; no dia do batizado, não se esqueça da gente.

— Não faço questão!, foi a única resposta que ela deu e passou.

Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leonardo, e por que se interessava por ele, o leitor saberá mais para diante. Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenas se achou na cadeia, lembrou-se da proteção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto; mandou por um colega chamar a comadre e a encarregou da missão de ir falar com ele, missão que ela aceitou de bom grado e que desempenhou, segundo vimos, satisfatoriamente.

O velho, apenas a comadre saiu, tomou o chapéu armado, pôs a espada à cinta e saiu, depois de ter contado aos companheiros o que acontece a quem vai tomar fortuna. Um deles, que era muito crédulo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso e prometeu também empenhar-se pelo Leonardo. Já vê pois o leitor que o negócio não estava parado e em breve saberá o resultado de tudo isto.

# Capítulo IX

## O “arranjei-me” do compadre

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava fazendo planos a respeito do afilhado e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se lembrava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar rumo à vida, achou-se em casa de um barbeiro que cuidava dele, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio à curiosidade indagá-lo.

Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inédito milagre, também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz ficou na casa do seu... Mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do criado, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troca disso o mestre lhe dava sustento e morada e pagava o que ele tinha já feito.

Quando passou de menino a rapaz e chegou a saber barbear e sangrar<sup>8</sup> sofrivelmente, foi obrigado a manter-se à sua custa e a pagar a morada com os bicos que fazia, porque o produto do trabalho grande pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém queriam ainda mais: exigiam que continuasse a empregar-se no serviço doméstico. Nasceu então na sua alma um arrepio de dignidade: já era oficial e não queria rebaixar o seu ofício. Fez-se forte e livrou-se de casa sem crise de consciência nem remorsos, pois bem sabia que estavam pagas as contas de parte a parte. Tinham-no criado; ele tinha servido. Também não encontrou grande resistência à sua decisão.

Apenas passou o primeiro impulso e teve tempo de refletir, quase começou a arrepender-se por não saber qual o meio de achar sustento. Viu-se na rua, sem saber para onde ir, tendo por única fortuna uma bacia de barbear embaixo do braço, um par de navalhas na algibeira. Verdade é que quem tinha consigo estes trastes estava com as armas e uniforme do ofício; porém isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite na casa de um colega e, no dia seguinte ao amanhecer, tomando as suas ferramentas, saiu em busca do que fazer para aquele dia e do destino para os outros que se iam seguir. Achou ambas as coisas; uma trouxe a outra.

No Largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba: mãos à obra, que já naquele dia não morria de fome. Todo barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e sorte. O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se do comércio de negros; era um dos comboios que traziam fornecimento para o Mercado do Valongo<sup>9</sup> e estava pronto para sair.

— Ó, mestre!, disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estaria bem se quisesse ir conosco para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

---

<sup>8</sup> Antigamente, acreditava-se que certas doenças eram curadas retirando-se o sangue do paciente.

<sup>9</sup> Local onde se comercializavam escravos no Rio de Janeiro.

- Homem, eu de cirurgia não entendo muito...
- Pois já não disse que sabe também sangrar?
- Sim...
- Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra afora: a sorte tinha-lhe dado o meio, agora era saber aproveitá-lo; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... Sangrou os doentes e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isso ganhou imensa reputação e começou a ser considerado.

Chegaram da feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente e voltaram para o Rio. Graças à lâmina do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do assunto.

Poucos dias antes de chegar ao Rio o capitão do navio adoeceu; no começo nem ele nem alguém teve a menor dúvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria; porém repentinamente o negócio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir coisa alguma. No fim do quarto dia convenceram-se todos e o próprio doente capitão de que estava chegada a sua hora. Nem por isso porém culparam o nosso homem.

— Ali não há sangria que o salve, diziam; chegou a sua vez de bater as botas... Deve ir.

O capitão teve de fazer suas últimas recomendações e, como dissemos, tendo o médico cativado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenhá-las. O capitão chamou-o à parte e em segredo lhe entregou uma cinta de couro e uma caixa de pau repletas de um bom par de pedras de ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entregar, quando chegasse à terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o também de receber o pagamento daquela viagem e lhe dar o mesmo destino. Eram estas suas únicas e últimas vontades que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso. Poucas horas depois expirou.

Desse dia em diante nenhum só doente escapou mais, porque o médico já não sangrava tanto; andava preocupado, distraído, e assim levou até chegar à terra. Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem e que não embarcaria mais. Quanto às ordens do capitão... Histórias; quem é que havia de vir tomar conta disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os únicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma coisa eram os marinheiros; porém estes partiram em breve de novo para a Costa.

O compadre decidiu instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez. Eis aqui como se explica o “arranjei-me” e como se explicam muitos outros que vão aí pelo mundo.

# Capítulo X

## Explicações

O velho tenente-coronel, apesar de cheio de qualidades e bom, não deixava de ter na consciência um par de pecados, desses que se chamam da carne e que não serão cobrados hoje, que a idade o tornara inofensivo, porém, no tempo da sua mocidade: o resultado de um deles fora um filho que deixara em Lisboa, fruto de um derradeiro amor que tivera aos 36 anos. Por castigo em nada havia ele saído ao pai, e nem os conselhos, nem os cuidados, nem o exemplo deste puderam encaminhá-lo por bons caminhos. Aos 20 anos, tendo ingressado no serviço militar, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento. Custara bastantes vergonhas ao pobre pai, que cuidadoso procurava sempre por todos os meios encobrir seus defeitos e remediar as gentilezas que fazia, pagando por ele dívidas de jogo, abafando as desordens e curando com ouro as brechas que ele fazia na cabeça de seus adversários. Houve, porém uma vez que as circunstâncias e mesmo a natureza do caso não permitiram que tivesse remédio. Poucos dias antes de embarcar para o Brasil em companhia del-rei, estando o infeliz pai em preparativos de viagem, viu entrar pela porta adentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida segundo o costume das mulheres da baixa classe do país, com uma saia azul por cima de um vestido de chita, um lenço branco dobrado

triangularmente sobre a cabeça e preso embaixo do queixo e uns grossos sapatões nos pés. Parecia estar agitada e com raiva: seus olhos pequenos e azuis faiscavam de dentro das órbitas afundadas pela idade, suas faces estavam vermelhas e brilhantes, seus lábios frágeis e contraídos apertavam-se violentamente um contra o outro, como se prendessem uma chuva de injúrias e tornando mais sensível ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado. Apenas se achou ela em frente do capitão (era este o posto que o velho tinha nesse tempo), foi-se chegando para ele com ar decidido e enfurecido. O capitão recuou instintivamente um passo.

— Ah! Senhor capitão, disse ela por fim pondo as mãos no quadril, colocando a boca muito perto do rosto dele e abanando raivosa a cabeça; olhe que isto não está direito; faz-me perder a cabeça... Põe-me os miolos para ferver... E eu estouro... Já viu!...

— Mas o que há então, mulher?... Eu não lhe conheço...

— Não quero saber de nada... Já lhe disse que isto não está bem... E eu estouro...

— Mas por quê?... O que é que tem?... É preciso que você diga...

— Não tenho nada a dizer... Estouro, já lhe disse, Senhor capitão!...

— Pois estoure, com trezentos diabos! Mas ao menos diga pelo que é que estoura.

— Não tenho nada a dizer... Já lhe disse... isto faz da cabeça da gente uma cebola podre, não serve para nada... Ir lá com ares de santo comprar frutas...

— Quem, mulher de Deus? Você não se explicará?

— Que explicar, nem meio explicar! Pois então por eu ser uma mulher velha, que já perdeu os arranjos do mundo, e ela uma pobre moça tola e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, o senhor vem enganar minha bochecha e a ela em lugar ainda mais delicado...

— Mas quem é que enganou a você e a ela? E quem é ela?...

— Faz de novo!, continuou a mulher descontrolando-se; pois o Senhor capitão já não tinha concordado com o casamento?

— Que casamento? Com quem?

— Ai, ai, ai, que minha cabeça anda como uma roda solta... Pois o Senhor capitão não sabe que tem um filho?...

— Sim, sei, respondeu este começando a descobrir o mistério.

— E não sabe que ele é um pedaço de um mau caráter!...



A isso o capitão podia responder afirmativamente, porém não se animou a fazê-lo e perguntou somente:

— E que mais?

— E não sabe também que eu tenho uma filha que trouxe do Lumiar, a Mariazinha?

— Como, se eu nem a conheço?...

— Pois é uma moça muito capaz... E o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a se entender com ela muito tempo: namoro para cá, namoro para lá, presentes daqui, promessas dacolá... E afinal de contas... pow!... E então, que lhe parece?

O capitão foi às nuvens.

— Até lhe prometeu casamento, dizendo que o Senhor capitão concordava... Ora eu bem sei que ela também teve sua culpa. Mas eu desculpo isso, porque também já fui moça e sei que quando começa o diabo no corpo, adeus! Mas isto deixa a gente tonta, porque... Enfim a moça podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha compreendido tudo e, por mais algumas explicações que se seguiram, viu-se reduzido ao maior aperto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediável. A mulher tinha toda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma feirante... Isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o soldo de cadete não poderia sustentar mulher e casa, restando além disso a dúvida se ele estaria ou não a favor disso... Despediu a velha, não sem lhe prometer que providenciaria tudo.

— Olhe, veja lá, disse ela ao sair; se o negócio não se arranja, eu estouro!

O pobre homem ficou em apuros; foi falar com a ofendida e procurou, oferecendo-lhe alguma coisa para seu dote, fazer com que ela se calasse e que desistisse de suas pretensões; esta quis logo recusar, porém a mãe aconselhou-a que aceitasse, sem dúvida com medo de estourar. Deste modo ficou o caso um pouco remediado, pois a consciência do capitão, que era de homem de honra, não ficara de modo algum satisfeita. O tempo porém não dava lugar para mais nada; era chegado o momento de acompanhar el-rei, e ele partiu deixando o filho aos cuidados dos amigos que tinha. Decorreram os anos, e quando menos esperava ele soube que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Mariazinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ela para

satisfazer todos os seus zelos de pai honrado, porém quis fazê-lo ocultamente. Foi falar com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de avisá-lo quando sentisse que a Maria sofria qualquer necessidade. Nunca porém teve ocasião de exercer a sua boa vontade diretamente para com ela. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor na ocasião em que este se achava embaraçado por causa de uma irregularidade em uns processos e que a comadre o aconselhou a procurá-lo mesmo sem o conhecer, pois era muito bom homem e amigo de servir a todos.

Eis aqui por que o Leonardo se dirigiu no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermédio da comadre e por que este prometeu empenhar-se por ele, o que com efeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre saiu, ele saiu também e foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigiu-se primeiro à cadeia para colher do próprio Leonardo todas as informações e então pôde ver que as que lhe tinha dado a comadre eram muito exatas e que ela não deixara escapar o menor detalhe. O Leonardo repetiu e confessou tudo o que ele já sabia, embaraçado e envergonhado; e, ao despedir-se o velho:

— Senhor tenente-coronel, disse-lhe ele, Vossa Senhoria já me livrou de uma que não era culpa minha; livre-me desta também. Olhe que minha honra está comprometida.

O Leonardo esquecia-se da teoria da Maria.

— A honra não, respondeu o velho, o que está comprometido é o seu juízo: vão dizer (e eu sou o primeiro) que você está doído.

— Fugi de uma camponesa e fui cair numa cigana... Tem razão!...

O velho saiu sorrindo. Daí dirigiu-se à casa de um amigo seu, fidalgo de valimento, para dele obter a soltura do Leonardo. Morava ele em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada com pequenas janelas que se abriam discretamente, sem que ninguém de fora pudesse ver quem a eles chegava.

A poeira amontoada e as paredes encardidas pelo tempo davam à casa um aspecto triste no exterior; quanto ao interior, andava pelo mesmo jeito. A sala era pequena e baixa; a mobília era toda de jacarandá e feita no gosto antigo; todas as peças eram enormes e pesadas; as cadeiras e o sofá, de pés em arco e

encostos altíssimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofa e a palhinha.

Quem quiser ter **ideia** exata destes móveis procure nas salas de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns deles.

As paredes eram enfeitadas por uma dúzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavam ver em seu interior paisagens e flores feitas de conchinhas de todas as cores, que não eram totalmente feios, porém que não tinham certamente o valor que se lhes dava naquele tempo. À direita da sala havia sobre uma mesa um enorme oratório no mesmo gosto da mobília.

Havia finalmente em um canto uma palma benta, dessas que se distribuem no domingo de ramos; e se o leitor agora achar tudo isto coberto por uma densa camada de poeira, terá **ideia** perfeita do lugar em que foi recebido o velho tenente-coronel, que era semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demoramos em descrevê-lo.

Sem se fazer esperar muito, apareceu o dono da casa: era um homem já velho e de cara um pouco ingrata; vinha de tamanhos, sem meias, com roupas de casa e um casacão de lã xadrez sobre os ombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão.

Em poucas palavras o velho expôs-lhe o caso e lhe pediu que fosse falar com el-rei em favor de Leonardo.

No começo ele opôs algumas dúvidas, dizendo:

— Homem, pois eu devo ir a palácio por causa de um meirinho? El-rei vai rir do meu afilhado.

Afinal, porém, teve de ceder à amizade e prometeu tudo. O velho saiu satisfeito e foi levar a novidade ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e ele foi posto na rua. Acreditara que tinha acabado de passar pelo pior dos suplícios, porém insuportáveis torturas começaram para ele no dia em que saiu da cadeia: a zombaria, o sarcasmo, o riso dos companheiros seguiu-o por muitos dias, sem parar e martirizando-o.



# Capítulo XI

## Progresso e atraso

Dadas as explicações do capítulo precedente, voltemos à nossa celebridade, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa notícia: o menino desempacara do F e já se achava no P, onde por uma infelicidade empacou de novo. O padrinho anda contentíssimo com este progresso e vê clarear-se o horizonte de suas esperanças; declara positivamente que nunca viu menino de melhor memória do que o afilhado, e cada lição que este dá aprendida de quatro em quatro dias pelo menos é para ele um triunfo. Há porém uma coisa que o entristece no meio de tudo: o menino tem para a reza, e em geral para tudo que diz respeito à religião, uma aversão decidida; não é capaz de fazer o pelo-sinal da esquerda para a direita, fá-lo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de toda a paciência e boa vontade, **fazê-lo** repetir de cor sem errar ao menos a metade do padre-nosso; em vez de dizer “venha a nós o vosso reino”, diz sempre “venha a nós o pão nosso”. Ir à missa ou ao sermão é para ele o maior de todos os sofrimentos, e isto faz com que o padrinho se desespere às vezes e até chegue a concordar com a comadre, que o menino não tem jeito para clérigo; porém são nuvens passageiras; sempre há isto ou aquilo que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.



SCHLOSSER

O que ele porém esperava não esperavam todos, e ninguém via no menino senão um futuro vadio da primeira grandeza; quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquela a quem ele chamava o olho-grande do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de valentona, presunçosa, e que se gabava de não ter papas na língua: era viúva e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Inoportuna e amiga de contrariar, não perdia ocasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado, declarando que não lhe via jeito para coisa nenhuma, que não queria o fim que ele havia de ter e que quando ele crescesse o melhor remédio era dar com os ossos a bordo de um navio. O barbeiro se desesperava com isso; por muito tempo conseguiu conter-se, porém um dia não pôde mais e endoidou com a sujeita. Chegando por acaso à porta da loja, a vizinha que estava à janela disse-lhe em tom de zombaria:

— Então, vizinho, como vai o seu reverendo?

Um velho que morava defronte, e que também se achava à janela, riu com a pergunta.

O compadre foi às nuvens, sua calva avermelhou-se, franziu a testa, porém fez que não tinha ouvido. A vizinha pôs-se também a rir, percebendo o golpe, e acrescentou:

— Padre amigo da farra... Tem que ver... Quando vai ele outra vez à casa dos ciganos?

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou:

— Então ele já recita o padre-nosso?

O compadre perdeu o controle completamente; e, estudando uma ofensa bem grande para responder, disse afinal:

— Já, sim, senhora intrometida com a vida alheia... Já sabe o padre-nosso, e eu o faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido que está a esta hora dando coices no inferno!

— Hein? O que é que você diz, senhor raspa-barbas? Você mete terceiros na conversa?, disse a vizinha agitando-se; olhe que esse de quem você fala nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabelos... Não se meta comigo que lhe direi as últimas e colocarei seus podres na rua... Coices no inferno!!! Ora, pode? Um santo homem... Coices no inferno... Pois agora saiba, porque eu não tenho papas na língua, que o tal seu afilhado das dúzias é um pedaço de um malcriado muito grande, que vai desonrar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque ele é de má

raça... Já ouviu? Não se meta comigo...

— E você, respondeu o compadre enquanto a vizinha tomava fôlego, por que se mete com o que não é da sua repartição?

Ela prosseguiu:

— Me meto, sim; não é da sua conta, nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que você tem contra uma criança inocente que nunca lhe fez mal?

— Tenho muito, porque com pedras não me deixa os telhados, faz caretas quando me vê na janela e me trata como se eu fosse alguma camponesa ou mulher de barbeiro. Digo-lhe e repito-lhe... aquilo tem maus modos, e não vai ter bom fim.

— Está bom, senhora, respondeu o compadre que tinha bom gênio e que só fora levado àquele excesso pelo amor do afilhado; basta de discórdia, olhe a vizinhança.

— Ora, tomara a vizinhança ver-se livre do tal diabo...

O menino chegou nessa ocasião à porta e, pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço e abanando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetiu:

— Ver-se livre do tal diabo...

O compadre achou tanta graça que se deu por vingado e desatou a rir.

— Ah!, disse a vizinha, agradece a boa vontade, meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa; a culpa tem quem te dá ousadias.

— A culpa tem quem te dá ousadias, repetiu o menino imitando. O compadre ria à beça.

A vizinha desesperada bateu com a porta e se recolheu, porém por muito tempo falou em voz alta, de maneira que toda a vizinhança ouvia, dizendo todo tipo de ofensa que lhe veio à cabeça contra o barbeiro e o menino.

— O pequeno extrapolou, disse este consigo, vingou-me desta; agora falta-me aquele velho de defronte que também a acompanhou no riso; mas não faltará ocasião.

O barbeiro esqueceu de nos dizer que, apesar de ter sabido, pouco se importara com a prisão do Leonardo e, referindo-se à causa da infelicidade deste, dissera apenas:

— É bem feito, para ele não se deixar arrastar para toda a parte agarrado em todo rabo de saia que lhe aparece.

Nem foi à cadeia visitá-lo, nem levar-lhe o filho para tomar



a bênção, o que a comadre muito reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter posto na rua o Leonardo, bem informado, como sabe o leitor, pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua proteção e acreditou que, se conseguisse felicitá-lo, lavaria seu filho do pecado de ter desonrado a Maria. Por intermédio da comadre mandou oferecer ao compadre seu préstimo em favor do pequeno, mandou-lhe propor até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre porém não esteve a favor disso de modo nenhum e, se prometeu aceitar para qualquer outra coisa a proteção do tenente-coronel, foi por causa da comadre.

— Não quero, dizia ele, que me roubem o gosto de tê-lo feito gente; comecei a minha obra, vou acabá-la.

— Homem, argumentara a comadre, você faz mal; olhe que o velho é homem importante; veja como ele com duas voltas e meia pôs o Leonardo na rua.

— Nada, não vou dar o gostinho aqui a este bando da vizinhança; eu mesmo vou fazer a coisa por minhas mãos. Se o tenente-coronel quiser fazer alguma coisa por ele, aceito; mas, quanto a tirá-lo da minha companhia, isso nunca. Agora já é teima; vou levar a minha avante.



# Capítulo XII

## Entrada para a escola

É necessário agora passar em silêncio sobre alguns anos da vida do nosso célebre para não cansar o leitor repetindo a história de mil travessuras de menino iguais às que já se conhecem; foram diabruras de todo o tamanho que agitaram a vizinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em coisa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado: cada vez esta aumentava, se era possível, tornava-se mais cega. Com ele cresciam as esperanças do belo futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e ainda mais porque durante este tempo ele fizera *alguns* progressos: lia soletrando com dificuldade e, para inédito triunfo da paciência do compadre, aprendera a ajudar a missa. A primeira vez que ele conseguiu praticar semelhante ato com decência e exatidão, o padrinho comemorou; foi um dia de orgulho e de prazer: era o primeiro passo no caminho para o qual ele o destinava.

— E dizem que não tem jeito para padre, pensou consigo; ora, acertei o alvo. Ele nasceu mesmo para aquilo, vai ser um clérigo dos bons. Vou tratar de colocá-lo na escola, e depois... toca.

Realmente foi cuidar disso e falar ao mestre para receber o pequeno; este morava em uma casa da rua da Vala, pequena e escura. O barbeiro foi recebido na sala, que era mobiliada por

quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre e outra maior onde escreviam os discípulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no teto havia pendurada uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e formas, dentro das quais pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predileta do pedagogo.

Ele era um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, muito calvo; usava óculos, era metido a especialista em latim e dava bolos nos discípulos por qualquer coisa. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco zangado com aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era sábado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quase todos de jaqueta ou casaca, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel: chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma zorra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado àquilo, escutava sem fazer nada, com uma enorme palmatória na mão, e o menor erro que algum dos discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro cometido e dava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orquestra ensinando a marcar o compasso. O compadre falou, no meio do ruído, o objeto de sua visita, e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memória; soletra já alguma coisa, não deve lhe dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se quiser me dar, tenho aqui o remédio; santa palmatória!, disse o mestre erguendo a palmatória.

O compadre sorriu, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— É verdade: faz até as feras virarem santos, disse traduzindo. O mestre sorriu da tradução.

— Mas espero que não seja necessária, acrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira ele vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e

já o viu na porta da rua prestes a sair, pois que ali não se achava muito bem.

— Então, menino, sai sem tomar a bênção do mestre?...

O menino voltou constrangido, tomou de longe a bênção, e saíram então.

Na segunda-feira o menino voltou armado com a sua competente pasta a tiracolo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro; o padrinho o acompanhou até a porta. Logo nesse dia comportou-se de tal maneira que o mestre não pôde dispensar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara: declarou desde esse instante guerra à escola.

Ao meio-dia o padrinho veio buscá-lo, e a primeira notícia que ele lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquela tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?

— Mas não é preciso apanhar...

— Pois você já apanhou?!

— Não foi nada, não, senhor; foi porque entornei o tinteiro na calça de um menino que estava junto de mim; o mestre brigou comigo, e eu comecei a rir muito...

— Pois você vai rir quando o mestre briga...

Isto contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?... Mas não havia reclamações, o que o mestre fazia era **benfeito**. Custou-lhe convencer o menino a voltar nessa tarde à escola, o que só conseguiu com a promessa de que falaria ao mestre para que ele não lhe batesse mais. Isto porém não era coisa que se fizesse, e não foi senão uma trapaça para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola, e por nada queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e o pôs de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distraidamente e surpreendeu-o no momento em que ele erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo e deu-lhe uma dúzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promete muito...

O menino resmungando dirigiu-lhe todos os xingamentos que sabia de cor. Quando o padrinho voltou de novo para buscá-lo, achou-o com intenção firme e decidida de não se deixar enganar outra vez e de nunca mais voltar, ainda que o partissem.

Memórias de um Sargento de Milícias

O pobre homem zangou-se com o caso.

— Ora, logo no primeiro dia!, disse consigo; isto é praga daquela maldita mulher... Mas vou teimar, e vamos ver quem vence.

# Capítulo XIII

## Mudança de vida

À custa de muitos trabalhos, de muitos cansaços e, sobretudo, de muita paciência, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante dois anos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda pior. Em todo este tempo não se passou um só dia em que ele não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e apesar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o fora para com ele: o menino tinha desenvoltura, e isto, junto com as vontades que lhe fazia o padrinho, resultava na mais refinada má-criação que se pode imaginar. Achava ele prazer em desobedecer a tudo que se lhe ordenava; se quisessem que estivesse sério, ria com o maior gosto do mundo; se quisessem que estivesse quieto, parecia que uma mola oculta o movia e fazia com que desse uma ideia pouco mais ou menos aproximada de continuidade sem fim. Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa sua durou mais de 15 dias: era tido na escola como o mais refinado malandro; vendia aos colegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou dos outros, contanto que lhe caísse nas mãos: um lápis, uma pena, um registro, tudo era da sua conta; o dinheiro que apurava usava sempre do pior modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas e não precisava mais que ele o acompanhasse;

no primeiro dia em que o padrinho concordou que ele fosse sozinho gazeou a aula; tomou depois gosto desse hábito e em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o apelido de gazeador-mor da escola, o que também queria dizer apanha-bolos-mor. Um dos principais pontos em que ele passava alegremente as manhãs e tardes em que fugia da escola era a igreja da Sé. O leitor compreende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na Sé à missa, e mesmo fora disso, reunia-se gente, sobretudo mulheres de véu, de quem tomara particular zanga por causa da semelhança com a madrinha, e é isso o que ele queria, porque internando-se na multidão dos que entravam e saíam, passava despercebido e tinha segurança de que o não achariam com facilidade se o procurassem.

Pelo hábito de **frequentar** a igreja tomara conhecimento e tinha feito estreita amizade com um pequeno sacristão, que, digamos de passagem, era tão boa-peça como ele; apenas se encontravam e limitavam-se a trocar olhares significativos enquanto o amigo andava ocupado no serviço da igreja; assim, porém que se acabavam as missas e que as verdadeiras beatas saíam, reuniam-se os dois e começavam a contar suas diabruras mais recentes, fazendo plano de mil outras novas. Para ser agradável, ou antes para provar a decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeador algo, e faziam juntos o serviço e as malandragens: a menor que faziam era irem de altar em altar bebendo todo o vinho, o que lhes acendia mais o desejo de traquinar.

Esta vida durou por muito tempo; porém afinal as traquinagens já eram tão repetidas que o padrinho se viu forçado a acompanhá-lo outra vez todos os dias para a escola, o que fez todos os planos dos dois. O nosso futuro clérigo tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido, como o seu companheiro, com uma batina e uma sobrepeliz, e feito também sacristão, tendo a toda hora à sua disposição quantas coisas quisesse, ter como sua e de seu amigo toda a igreja, poder nos dias de festa, tomando o turíbulo<sup>10</sup>, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na ocasião da missa. Oh!, isto era um sonho de felicidades! Vendo-se privado, depois que o padrinho o acompanhava, de aproveitar parte destes prazeres, como fazia nos dias de

---

<sup>10</sup> Recipiente de metal usado para queimar incenso em eventos religiosos.



fugida, incendiaram-se seus desejos, e começou a confessá-los ao padrinho, dando a entender que não havia de que gostasse tanto como a igreja, para a qual, dizia ele, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho uma alegria, porque neste gosto recente do pequeno via futuro para os seus projetos.

— Eu bem dizia, pensava consigo; não tem dúvida, vou adiante; o rapaz está me satisfazendo completamente.

Afinal o menino tomou um dia uma última decisão e propôs ao padrinho que o fizesse sacristão.

— Isso seria muito bom, disse ele, a fim de acostumar-me para quando for padre.

No começo a **ideia** deslumbrou o padrinho, porém mais tarde veio a reflexão, e pensou que seria rebaixar o menino e comprometer a sua dignidade futura. Porém foram tantos os pedidos e argumentos do pequeno que se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e saía da escola, poupando assim as remessas diárias de bolos.

— Está bem, dissera consigo o padrinho, ele já sabe ler alguma coisa e escrever: deixo-o, para fazer sua vontade, algum tempo na Sé, para que também tome mais amor àquela vida e, depois, assim que o vir com o juízo mais ajustado, vou adiante com a coisa. Foi por isso procurar aquele sacristão da Sé que dançara o minuete na festa do batizado, que era nada menos do que o pai do sacristãozinho com que o nosso pequeno travara amizade, para arranjar o afilhado, que não queria outra igreja que não fosse a Sé. Felizmente ele pôde ser admitido; com a prática que tivera dos dias de gazeio aprendera pouco mais ou menos todo o cerimonial que é necessário a um sacristão: ajudar a missa ele já sabia, nas outras coisas aperfeiçoou-se em pouco tempo.

Em poucos dias aprontou-se e, em uma bela manhã, saiu de casa vestido com a batina e sobrepeliz e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar, a vizinha dos maus azares soltou uma exclamação de surpresa, supondo alguma besteira do compadre; porém reparando, compreendeu o que era, e deu uma gargalhada.

— E que tal?!... Deus vos guarde, Senhor pároco, disse fazendo um cumprimento.

O menino lançou um olhar de revés e respondeu com os

dentes cerrados:

— Eu sou pároco vou te curar...

Era aquilo uma promessa de vingança.

— Ora pode?, continuou a vizinha consigo mesma; aquilo na igreja é um pecado!

O menino chegou à Sé ofegando de contente; a batina parecia a ele um manto real. Por sorte houve logo nesse dia dois batizados e um casamento, e ele teve assim ocasião de entrar no pleno exercício de suas funções, em que começou revestindo-se da maior seriedade deste mundo. No outro dia porém o negócio começou a mudar de figura, e as brincadeiras pesadas começaram. A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno ficar com uma tocha, e ao companheiro, com o turíbulo ao pé do altar. Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino prometera *curar*, sem pensar no que fazia colocou-se perto do altar junto aos dois. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Daí a pouco os dois colocaram-se disfarçadamente em distância conveniente e de tal maneira que ela ficou mais ou menos atrás de um deles e com o outro adiante. Começaram então os dois uma grande obra: enquanto um, tendo enchido o turíbulo de incenso e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendiam fossem bater em cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava sobre as costas de seu véu manchas redondas de cera derretida, olhando disfarçadamente para o altar. A pobre mulher se agitou e disse-lhes não sabemos o quê.

— Estamos te curando, respondeu o menino **tranquilamente**.

Vendo que não adiantava, quis a devota mudar de lugar e sair, porém o aperto era tão grande que não pôde e teve de aturar o sofrimento até o fim. Acabada a festa, dirigiu-se ao mestre de cerimônias e fez uma enorme queixa, que custou aos dois uma tremenda bronca. Pouco porém se importaram com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.

# Capítulo XIV

## Nova vingança e seu resultado

A bronca que o mestre de cerimônias passara nos dois pequenos em razão do que haviam feito à pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum efeito sobre eles no sentido de **ajeitá-los**; não perdoaram porém a humilhação que sofreram diante da sua vítima e sua vingança; na primeira ocasião que tiveram, foram à forra, pregando também uma peça no mestre de cerimônias.

O caso foi assim: o mestre de cerimônias era um padre de meia-idade, de figura menos má, filho da Ilha Terceira, em Portugal, porém que se dava por natural de Lisboa. Tinha se formado em Coimbra; por fora era um completo São Francisco de seriedade católica, por dentro devasso, que podia por si só fornecer a Bocage<sup>11</sup> assunto para um poema inteiro; era pregador que buscava sempre por assunto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era tão sensual que não suporta feiúra. O público ignorava talvez semelhante coisa, porém isso não acontecia aos dois meninos, que andavam a par de tudo: o mestre de cerimônias, confiante de que pela sua pouca idade dariam eles pouca atenção a certas coisas, tinha algumas vezes os empregados ao seu serviço, mandando recados a certa pessoa, que, saiba o leitor em segredo, era nada menos do

<sup>11</sup> Poeta português.

que a cigana, objeto dos últimos cuidados do Leonardo, com quem Vossa Reverendíssima vivia há certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as aparências da decência.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de cerimônias era sempre o pregador: era no sermão desse dia que o homem se empregava, muito tempo antes, pon-do abaixo a livraria e fazendo um enorme esforço de inteligência (que não era nele coisa muito vigorosa). Já se vê pois que ele devia amar o seu sermão tanto que quase explodiu de raiva em um ano em que, por estar doente, não pôde pregar. Entendia que todos o ouviam com máximo prazer, que o povo se abalava à sua voz: enfim, aquele sermão anual era o meio por que ele esperara chegar a todos os fins, de que achava ser toda a sua elevação futura; era o seu talismã. Digamos entretanto que era mau caminho o tal sermão, porque, ele se podia demonstrar alguma coisa, era a insuficiência do padre para qualquer coisa desta vida, ex-ceto para mestre de cerimônias, em que ninguém o desbancava. Pois foi nesse ponto delicado que os dois meninos buscaram **feri-lo**, e o acaso os favoreceu, superando muito os seus desejos e esperanças e fazendo a sua vingança completíssima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia três ou quatro dias antes que o mestre de cerimônias não saía de casa, empregado em decorar a importante fala. Foi o nosso sacristão calouro encarregado de ir avisá-lo da hora do sermão. Chegou à casa da cigana, onde o padre costumava estar; bateu e, apesar de todas as recomendações que costumava ter, disse em voz alta:

— O Reverendíssimo mestre de cerimônias está aí?

— Fale baixo, menino, disse a cigana de dentro da janelinha da porta. O que você quer com o Senhor padre?

— Precisava muito falar com ele por causa do sermão de amanhã.

— Entra, entra, disse o padre que o ouvira.

— Venho dizer a Vossa Reverendíssima, disse o menino entrando, que amanhã às dez horas deve estar na igreja.

— Às dez? Uma hora mais tarde do que de costume...

— Justo, respondeu o menino sorrindo internamente de alegria e saiu.

Foi logo dali dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha saído completamente como desejava, pois o que ele queria era que o padre faltasse ao sermão, e, por isso, encarregado

de lhe indicar a hora, a trocara, e em vez de nove dissera dez.

Organizaram-se as coisas; postou-se a música de barbeiros<sup>12</sup> na porta da igreja; andou tudo em rebuliço: às nove horas começou a festa.

As festas daquele tempo eram feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, com relação a certos respeitos, do que as de hoje: tinham entretanto alguns lados cômicos; um deles era a música de barbeiros à porta. Não havia festa em que se passasse sem isso; era quase tão essencial como o sermão; o bom é que não havia nada mais fácil de arranjar; meia dúzia de aprendizes ou oficiais de barbeiro, negros, armados, este com um pistão desafinado, aquele com uma trompa diabolicamente rouca, formavam uma orquestra desconcertada, porém barulhenta, que fazia as delícias dos que não cabiam ou não queriam estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seus caminhos regulares; porém quando foi se aproximando a hora, começou a dar preocupação a demora do pregador. Fez-se mais esta cerimônia, mais aquela, e nada de aparecer o homem. Despachou-se com toda pressa um dos meninos que não entrara na festa para ir procurar o padre; ele deu duas voltas pela vizinhança e veio dizendo que não o tinha encontrado. Foi um embaraço; não havia remédio; era preciso um sermão, fosse como fosse.

Estava assistindo à festa um capuchinho italiano, que, por bondade, vendo o aperto geral, ofereceu-se para improvisar o sermão.

— Mas Vossa Reverendíssima não fala a língua da gente, alertaram-lhe.

— *Capisco!*, respondeu este, *ed la necessità!*...<sup>13</sup>

Depois de alguma perplexidade aceitaram-se finalmente os bons ofícios do capuchinho, e ele foi levado ao púlpito. Os meninos triunfantes sorriam um para o outro. Assim que o pregador apareceu houve um murmúrio geral; os gaiatos sorriam contando já com a vantagem que dali tirariam para um bom par de risadas; algumas velhas prepararam-se para um grande arrependimento quando viram as imensas barbas do pregador; outras menos crentes, vendo que o orador não era acostumado, exclamaram despeitadas:

---

<sup>12</sup> Música tocada no Brasil colonial por um conjunto de escravos que tinham profissão de barbeiro e de músico.

<sup>13</sup> Em tradução livre: “Entendo, respondeu este, as necessidades!...”.

- Arrenego!
- Deus me perdoe.
- Pois aquilo é que prega hoje?...

Apesar porém de tudo isto, a atenção foi profunda e geral, animando em todos uma grande curiosidade. O orador começou: falava já há um quarto de hora sem que ninguém ainda tivesse entendido nada: algumas velhas já começavam a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente viu-se abrir a porta do púlpito e aparecer a figura do mestre de cerimônias, lavado em suor e vermelho de raiva; foi um sussurro geral. Ele adiantou-se, afastou com a mão o pregador italiano, que, surpreendido, parou um instante e entoou com voz rouca e estrondosa o seu *per signum crucis*<sup>14</sup>. Àquela voz conhecida o povo despertou do aborrecimento, benzeu-se e se dispôs a escutá-la. Nem todos porém foram desta opinião; entenderam que devia deixar o capuchinho acabar, e começaram a murmurar. O capuchinho não quis ceder de seu direito, e prosseguiu na sua arenga. Foi uma verdadeira cena de comédia, de que a maioria dos circunstantes ria até não poder mais; os dois meninos, autores principais da obra, nadavam em um mar de rosas.

— *Ó, mei cari fratelli*<sup>15</sup>!, exclamava por um lado o capuchinho com voz de flauta e meiga, *la voce del la Providenza*<sup>16</sup>...

— *Semelhante às trombetas de Jericó*, rouquejava por outro lado o mestre de cerimônias...

— *Piage al cor*<sup>17</sup>... acrescentava o capuchinho.

— *Anunciando a queda de Satanás*, prosseguia o mestre de cerimônias.

E assim levaram por algum tempo os dois, acompanhados por um coro de risadas e confusão, até que o capuchinho resolveu abandonar o posto, murmurando despeitado:

— *Che bestia, per Dio!*<sup>18</sup>

Acabado o sermão, desceu do púlpito o mestre de cerimônias já um pouco calmo por ter conseguido fazer-se ouvir, porém ainda bastante furioso para vir prometendo arrancar

---

<sup>14</sup> Pelo sinal da cruz.

<sup>15</sup> Em tradução livre: “Ó, meus queridos irmãos!”.

<sup>16</sup> Em tradução livre: “A voz da providência...”.

<sup>17</sup> Em tradução livre: “Fere o coração...”.

<sup>18</sup> Em tradução livre: “Que besta, por Deus!”.



Memórias de um Sargento de Milícias

uma por uma as quatro orelhas dos dois pequenos, de quem desconfiava que partira o que acabava de sofrer. Chegou à sacristia, que estava cheia de gente; vendo os dois meninos investiu para eles e prendendo cada um com uma mão pela gola da sobrepeliz...

— Então... Então..., dizia com os dentes cerrados, a que horas é o sermão?

— Eu disse às nove, sim, senhor; pode perguntar à moça, que ela ouviu bem...

— Que moça, menino, que moça?, disse o padre agitado por haver tanta gente ouvindo aquilo.

— Aquela moça cigana, lá onde Vossa Reverendíssima estava; ela ouviu, eu disse às nove.

— Oh!, disseram os presentes.

— É falso, respondeu com força o mestre de cerimônias, largando os meninos para evitar novas explicações e dando satisfação aos presentes com protestos de ser falso o que os meninos acabavam de dizer.

Entretanto serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de cerimônias, sentado a um canto, pensava consigo:

— É que tal? Não ia perdendo o meu sermão deste ano por causa daquele endiabrado?! Depois que o maldito menino entrou para esta igreja, anda tudo aqui desorganizado! Ainda por cima dizer na frente de tanta gente que eu estava na casa da cigana! Nada... Vou dar com ele daqui para fora...

E realmente tratou de fazer com que os dois meninos, ou pelo menos o mais novo, fosse despedido. Sem muito custo conseguiu, porque por certo não tinha ele grandes simpatias.

Foi esta a pior peça que se podia pregar nele: ele estava como em um paraíso, e tiravam-no dele; e depois a maldita vizinha como não havia de ficar satisfeita vendo-o despedido, e a madrinha que se opusera formalmente à sua entrada para a Sé... Tudo isto fazia-o desesperar...

Não tinha ele se enganado em suas previsões; assim que chegou em casa e que se soube pela vizinhança do que se tinha passado, a vizinha, atingindo de jeito o compadre:

— Então, disse-lhe, eu não lhe tenho dito que aquilo tem maus modos?...

— Senhora, pelo amor de Deus, meta-se com a sua vida...



— Estou vingada... Pensava que o meu véu novo ficaria assim...

O compadre retirou-se para evitar nova desordem. A comadre, assim que soube também do ocorrido, veio falar com o compadre para dizer-lhe:

— Eu bem lhe digo; ele não serve para aquilo; é melhor pô-lo na Conceição; lá há mais ordem; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel...

O compadre porém não pareceu resolvido a aceitar o conselho.



# Capítulo XV

## Estralada

Apesar de tudo que havia já sofrido por amores, o Leonardo de modo algum queria se ajeitar; enquanto se lembrou da cadeia, dos soldados e do Vidigal esqueceu-se da cigana, ou antes só pensava nela para jurar esquecê-la; quando porém as piadas dos companheiros foram parando, a paixão começou a se renovar, e teve lugar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, esta última quase vencendo, quando uma descoberta maldita veio transtornar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz que o pusera fora de combate era o reverendo mestre de cerimônias da Sé! Subiu-lhe com isto o sangue à cabeça:

— Pois um padre!?... Dizia ele; é preciso que eu salve aquela criatura do inferno, onde ela está se metendo já em vida...

E começou de novo com as tentativas, as promessas, os partidos para com a cigana, que por coisa alguma queria dobrar-se. Um dia que a encontrou de jeito à janela abordou-a e começou a falar-lhe subitamente deste modo:

— Você está já em vida no inferno!... Pois logo um padre?!...

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou...

— Mas você está cometendo um pecado mortal... Está

colocando sua alma a perder...

— Homem, sabe que mais? Você para pregador não serve, não tem jeito... Eu, como estou, estou muito bem; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para coisa melhor...

— Pois então tem alguma coisa que dizer de mim?... Eu me verei vingado... E bem vingado.

— Ora!, respondeu a cigana rindo.

E começou a cantarolar uma modinha.

O Leonardo compreendeu que falar a ela do inferno e de castigos da outra vida nada adiantava e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faça uma, dê no que der...

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia aniversário; segundo o costume, assim que surgiu este pretexto, **armou-se** logo uma farra: não nos daremos ao trabalho de descrevê-la; em um dos capítulos antecedentes já viu o leitor o que isso era: viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo o que havia e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo ofício no Rio de Janeiro; havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro e iam a qualquer parte armar de propósito uma desordem, contanto que se pagasse, fosse qual fosse o resultado. Entre os honestos cidadãos que nisto se ocupavam, havia, na época desta história, um certo Chico-Juca, muito conhecido e temido. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-no logo “Chico”; porém tendo acontecido que ele conseguisse pelo seu braço tirar do trono da valentia um companheiro que era no seu gênero a maior reputação do tempo, e a quem chamavam “Juca”, juntaram este apelido ao seu, como honra pela vitória, e chamaram-no daí em diante “Chico-Juca”.

Este homem era o desespero do Vidigal; já tinha feito umas boas, porém ainda não tinha sido possível agarrá-lo. Os soldados conheciam-no de longe, porém nunca conseguiram pôr as mãos nele.

Tendo levado todo o dia vigiando, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de cerimônias, pela hora da ave-maria, quando ainda não tinha começado a função.

— Ah!, nem esta noite quer perder?! Pois sua cara será motivo de graça...

Saiu dali e foi direto procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em um boteco defronte do Bom Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabelo cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinelas pretas e um chapeuzinho branco de lado; sempre era amável, brincalhão, cheio de graça e piadas; porém nas confusões, era quase feroz. Como outros têm o vício da embriaguez, outros o do jogo, outros o do deboche, ele tinha o vício da valentia; mesmo quando ninguém lhe pagava, bastava que lhe desse na cabeça, armava brigas e só depois que dava pancadas suficientes é que ficava satisfeito; lucrava muito com isso: não havia dono de boteco que lhe não vendesse fiado e não o tratasse muito bem. Estava na porta do boteco sentado sobre um saco quando lhe apareceu o Leonardo.

— Olá, mestre gordinho!, disse ele assim que o viu; pensei que ainda estava de xilindró por causa da cigana...

— É por causa desse diabo mesmo que venho te procurar.

— Homem, cabeçada e murro sei eu dar, porém sorte, nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de sorte, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada...

— Ui!, temos dança?... Vai-te embora... Tu não és capaz de armar confusão... Sempre foste um podre!...

— Bem sei, eu não sou capaz... Mas tu... Tu que és mestre disto...

— Eu... Então por que diabo e onde queres tu que eu arme essa confusão?

— Não vais te arrepender, disse o Leonardo batendo significativamente com os dedos no bolso do colete.

O Chico-Juca entendeu o verso; carregou o chapéu um pouco mais para o lado, e pôs-se a escutá-lo com curiosidade. O Leonardo disse então o que queria: tratava-se nada menos do que o Chico-Juca ir nessa mesma noite, fosse como fosse, ao encontro da cigana e de armar ali por alta noite uma grande desordem: preveniu-o logo que o Vidigal havia de estar por perto; e assim, apenas estivesse armada a história, era dar no pé. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quis explicar, e também ele não teve grande curiosidade de saber: tratava-se de uma desordem; fosse qual fosse o motivo, estava sempre pronto. Assim, depois



de se negociar um pouco o preço, chegaram os dois a um acordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal e deu-lhe parte do que naquela noite haveria na casa da cigana e assegurou-lhe que a coisa acabaria em desordem. Portanto era necessário que o Senhor major por lá aparecesse para o que desse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer sua vingança; é justo. Irei lá, e não precisava a sua advertência, pois já sabia que havia hoje por lá aniversário e tinha intenção de aparecer.

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano saía às mil maravilhas e dispôs-se a se deliciar com o resultado, observando de lugar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia dúzia de modinhas e dançado por algum tempo quando o Chico-Juca apareceu e, por intermédio de um conhecido (ele os tinha em toda parte), foi introduzido na sala e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana entrava lá, demorava-se um pouco e saía; daí a pouco tornava a entrar levando consigo alguma das camaradas mais do peito, e tornava a sair; passado pouco tempo, entrava ainda levando outra amiga. Alguns reparavam nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. A festa continuava, e lá pela meia-noite, quando começava a ferver, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavam viola parar subitamente e, interrompendo o refrão da modinha que cantava, gritar enfurecido:

— Isto é demais... Deixo passar muita coisa... Menos essa, Senhor Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é aqui coisa minha...

O Chico-Juca estava realmente há mais de meia hora dirigindo graças a uma moça que ele bem sabia que era *coisa* do rapaz que estava tocando: tanto fez que este, tendo percebido, proferiu aquelas palavras que acabamos de ouvir.

— Você está sendo grosso?!, respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para ele. O rapaz, que não era fraco, pôs-se em pé e replicou:

— Já disse, nada de graças com ela!

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ela em cheio sobre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão. O Chico-Juca foi

atacado um pouco; porém ligeiro e destemido, distribuía a cada qual a sua porção de cabeçadas e pontapés: algumas mulheres meteram-se na briga, e davam e levavam como qualquer outro; outras porém desfaziam-se em festa. De repente o Chico-Juca saiu agitado pela porta fora e desapareceu.

Era hora, porque não se tinha passado muito tempo quando chegou à porta, que ele deixara aberta, a figura **tranquila** do Vidigal, rodeada por uma porção de soldados. O Chico-Juca tinha escapado, apesar de o terem visto quando saía, porque o major, sendo nessa ocasião poucos os soldados, não quis mandar **segui-lo** com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negócio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o viram, pararam todos aterrados.

— Então que briga é esta?, disse ele descansadamente.

Começaram todos a se desculpar como podiam; e, segundo o crédito que merecia sua reputação, era lhes distribuída a justiça: se era sujeito já conhecido, e que não era aquela a primeira em que entrava, ficava de lado, e um soldado tomava conta dele; os outros eram mandados embora. Neste ínterim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando sinais da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um soldado:

— Revista aquele quarto...

A cigana deu um grito; o soldado obedeceu e entrou no quarto: ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo de fora:

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante viu aparecer o soldado trazendo pelo braço o revendo mestre de cerimônias em ceroulas<sup>19</sup> curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivela e pano da cabeça. Apesar do modo como se achavam, todos riram: só ele e a cigana choravam envergonhados. Esta última pôs-se aos pés do Vidigal, mas ele foi inflexível; e o reverendo foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permitido colocar roupas mais decentes.

---

<sup>19</sup> Roupas íntima masculina.



# Capítulo XVI

## Sucesso do plano

Para sossegar os leitores, que estarão sem dúvida preocupados com o mestre de cerimônias, apressamo-nos a dizer que ele não chegou a ir para a cadeia; o Vidigal quis dar-lhe apenas uma amostra do pano e, depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecera ao Leonardo, para vistoria pública, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a **ideia** que tivera de ir assistir de dentro do quarto à festa dos anos da sua amante. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente; por pouco que a sua vingança não tinha sido completa: vira o seu rival, como já acontecera a ele próprio, preso pelos soldados, levado à casa da guarda, sofrendo aí a vistoria dos curiosos; faltara, é verdade, a surra e os dias de cadeia, porém também ele era um simples meirinho, e o mestre de cerimônias, um sacerdote respeitado, e por isso qualquer coisa bastava para feri-lo gravemente.

Além disso, o mestre de cerimônias, depois de sérias meditações, sabendo que ficara malvisto de seus companheiros pelo escândalo que dera, se bem que fosse certo não estar nenhum deles a tal respeito em condições de lhe atirar a primeira pedra, ouvindo um murmúrio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do lugar que exercia na Sé, decidiu abandonar a cigana, e assim o fez. Com isto o Leonardo deu-se de todo por satisfeito, e

renasceram suas esperanças de conquistar o antigo posto, uma vez que o principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não queria sem dúvida ficar por muito tempo disponível; e como ele tinha requerimento em caixa e tinha serviços atrasados, era provável que obtivesse despacho favorável, porque também ela ainda nem sonhava que tudo o que tinha acontecido pudesse ter sido obra sua.

Começou pois o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante: se a via na janela, ora parava na esquina a dirigir-lhe olhares suplicantes; passando por junto dela deixava ora escapar um magoadíssimo suspiro ou uma queixa amargurada. Todas essas cenas, desempenhadas por aquela figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, calção e chapéu armado, eram tão cômicas que toda a vizinhança se divertiu com elas por alguns dias. Alguns desavisados começaram, conversando das janelas, a atirar indiretas à cigana; esta ficou-se com isso, e foi essa a sorte do Leonardo. Um dia que ele passou ela sinalizou com o olho para que entrasse.

O Leonardo teve uma sensação inexplicável; seu rosto coloriu-se em todos os tons, desde o vermelho, que era sua cor habitual, até o roxo-enegrecido; depois baixou gradualmente até a palidez total; caminhando do lugar onde estava até a porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés; quando deu por si estava com os olhos rasos d'água nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que prometia ser dali em diante fiel até a morte, se bem que não se esquecia de declarar no meio de tudo que se o recebia de novo em sua casa era porque queria quebrar a castanha na boca daquelas más-línguas da vizinhança que se estavam metendo com a sua vida. O pobre homem não cabia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo que acaba de livrar do poder do inimigo uma praça sitiada.

Enfim reataram-se de todo os laços frouxos.

O Leonardo caiu em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a demanda; isto custou-lhe uma tremenda zombaria de todos, e sérias repreensões de alguns. Mas com coisa alguma se importava naquela ocasião: a felicidade o cegava a ponto de não ver aquilo que estava entrando pelos seus olhos.

A comadre, apenas soube do que havia sucedido, foi

procurar o Leonardo, e começou um longo sermão para convencê-lo que tinha dado um passo errado.

— Pois, compadre, disse-lhe ela, você não se ajeitou ainda!...

— Que, história, eu sou doido por estas coisas.

— Mas, homem, você não tem se dado bem nem com as camponesas nem com as ciganas; por que antes não procura uma filha aqui da terra?

A comadre tinha uma sobrinha que vivia em sua companhia, e que lhe pesava muito sobre as costas; desde há muito nutria por isso uma **ideia** de que o leitor mais tarde terá conhecimento quando ela se realizar, ou antes disso, se a perceber pelas palavras da comadre.

— Nada, não gosto dessa gente...

— Não tem razão; há por aí muita moça boa; é verdade que o que elas querem são os favores...

— É por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de algumas outras tentativas a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada; ela contava com a cigana para ajudá-la a realizar o seu plano, e o leitor verá adiante que tinha razão.

Quanto ao nosso ex-sacristão, continuava ainda sem destino, o que muito incomodava o compadre, mas que nem por isso o desanimava. Coimbra era a sua **ideia** fixa, e nada a arrancava da sua cabeça. Até o próprio velho tenente-coronel já lhe tinha ido pessoalmente falar a pedido da comadre, porém nada conseguira. Angustiado com essa teima, deixara o negócio de lado e não se importara mais com coisa alguma.



# Capítulo XVII

## Dona Maria

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época em que viveram as personagens desta história a coisa era bem mais; as ruas se enchiam de povo, especialmente de mulheres de véu; armavam-se as casas, penduravam-se nas janelas magníficas colchas de seda, de damasco de todas as cores e armavam-se coretos em quase todos os cantos. É quase tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo; porém nós diremos, porque era feito por moda: era tanto por costume enfeitar as janelas e portas em dias de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter um vestido mais arrumado ou trazer na cabeça um formidável penteado de dois palmos de altura.

Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e mostrar maior luxo: as da quaresma eram de uma pompa extraordinária, especialmente quando el-rei se dignava a acompanhá-las, obrigando toda a corte a fazer o mesmo: a que se destacava porém entre todas era a chamada procissão dos ourives. Ninguém ficava em casa no dia em que ela saía, ou na rua ou nas casas dos conhecidos e amigos que

tinham a felicidade de morar no lugar por onde ela passasse, achavam todos meio de vê-la. Alguns eram tão devotos que não se contentavam vendo-a uma só vez; andavam de casa deste para a casa daquele, desta rua para aquela, até conseguir vê-la desfilar do princípio ao fim duas, quatro e seis vezes, sem o que não se davam por satisfeitos. A causa principal de tudo isso era, supomos nós, além talvez de outras, levar esta procissão uma coisa que não tinha nenhuma das outras: o leitor vai achá-la sem dúvida exagerada e ridícula; o mesmo nos acontece, mas temos obrigação de falar dela. Queremos falar de um grande grupo chamado “das Baianas”, que caminhava adiante da procissão, atraindo mais ou tanto como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse grupo por um grande número de negras vestidas à moda da província da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dançavam nos intervalos dos *Deo-gratias* uma dança do seu capricho. Para falarmos a verdade, a coisa era curiosa: e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpável. Todos conhecem o modo com que se vestem as negras da Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto, mas não aconselhamos que ninguém o adote; um país em que todas as mulheres usassem desse traje seria uma terra de perdição e de pecados. Procuremos descrevê-lo.

As chamadas Baianas não usavam vestido; traziam somente umas poucas saias presas à cintura e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, todas elas enfeitadas de magníficas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finíssima camisa, cuja gola e mangas eram também enfeitadas de renda; no pescoço punham um cordão de ouro ou um colar de corais, os mais pobres eram de miçangas; enfeitavam a cabeça com uma espécie de turbante a que davam o nome de *trunfas*, formado por um grande lenço branco muito firme e engomado; calçavam umas chinelinhas de salto alto, tão pequenas que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fora todo o calcanhar; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de pano preto, deixando de fora os braços enfeitados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos últimos acontecimentos narrados nos capítulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourives. Os nossos costumes nesse tempo a respeito de franqueza

e hospitalidade não eram lá muito louváveis; nesse dia porém havia uma exceção, e, como dissemos, as portas daqueles que moravam nas ruas por onde passava a procissão se abriam a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos na casa de certa D. Maria o compadre acompanhado do afilhado (ricamente vestido nesse dia com sua sobrecasaca de tecido preto e o seu boné de **pelo** de lontra), a comadre e a vizinha dos azares.

D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito bonita no seu tempo, porém dessa beleza só lhe restavam o rosado das faces e brancura dos dentes; vestia nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas presunto, o seu lenço também branco e muito engomado ao pescoço; estava penteada como índio, com dois grossos cachos caídos sobre a testa; o amarrado do cabelo era feito na coroa da cabeça, de maneira que simulava um penacho. D. Maria tinha bom coração, era bondosa, devota e amiga dos pobres; porém em compensação dessas virtudes tinha um dos piores vícios daquele tempo e daqueles costumes: era a mania dos processos judiciais. Como era rica, D. Maria alimentava este vício largamente; os seus processos eram o alimento da sua vida; acordada pensava neles, dormindo sonhava com eles; raras vezes conversava em outra coisa e apenas achava uma oportunidade caía logo no assunto predileto; pelo longo hábito que tinha da matéria, entendia muito do assunto, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aqueles termos jurídicos e toda a marcha do processo de modo tal que ninguém lhe levava na conversa. Essa mania chegava nela à chatice e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, falando nos últimos provarás que lhe tinha feito o seu letrado nos autos da sua demanda de terras, nas razões finais que se tinham apresentado na ação que movia contra um dos testamenteiros de seu pai, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandara fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um crédito de 20 moedas e que agora negava a dívida, e em mil outras coisas deste gênero.

Assim que entrara o compadre, de quem era antiga amiga e a quem não via há muito tempo, começou logo D. Maria a dar-lhe parte que aquela antiga demanda com o testamenteiro de seu pai ainda não estava acabada, e por aí ia já prosseguindo conforme

seu costume, quando o compadre lhe apresentou o afilhado, e começou também a contar a sua história.

Começou ele pela origem do pequeno; contou a pisadela e o beliscão com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namoro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, o que fez D. Maria dar boas risadas. Passou em seguida à festa do batizado, que descreveu detalhadamente. Até aqui era o drama risonho e feliz; veio depois a tragédia; contou todas aquelas histórias da traição da Maria, dos ciúmes do Leonardo e da briga final, cujo resultado trouxera o pequeno às suas mãos.

D. Maria ouviu tudo com a maior atenção, e só interrompia ao compadre de vez em quando para lançar uma praga à Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo e dar alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversa estava nesta altura, a vizinha dos azares, que também já se achava presente, porém que até ali estivera distraída, chegou-se para intervir na conversa, já se sabe, contra o pequeno. Contou então alguma as suas graçolas, acrescentando sempre no fim de cada período e dirigindo-se ao compadre:

— O vizinho, por mais bem que lhe queira, não poderá negar isto...

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a história do menino com cores muito favoráveis, não cessando de gabar a sua mansidão, boa índole, e dourando sempre as suas diabruras com o título de inocências, ingenuidades ou coisas de criança, começou a se zangar com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrário dele pintava tudo com cores negras. A comadre interveio também nessa ocasião, porém conservando uma posição duvidosa: ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.

D. Maria, que morria por uma conversa, e sobretudo por novidades, tomava o maior interesse na história, e ninguém se lembrava de que vez alguma tivesse ela esquecido por tanto tempo seus processos.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silêncio observador. O compadre mal se podia conter, em respeito a D. Maria, com as investidas da vizinha; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafava largamente contra o menino. Finalmente terminou dirigindo-se a D. Maria e dizendo na sua frase do costume:

— Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem maus modos...



— Maus modos, emendou o compadre já com a calva muito vermelha; maus modos? ora esta...

O pequeno lançou do seu lugar um olhar fulminante à vizinha, e que queria mais ou menos dizer:

— Deixa estar que esta não fica sem troco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a agitar-se, fez-se média e disse dirigindo-se à vizinha:

— Você tem raiva demais dele; realmente a travessura da cera no véu é para se zangar, porém, bem diz o mestre: qual é a criança que não faz travessuras? Isto tudo vai passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno.

— Venha cá, Senhor travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aqui estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre envergonhado e pilantra, colocou-se em pé entre a madrinha e a vizinha. D. Maria fez-lhe então algumas perguntas, a que ele respondeu com prontidão, porém com mau modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino, percebendo isto, não quis perder ocasião de fazer o quer que fosse de maligno contra ela; estendeu a ponta do pé e pisou-lhe com toda a força na barra da saia preta que ela conservava tendo tirado o véu. A vizinha, vendo-lhe o gesto, sem entender bem o que era, percebeu que ele preparava alguma e quis levantar-se rapidamente: lá se foram alguns quatro palmos da barra da saia.

— Ah!, disse o menino fingindo-se espantado...

— Valha-te, Deus, menino!, disse a comadre.

A vizinha contemplava a sua saia rasgada, dizendo para os presentes:

— Então é o que eu digo, ou não? Tem maus modos!...

O compadre sorria disfarçadamente vendo a vingança do menino para com o que a vizinha acabava de dizer.

— Ora, disse afinal D. Maria com ar de quem não estava muito certa no que dizia, ele estava descuidado, não foi por querer...

O menino foi sentar-se, e a conversa prosseguiu.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande discordância entre o compadre e a comadre; esta não falava senão na Conceição, e aquele não falava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar a sua opinião, disse:

— Pois olhem, se fosse comigo, eu o colocaria em um cartório e faria dele um bom procurador de causas.

— Oh!, não, respondeu o compadre; perdoe-me, Sra. D. Maria, perdoe-me se lhe ofendo com isso, mas eu tenho uma zanga dos diabos com os tais processos...

— Pois olhe, não tem razão, elas me dão o que fazer, mas eu já estou acostumada. Por exemplo, aquela demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juízo, mandaram-me aqui citar...

E por aí continuava, sem que ninguém soubesse onde pararia, quando felizmente teve de interromper porque a procissão se aproximava, e todos correram às janelas.

Isto deu fim à conversa; começou a desfilar a procissão, que realmente fazia bonito efeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tínhamos esquecido este detalhe, na mesma rua dos Ourives: as luzes das tochas refletidas nos galões das armazéns das portas e nas tabuletas cheias de ouro e prata em obra, com que os ourives nesse dia costumavam enfeitar os intervalos de suas casas, tinham um aspecto de muita riqueza e luxo, ainda que de mau gosto. De tudo que levava a procissão, o que mais mereceu as honras do agrado dos devotos foi o rancho das Baianas, que o leitor já conhece, e o sacrifício de Abraão, que ia representado ao vivo. Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos ombros, representando Isaac: logo atrás dele um rapaz grande e forte vestido com um traje extravagante, com uma enorme espada de pau suspensa sobre a cabeça do menino; era Abraão; um pouco mais atrás um anjo, suspendendo a revoltada espada por uma fita de 3 ou 4 varas de comprimento.

Terminada a procissão, retiravam-se os convidados.

Ao sair o compadre com o pequeno, D. Maria chegou-se a ele e disse-lhe significativamente:

— Apareça, que temos que conversar a respeito do pequeno...

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes, pois que, se tinha inimigos, achava também protetores por toda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representará nesta história.

# Capítulo XVIII

## Amores

Os leitores devem já estar cansados de histórias de travessuras de criança; já conhecem suficientemente o que foi a nossa celebridade em sua meninice, as esperanças que deu, e o futuro que prometeu. Agora vamos pular alguns anos e ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começam histórias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais graves.

Como sempre acontece a quem tem muito o que escolher, o pequeno, que o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a madrinha queria fazer artista colocando-o na Conceição, que D. Maria queria fazer advogado arranjando-o em algum cartório e que enfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente às inclinações que nele descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas coisas boas, escolheu a pior possível: nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartório algum; não fez nenhuma destas coisas, nem também outra qualquer: constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-padrão.

O padrinho se desesperava com isso vinte vezes em cada dia por ver frustrado o seu belo sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado e deixava-o ir à sua vontade. A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito à sobrinha; tanto fizera que o Leonardo, flagrando a cigana em nova

infidelidade, resolveu-se e arranjou-se. Dessa época ele começou a viver sossegado: o vento da idade começa a apagar-lhe as chamas de ternura. D. Maria envelhecera sofrivelmente, porém não perdera de modo nenhum a sua mania favorita dos processos: a última que tivera foi talvez a mais desculpável, a mais razoável de todas. Teve por causa a tutoria de uma sua sobrinha que ficara órfã por morte de um seu irmão. Este irmão tinha um compadre que não tinha boa reputação: ora, tendo a órfã ficado senhora de alguns mil cruzados que seu pai deixara, ainda que este não tivesse feito testamento, por ser ela filha única e legítima, o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se também e afinal venceu: foi nomeada tutora, e a sobrinha veio para sua casa: ela gostou disso, ainda mais que a sua idade já a fazia precisar, ainda não de um apoio, porém de uma companhia. As outras personagens continuaram no mesmo estado.

Daqui em diante trataremos a nossa celebridade pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas, se o não dissemos, fique agora dito. E, para que se possa saber quando falamos do pai ou do filho, daremos a este o nome de Leonardo e acrescentaremos o apelido de “pataca”, já muito comum nesse tempo, quando quisermos tratar daquele.

Leonardo havia chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas noites seguidas, e cujo nome quando vem continuamente traz cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha: o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso e, depois que perdeu o gosto nisso, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só as fazia obrigado pelo padrinho.

Em uma das últimas vezes que foram à casa de D. Maria, esta, assim que os viu entrar, dirigiu-se ao compadre e disse-lhe muito contente:

— Ora, afinal venci a minha campanha... A menina veio

ontem para minha casa... O tal esperto do compadre de meu irmão não levou a sua adiante.

— Muitos parabéns, muitos parabéns!, respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca atenção a isso; há muito tempo que ouvia falar da tal sobrinha; sentou-se a um canto e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dois, D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos e quase não segurou o riso. A sobrinha de D. Maria era muito desenvolvida, porém, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, pálpebras sempre baixas, e olhava timidamente; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, vinha apenas até o pescoço, e, como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem bordado e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas frases incompreensíveis com voz rouca e sumida. Mal a deixaram livre, desapareceu sem olhar para ninguém. Vendo-a ir, Leonardo tornou a rir interiormente.

Quando se retiraram, ele riu pelo caminho o quanto quis. O padrinho perguntou a causa da sua alegria; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir.

— Então lembras dela muito bem, porque ris muito bem.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas vezes falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e ficar pronto.

Saíram e encaminharam-se para o seu destino.



# Capítulo XIX

## Domingo do Espírito Santo

Esse dia era um domingo do Espírito Santo. Como todos sabem, a festa do Espírito Santo é uma das festas prediletas do povo fluminense. Hoje mesmo, que se vão perdendo certos hábitos, uns bons, outros maus, ainda essa festa é motivo de grande agitação; não se compara, porém, o que agora se passa com o que se passava nos tempos a que nos referimos. A festa não começava no domingo marcado pelo calendário, começava muito antes, nove dias acreditamos, para que as novenas ocorressem. O primeiro anúncio da festa eram as Folias. Aquele que escreve estas Memórias ainda em sua infância teve ocasião de ver as Folias, porém foi já no seu último grau de decadência, e tanto que só as crianças como ele lhe davam atenção e achavam prazer nelas; os outros, se delas se ocupavam, era unicamente para lamentar a diferença que faziam das primeiras. O que antes se passava não estava muito longe de merecer censura; porém era costume, e ninguém vá lá dizer a alguma velha desse tempo que aquilo era pelo menos um pouco feio, porque leva uma risada na cara e ouve uma tremenda ironia contra as nossas festas de hoje.

Entretanto digamos o que eram as Folias desse tempo, apesar de que os leitores saberão mais ou menos. Durante os nove dias que precediam o Espírito Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, saía pelas ruas da cidade um rancho de meninos,

todos de 9 a 11 anos, *caprichosamente* vestidos a caráter: sapatos de cor-de-rosa, meias brancas, calção da cor do sapato, faixas na cintura, camisa branca de colarinhos longos e caídos, chapéus de palha de abas largas, ou forrados de seda, tudo isto enfeitado com grinaldas de flores e com uma quantidade boa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento pastoril em que tocava: pandeiro, machete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma música de barbeiros e precedidos e cercados por uma multidão de pinguços levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quais pediam esmolas enquanto cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia ao meio: ordinariamente era um menino menor que os outros, vestido de casaca de veludo verde, calção igual do mesmo tecido e cor, meias de seda, sapatos afivelados, chapéu de pasta e um enorme e brilhante emblema do Espírito Santo no peito: caminhava pausadamente e com ar sério.

Confessem os leitores se não era uma coisa extravagante ver um imperador vestido de veludo e seda, percorrendo as ruas cercado por uma multidão de pastores, ao toque de pandeiro e machete<sup>20</sup>. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa música dos barbeiros, tudo corria à janela para ver passar a Folia: os irmãos aproveitavam-se da situação e iam colhendo esmolas de porta em porta.

Enquanto caminhava o grupo, tocava a música de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavam; as cantigas eram pouco mais ou menos no gênero e estilo desta:

*O Divino Espírito Santo  
É um grande folião,  
Amigo de muita carne,  
Muito vinho e muito pão.*

Aí está o que era a Folia, o que o compadre e o afilhado encontraram no caminho. A este episódio da Folia seguiam-se

---

<sup>20</sup> Instrumento de origem portuguesa, maior que o cavaquinho e menor que a viola.



outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora porém voltemos aos nossos visitantes.

Chegaram eles à casa de D. Maria e acharam ainda todos à janela, porque acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumeira simpatia. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria; porém, sem saber por que, não teve desta vez mais vontade de rir; entretanto a menina continuava a ser feia e esquisita, nesse dia estava ainda pior do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de arrumá-la; vestira-lhe um vestido branco muito curto, pusera-lhe um lenço de seda encarnado ao pescoço e penteara-a. Por isso, agora que, tendo ela tirado a costumada viseira de cabelos, podemos ver seu rosto, digamos, de acordo com a verdade, que nesse dia estava mais esquisita, podia-se notar que não era tão feia de cara como no começo pareceu.

O caso foi que o Leonardo começou a olhar para ela sem mais vontade de rir; olhou uma, duas, três, quatro, muitas vezes enfim, sem que nunca satisfizesse o que ele interiormente chamava curiosidade de apreciar aquela figura.

A menina por sua parte continuava no seu inalterável silêncio e concentração, de olhos baixos e queixo no peito. Entretanto quem fosse bom observador poderia ter visto um levantar de pálpebras rápido e um olhar discreto dirigido para o lado do Leonardo.

D. Maria e o compadre conversaram segundo o seu costume.

Na saída, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse:

— Olhe, escute: nós hoje vamos ao Campo ver o fogo, bem podíamos ir todos juntos; que diz?

— Sim, podíamos, respondeu o compadre; eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas uma vez que se oferece, iremos todos juntos. E a senhora leva a sua menina, não é?

— Oh!, levo, coitada; ela nunca viu o fogo; no tempo do pai nunca saía...

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de contente: pareceu-lhe que desse modo teria mais ocasião de satisfazer a sua curiosidade. A menina nem se mexeu; pareceu-lhe aquilo absolutamente indiferente.

— Pois então estamos combinados, acrescentou o compadre, e à noite viremos aqui buscá-las.

E saíram.



# Capítulo XX

## O fogo no campo

À hora determinada vieram os dois, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua família, segundo haviam combinado: era pouco depois da seis da tarde, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de famílias, de grupos de pessoas que se dirigiam uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, também se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava ao seu redor; tropeçava e se chocava nos que encontrava; uma **ideia** única roía-lhe o miolo; se lhe perguntassem qual era, talvez não o soubesse dizer. Chegaram enfim mais depressa do que tinha pensado o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquela noite ter asas nos pés, tão rapidamente caminhara e obrigara o padrinho a caminhar com ele.

D. Maria estava já pronta e os esperava com algumas outras pessoas com quem também combinara ir, e logo **puseram-se** a caminho. Formavam todos um grande grupo acompanhado por um numeroso conjunto de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavam cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao compadre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalheiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo desse o braço a sua sobrinha; ele aceitou a missão com gosto, mas não sem ficar um pouco atrapalhado, e deu

na pobre menina alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou e deu-lhe a esquerda, ficando ele do lado da parede. Ofereceu-lhe o braço, porém Luizinha (tratemo-la desde já por seu nome) pareceu não entender o oferecimento ou não percebê-lo. Contentou-se então o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegaram ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavam as barracas de bonecos, de variedades, de raridades e de teatros, como hoje: usavam-se apenas algumas que serviam de restaurante. Depois de passarem por diante delas, D. Maria e a sua gente se dirigiram para o Império. Luizinha estava sem saber o que fazer no meio de todo aquele movimento, diante daquele espetáculo que via pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria: no tempo de seu pai, raras ou nenhuma vez saía de casa. Assim, sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer coisa, e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxá-la pelo braço para obrigá-la a prosseguir.

Chegaram ao Império, que era nesse tempo quase defronte da igreja de Sant'Ana, no lugar agora ocupado por uma das extremidades do quartel de Fuzileiros. Todos sabem o que é o Império, e por isso o não descreveremos. Lá estava na sua cadeira o imperador, que o leitor já viu passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, pôs-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo imóvel e distraída. O Leonardo, vendo isso, sentiu um não sei quê por dentro contra o menino que atraía a atenção de Luizinha e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atrás 6 ou 7 anos de sua existência e ser também imperador do Divino.

Nas escadas do Império fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo ali aglomerado com as piadas pesadas do leiloeiro. Estiveram aí algum tempo distraídos os nossos conhecidos e foram depois procurar no meio do Campo um lugar onde pudessem ficar alto para jantar e ver o fogo. Acharam-no, não sem alguma dificuldade, pois muitas outras famílias se haviam adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberta daqueles grupos sentados em esteiras, jantando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre eles e ouvir aqui a anedota que contava um convidado de bom gosto, ali a modinha cantada

naquele tom apaixonadamente poético que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquele movimento e animação que geralmente reinavam. Era essa a parte (permitam-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentaram-se com os outros em roda de suas esteiras e começaram a jantar. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquela noite, nem por isso perdeu o apetite e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor do jantar foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava. Luizinha estremeceu, ergueu a cabeça e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando encantada ao ver caírem as lágrimas inflamadas do foguete que clareavam todo o Campo:

— Olhe, olhe, olhel!...

Alguns dos circunstantes riram; o Leonardo se irritou com aquelas risadas e as achou muito fora de tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira encantada que não deu atenção a coisa alguma e, enquanto duraram os foguetes, não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguiram-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa ocasião o encantamento da menina passou a total alegria; aplaudia com entusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter dois ou três metros de comprimento para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus ombros para poder se sustentar mais tempo nas pontas dos pés, falava-lhe e comunicava-lhe a sua admiração! O contentamento acabou por familiarizá-la completamente com ele. Quando se atacou a *lua*, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos ombros de Leonardo, deu-lhe quase um abraço pelas costas. O Leonardo estremeceu por dentro e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, viu sobre seus ombros aquela cabeça de menina iluminada pelo clarão pálido do misto que ardia e ficou também por sua vez encantado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jamais vira e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir dela e achá-la feia.

Acabado o fogo, tudo se pôs em andamento, levantaram-se as esteiras, espalhou-se o povo.

D. Maria e sua gente puseram-se também em marcha para



casa, mantendo a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez, porém, Luizinha e Leonardo vieram não só de braço dado, como este último tinha querido quando foram para o Campo, como foram mais adiante do que isso: vieram de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se se pode aplicar ao Leonardo. Conversaram por todo o caminho como se fossem dois conhecidos muito antigos, dois irmãos de infância, e tão distraídos iam que passaram à porta da casa sem parar e já estavam muito adiante quando os chamados de D. Maria os fizeram voltar. A despedida foi alegre para todos e tristíssima para os dois. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre prometeu voltar, e isso serviu de algum alívio, especialmente ao Leonardo, que guardara os momentos que acabava de passar como muito especiais.





# Capítulo XXI

## Contrariedades

Creemos, pelo que temos narrado, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguém escapa neste mundo, ainda que para alguns seja ele fácil e leve e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. Não é necessário dizer quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que no começo tanto desafiara a sua alegria por ser esquisita e feia, viera depois lhe inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz que não nos é dado penetrar: o fato é que ele a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que se pela sorte de um pai se pode prever a de um filho, o Leonardo em matéria de amor não prometia grandes feitos. E, com efeito, logo depois da noite do fogo no Campo, em que as coisas começavam a tomar corpo, começou tudo a desandar em quase todos os sentidos.

Luizinha, uma vez acabado o entusiasmo, que, nascido das emoções que experimentara na noite do fogo, acordara de seu abatimento, voltara de novo ao seu antigo estado: e, como se tivesse esquecida de tudo, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria depois desses acontecimentos, nem para este último levantara os olhos; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, construía depois

daquela feliz noite esses castelos de extravagante arquitetura com que sonhamos nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já um aborrecimento sem nome; quando se viu assim tratado quase chorou; não o fez porque teve medo de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento sucedeu um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chama de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito e chamá-la quatro ou cinco vezes de estranha e feia. Afinal pensou um pouco e murmurou um “que me importa!”, que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

À primeira visita depois da noite do fogo seguiram-se muitas outras em que as coisas se passaram mais ou menos do mesmo modo.

Um novo sucesso veio porém um dia dar outra cor e andamento aos acontecimentos; foi o encontro dos dois, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria que havia há pouco chegado de uma viagem à Bahia.

Figure o leitor um homenzinho nascido em dias de maio, de mais ou menos 35 anos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas, sapatos de fivela, capa e chapéu armado e terá **ideia** do físico do Senhor José Manuel, o recém-chegado. Quanto ao moral, se os sinais físicos não falham, quem olhasse para a cara do Senhor José Manuel dava logo um lugar de destaque na família dos malandros de peso. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum; o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas as suas qualidades possuía uma que infelizmente caracterizava naquele tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense: era a língua solta. José Manuel era uma arte viva, porém arte escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos e das famílias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos e de suas famílias. Debaixo do mais insignificante pretexto tomava a palavra e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de fulano ou de beltrano.

Por exemplo, conversando-se sobre qualquer objeto, acontecia falar-se em D. Francisca Brites.

— Conheci muito D. Francisca Brites, emendava



Memórias de um Sargento de Milícias

imediatamente o incansável falador; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão Sanches; no tempo de casada diziam suas coisas dela, e a culpa era de Pedro d'Aguiar, sujeito que não tinha de boa fama, principalmente depois que se meteu aí na intriga de um testamento falso que atribuíram ao Lourenço da Cunha, que, de acordo com a verdade, era bem capaz disso, pois não era sujeito de mãos limpas. Foi até ele quem furtou de casa a filha de D. Úrsula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por sinal lhe deu má vida. E também ela não devia esperar outra coisa dele, porque homem que se atreveu a fazer o que ele fez a três filhas que tinha é capaz de tudo. Chegou a botar pra fora, com um pau, as pobres moças depois de as ter espancado sem piedade. Entretanto uma delas foi bem feliz: achou aí um capitão de navio que tratou dela; as outras não, coitadas...

— Infelizes por quê?, acudia por acaso algum dos presentes; elas casaram...

— Casaram, sim, é verdade, observava de volta ele tomando novo fôlego, porém com que marido? Um tomava porres de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jogo. Conheci-os muito bem...

E por aí prosseguia e internava-se a perder de vista pela geração toda dos dois maridos e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afilhado se encontraram com José Manuel na casa de D. Maria, nenhum dos dois ficou por certo lhe querendo muito bem, e este não querer foi crescendo dia a dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que ele tinha razão; foi o instinto que o avisou de que ali havia um inimigo. Tão exagerados eram os afagos de José Manuel para com D. Maria, e tanto repartia ele esses afagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia neles um fim oculto. Afinal o negócio ficou claro. D. Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha; se D. Maria morresse, Luizinha ficaria arranjada e, como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manuel, em disponibilidade; este pois era gentil com a velha com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela esperteza do padrinho, entrou no conhecimento destas coisas, ficou fora de si, e a **ideia**

mais pacífica que teve foi que podia muito bem, quando fosse visitar D. Maria, munir-se de uma das navalhas mais afiadas de seu padrinho e na primeira ocasião oportuna fazer de um só golpe o pescoço de José Manuel em dois. Porém teve de acalmar-se e ceder às ponderações do padrinho, que sabia de todos os seus sentimentos e que os aprovava.



# Capítulo XXII

## Aliança

Se Leonardo tinha ficado aflito do modo que acabamos de ver pelo aborrecimento que sofrera com o aparecimento e com as intenções de José Manuel, o padrinho também se incomodava com isso: vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquele seu gigantesco plano de mandá-lo a Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excelente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com justa razão, se as coisas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das coisas, recusar sua sobrinha a um rapaz que não se ocupava em coisa alguma e que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes estimulava o afilhado para que treinasse, na cara de algum freguês tolo, entrar no ofício; porém este se recusava decididamente. A comadre, quando alguma vez aparecia pela casa do barbeiro, não parava de insistir no seu antigo projeto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma ocasião em que falou nisso diante dele, a história causou-lhe uma forte repreensão: o rapaz tomara gosto à vida de vadio e por nada queria deixá-la. E se em outras ocasiões estava ele desse humor, agora, depois dos últimos acontecimentos, quando o amor e o ciúme lhe ocupavam a alma, não queria ouvir falar em semelhantes coisas; acreditava que a sua melhor ocupação devia consistir em dar cabo do rival.

No meio de tudo isto, pior era que José Manuel parecia adiantar-se cada vez mais; esperto como era, insinuava-se habilidosamente no ânimo de D. Maria e a cativava com atenções de toda a sorte. O compadre começou a pensar sobre o caso, e um dia veio-lhe uma **ideia**: era preciso pôr a comadre a par do que se passava e interessá-la no negócio; ela era bem capaz, se quisesse, de dobrar José Manuel e pô-lo fora de combate; era conhecida por ter jeito para essas coisas. Realmente mandou chamar a comadre e expôs-lhe tudo.

— Sim!, respondeu ela ao ouvir a narração; o caso é este? Pois está na mira o tal sujeito: vou lhe mostrar para o que presto. Já hoje mesmo vou visitar a D. Maria.

Mal sabia José Manuel que furacão se levantava contra ele. Há muito ele percebera que Leonardo e seu padrinho não o suportavam e mesmo que tinham segundas intenções a respeito de Luizinha, porém nunca lhe passara pela mente que seria necessário lutar com eles. Em breve teve de ver que se enganava. A comadre foi, como prometera, à casa de D. Maria e, achando lá José Manuel, procurou fazer-se muito sua camarada, ainda que baixinho, e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indiretas contra ele.

Quando José Manuel acabava de contar uma história com todos os detalhes costumeiros sobre a vida deste ou daquele, a comadre murmurava, por exemplo:

— Que língua! Meu Deus...

E com estas e outras ia deixando à vista, sem parecer que tinha tal intenção, o caráter do adversário.

Além da qualidade de falador, José Manuel mentia com um descaro raras vezes encontrado. D. Maria, amiga de novidades, e além disso muito crédula, engolia perfeitamente qualquer mentira que ele dissesse. Uma das suas histórias mais comuns era a que ele intitulava *O naufrágio dos potes*. Acontecera a ele na sua última viagem à Bahia, e ele a contava da seguinte forma:

“Estávamos quase chegando ao ancoradouro; viajava ao lado do meu navio um enorme *peru* carregado unicamente de potes. De repente arma-se um temporal, que parecia vir o mundo abaixo; o vento era tão forte, que do mar, apesar da escuridão, viam-se dançar no espaço as telhas arrancadas da cidade alta. Afinal quando já parecia tudo sossegado e começava a limpar o tempo, veio uma onda tão forte e em tal direção que as



duas embarcações esbarraram com toda a força uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal que acabavam de suportar, não puderam mais resistir e abriram-se ambas no meio: o navio vazou toda a sua carga e passageiros, e o *peru*, toda a sua carregação de potes; ficou o mar cheio deles, em tão grande quantidade os havia! Os marinheiros e outros passageiros trataram de agarrar-se a tábuas, caixões e outros objetos para se salvarem; porém o único que se escapou fui eu, e isso devo à feliz lembrança que tive; do pedaço do navio em que tinha ficado dei um salto sobre o pote que boiava mais perto. Com o meu peso o pote mergulhou e, enchendo-se d'água, desapareceu debaixo de meus pés; porém isto não aconteceu antes que eu, percebendo o que ia acontecer, saltasse imediatamente deste pote para outro. A este outro e a todos os demais aconteceu a mesma coisa, porém servi-me do mesmo meio, e assim, como a força das ondas os trazia para a praia, vim de pote em pote até a terra sem o menor acidente!". Como esta, contava José Manuel milhares de histórias.

Foi também isso um tema de que se serviu a comadre para o desconceituar junto de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorratamente. Veremos quais foram os resultados que alcançaram o compadre e o Leonardo com a aliança formada com a comadre contra o concorrente.



# Capítulo XXIII

## Declaração

Enquanto a comadre colocava em prática seu plano de ataque contra José Manuel, Leonardo ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe faziam o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestável figura de seu rival a desconcertar todos os seus planos, a enfraquecer todas as suas esperanças. Nas horas de sossego entregava-se às vezes à construção imaginária de magníficos castelos, castelos de nuvens, é verdade, porém que lhe pareciam por instantes os mais sólidos do mundo; de repente saía de um cano o terrível José Manuel com as bochechas inchadas e, soprando sobre a construção, a arrasava num piscar d'olhos.

Entretanto o que havia de notável é que Luizinha, causa de tantas tormentas, ignorava tudo e a tudo continuava indiferente. Leonardo entendeu, depois de muito pensar, que isto era um dos principais defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar José Manuel e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triunfo era completo? Não havia ainda uma segunda campanha contra a indiferença de Luizinha? Daqui ele concluiu que era necessário preparar o fogo para esse lado; e como isto lhe pareceu de mais importância, não quis confiar a nenhum dos aliados o

seu ataque e decidiu-se a dá-lo em pessoa. Devia começar, como o sabe de cor e salteado a maioria dos leitores, que é sem dúvida nenhuma muito entendida na matéria, por uma declaração em forma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira ação é o mais difícil. Todas as vezes que esta **ideia** vinha à cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e seu corpo se banhava em suor. Muitas semanas levou compondo, estudando o que devia dizer a Luizinha quando aparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de **ideias** brilhantes; porém mal tinha definido que diria isto ou aquilo e já isto e aquilo não lhe pareciam bom. Por várias vezes tivera ocasião favorável para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém nessas ocasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas que se apoderava dele e que não lhe permitia levantar-se do lugar onde estava e um engasgo que lhe vinha e que o impedia de articular uma só palavra. Enfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo e dizer-lhe a primeira coisa que lhe viesse à boca.

Luizinha estava no vão de uma janela olhando para a rua pela janelinha; Leonardo aproximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou imóvel como uma estátua atrás dela, que, distraída para fora, nada tinha percebido. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quisesse tocar no ombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que desse jeito não ia bem; quis antes puxar-lhe pelo vestido e ia já levantando a mão quando também se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava até não poder mais. Enfim, um incidente veio tirá-lo da dificuldade. Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava e, tomado de terror de se ver apanhado naquela posição, deu repentinamente dois passos para trás e soltou um “ah!” muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com ele diante de si e, recuando, espremeu-se de costas contra a janelinha; veio-lhe também outro “ah!”, porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

O barulho dos passos parou sem que ninguém chegasse à sala; os dois levaram algum tempo naquela mesma posição, até



Memórias de um Sargento de Milícias

que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silêncio e, com voz trêmula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar, perguntou com voz monótona:

— A senhora... Sabe... Uma coisa?

E riu com uma risada forçada, pálida e tola.

Luizinha não respondeu. Ele repetiu no mesmo tom:

— Então... A senhora... Sabe ou... Não sabe?

E tornou a rir do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... É porque não quer dizer...

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada... Eu dizia...

Silêncio.

— Está bom... Eu digo de vez... Mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luizinha fez um gesto de quem estava já sem paciência.

— Pois então eu digo... A senhora não sabe... Eu... Eu lhe quero... Muito bem.

Luizinha ficou da cor de uma cereja, e fazendo meia-volta à direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava.

Leonardo viu-a ir embora, um pouco perplexo pela resposta que ela lhe dera, porém não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradável a Luizinha.

Quando ela desapareceu, o rapaz soltou um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão cansado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

# Tomo II





# Capítulo I

## A comadre em exercício

Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertara-se em laços amorosos com a filha da comadre e que com ela vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo oportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se pronta para dar à luz. Já **veem** os leitores que a raça dos Leonardos não deve se extinguir com facilidade. Leonardo-Pataca não perdia de modo algum aqueles hábitos de ternura com que sempre o conhecemos e, nas atuais circunstâncias, quando ele via às portas da vida um fruto do seu derradeiro amor, crescia na sua alma aquela violenta chama do costume; o pobre homem ardia todo por dentro e por fora e desfazia-se em carinhos para com sua companheira.

Chegou finalmente o dia de aparecer o desejado resultado: ao amanhecer manifestara os primeiros sintomas. Leonardo-Pataca levantou logo uma poeira em casa: andava de dentro para fora pretendendo fazer mil coisas e sem fazer coisa alguma, atrapalhado e tonto. Mandou chamar a comadre, que pronta atendeu ao chamado, e começaram-se a arranjar os preparativos. Talvez alguns leitores tenham **ideia** do infinito de arranjos que naquele tempo se colocava em prática em semelhantes ocasiões.

A primeira coisa que o Leonardo-Pataca providenciou foi a que se mandassem dar as nove badaladas no sino grande da Sé. Esta prática só costumava ter lugar quando a parturiente se achava em perigo, porém ele quis prevenir tudo. Mandou depois pedir à vizinha, pois, por um descuido imperdoável, não havia em casa, um ramo de palha benta; a comadre trouxe um par de benti-nhos da Senhora do Monte do Carmo que tinham grande fama de milagrosos e o lançou ao pescoço da Chiquinha. Pôs a palha benta ao lado da cabeceira; na sala improvisou-se um oratório com uma toalha, um copo com arruda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição de louça, enfeitada com cordões de ouro. Chiquinha, para não esquecer nada das regras estabelecidas, amarrou à cabeça um lenço branco, meteu-se embaixo dos lençóis e começou a rezar ao santo de sua devoção. A comadre se colocou aos pés da cama em uma banquinha e rezava também um grande rosário, observando entretanto a Chiquinha e interrompendo-se a cada instante para dar ordens ao Leonardo-Pataca e responder ao que fora do quarto se dizia.

Leonardo-Pataca, depois de tudo arranjado, quando viu que a única coisa que restava era “esperar a natureza”, como dizia a comadre, pôs-se em trajes de casa, quero dizer, despiu os calções e o colete, ficou em ceroulas e chinelas, amarrou à cabeça, segundo um antigo costume, um lenço encarnado e pôs-se a passear na sala de um lado para outro, com uma cara de fazer pena: parecia que era ele e não Chiquinha quem se achava com dores de parto. De vez em quando parava à porta do quarto, que se achava fechada, lançava para dentro um olhar de curiosidade e medo e, abanando a cabeça, murmurava:

— Não sirvo para isso... Estas coisas não se dão com o meu gênio... Estou tremendo como se o negócio fosse comigo...

E, realmente, a cada gemido forte que partia do quarto o homem estremecia e adquiria mil cores. Dentro do quarto a comadre estimulava a padecente, pouco mais ou menos nestes termos:

— Não se faça de criança, menina... isso não é nada... Não demora aí um Bendito e estás já livre. Estas coisas na minha mão andam depressa. Verdade seja que é o primeiro, e isto causa seu medo, mas não é coisa que valha estar agora tão desanimada; é preciso também ajudar a natureza. “Faze da tua parte que eu te ajudarei!” São palavras de Jesus Cristo.

A padecente estava porém morrendo de susto: nem se moveu ao estímulo da comadre. Entretanto o tempo ia passando, e a pobre moça sofrendo; a comadre já tinha lhe arranjado de um modo diverso os bentinhos no peito, já tinha inclinado mais sobre a cama a palma benta, e ainda nada de novo. O Leonardo-Pataca começava a se impacientar; de vez em quando chegava à porta do quarto, e perguntava com voz desanimada:

— Então?...

— Compadre, respondia a comadre, já lhe disse que não é bom a quem está neste estado ficar ouvindo voz de homem: fique calado e espere lá.

O tempo continuava passando: a comadre saiu do quarto e veio acender uma nova vela benta a Nossa Senhora e, depois de uma breve oração, voltou ao seu posto. Tirou então do bolso da saia uma fita azul comprida e passou-a na cintura da Chiquinha; era uma medida de Nossa Senhora do Parto. Depois disse com ar de triunfo:

— Ora, agora vamos ver, porque isto já não está do meu agrado... Mas a culpa também é sua, menina, já lhe disse que é preciso ajudar a natureza.

Passou-se ainda algum tempo. De repente a comadre gritou para fora:

— Ó, compadre, dê aqui uma garrafa...

O Leonardo-Pataca obedeceu prontamente. Ouviu-se então dentro do quarto o som que produziria uma boca humana soprando com toda a força dentro de alguma coisa. Era Chiquinha que, por ordem da comadre, soprava, morrendo de cansaço, dentro da garrafa que esta mandara vir.

— Com força, menina, com bem força, e Nossa Senhora não desampara os fiéis. Ânimo, ânimo; isto que mais acontece é uma vez por ano. Desde que nossa mãe Eva comeu aquela maldita fruta nós ficamos sujeitas a isto. “Eu multiplicarei os trabalhos de teu parto.” São palavras de Jesus Cristo!

Já se vê que a comadre era forte em história sagrada.

Leonardo-Pataca tremia tanto as pernas que não pôde mais continuar no passeio e achava-se sentado a um canto com os dedos nos ouvidos.

— Sobre, menina, continuava sempre dentro a comadre, sobre com Nossa Senhora, sobre com S. João Batista, sobre com

os apóstolos Pedro e Paulo, sobre com os anjos e serafins da Corte Celeste, com todos os santos do paraíso, sobre com o Padre, com o Filho e com o Espírito Santo.

Houve finalmente um instante de silêncio, que foi interrompido pelo choro de uma criança.

— Ora, lá vai o mau tempo, exclamou a comadre; eu bem dizia que isto não era nada... Ah! Senhor compadre, chegue, que agora é a sua vez, venha ver a sua pequenina...

— É uma pequenina!, exclamou o Leonardo-Pataca fora de si; ora, isto é de bom presságio, porque com o outro que saiu macho não fui feliz.

Espalhou-se então pela casa um agradável cheiro de alfazema; a comadre veio à sala, apagou as velas que estavam acesas a Nossa Senhora; foi depois desatar a fita da cintura da Chiquinha e tirar-lhe do pescoço os bentinhos. A recém-nascida, enfraldada, encintada, entocada e com um molho de figas e meias-luas, signos de Salomão e outros preservativos de maus-olhados presos ao cinteiro, passava das mãos de Chiquinha para as do Leonardo-Pataca, que não cabia em si de contentamento; era uma formosa criancinha, em tudo o oposto de seu irmão paterno, o nosso amigo Leonardo, mansa e risonha.

O Leonardo-Pataca recorreu imediatamente ao calendário para ver que nome daria à menina; porém, como este lhe não agradasse, travou logo com Chiquinha uma questão a respeito do nome que devia dar.

A comadre aproveitou-se disso para dar conta dos últimos arranjos e depois vestiu seu véu e saiu para atender outras necessidades.

# Capítulo II

## Trama

Iguais a esta cena que acabamos de descrever, a comadre tinha muitas outras todos os dias, porque era uma das parteiras mais procuradas da cidade; tinha grande fama de muito entendida e, ainda nos casos mais graves, era sempre a escolhida com os seus milagrosos bentinhos, a palma benta, a medida de Nossa Senhora, a garrafa soprada e, com a invocação de todas as legiões de santos, de serafins e de anjos, livrava-se ela dos maiores apertos. E ninguém lhe fosse dizer o que fazer, que não ouvia, nem do maior físico, se nisso se metesse: era só olhar para uma mulher grávida e dizia-lhe logo sem grande trabalho o sexo, o tamanho do filho que trazia nas entranhas e com uma pontualidade miraculosa o dia e hora em que teria de ver-se o nascimento; até às vezes, por certos sinais que só ela conhecia, chegava a dizer qual seria o gênio e as inclinações do ente que ia ver a luz. Já se vê que esta vida era trabalhosa e requeria sérios cuidados; porém a comadre dispunha de uma grande soma de atividade; e, apesar de gastar muito tempo nos deveres do ofício e na igreja, sempre lhe sobrara algum para empregar em outras coisas.

Como dissemos, ela havia tomado para si a causa dos amores de Leonardo com Luizinha e jurara pôr José Manuel, o novo candidato, fora da chapa. Começou pois a ocupar o seu tempo

disponível nesse negócio e movia uma intriga discreta e constante contra o rival de seu afilhado. Aproveitando da intimidade e do crédito de D. Maria, não perdia junto dela ocasião de desconceituar José Manuel, o que era fácil, pois ele se prestava a isso, e D. Maria, de espírito **frequentemente** envolvido em disputas e esperto, adorava um mexerico. Aqui vai uma das que ela armou ao adversário.

Todos sabem nesta cidade onde é o Oratório de Pedra; mas o que todos talvez não saibam é para que serviu ele em outros tempos. Sem dúvida naquele oratório havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia ali rezar? Exatamente. Mas por que é que hoje não continua essa prática, por que apenas se conserva sobre a parede aquela espécie de guarita de pedra, sem imagem alguma, sem luz à noite, e diante da qual passam todos desatenciosos, sem tirar o chapéu e curvar o joelho?

Primeiro que tudo isso se extinguiu pela razão por que se extinguiram muitas coisas boas daquele bom tempo; começaram todos a se aborrecer e acabaram com elas. Depois houve a respeito do Oratório de Pedra muito boas razões policiais para que ele deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem dúvida sabe muito bem do que eram capazes nossos pais crentes, devotos e tementes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiais para a extinção de um oratório. Entretanto isso é verdade, e, se fosse ainda vivo o nosso amigo Vidigal, de quem já tivemos ocasião de falar em alguns capítulos desta pequena história, poderia dizer quanto garoto flagrou em delito, ali mesmo aos pés do oratório, ajoelhado, arrependido e beato.

Quando passava a via-sacra e se acendia a lâmpada do oratório, o pai de família que morava ali pelas vizinhanças vestia a capa, chamava toda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e iam fazer oração ajoelhando-se entre o povo diante do oratório. Mas se acontecia de o desavisado devoto esquecer da filha mais velha, que se ajoelhava um pouco mais atrás, e, aborvido em suas orações, não ficava alerta, sucedia-lhe às vezes voltar para casa com a família menor: a menina aproveitava-se da situação e sorratamente escapava em companhia de um devoto que se ajoelhara ali perto, embrulhado na sua capa e que ainda há dois minutos estava entregue fervorosamente a suas súplicas a Deus.

Aquilo era a execução do plano acertado na véspera, ao cair das seis horas da tarde, através das janelinhas das portas. Outras vezes, quando estavam todos os presentes entregues à devoção, e a ladainha enchia aquele circuito de fé, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hino; corriam todos para o lugar donde partira e achavam um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as inocentes piadas que a todo instante faziam os gaiatos. Aí está por que, além de outros motivos, dissemos que tinha havido razões policiais para que se acabasse com as piedosas práticas do Oratório de Pedra.

No tempo em que se passavam as cenas que temos narrado, ainda o Oratório de Pedra estava no auge. Um ou dois dias depois do nascimento do segundo filho de Leonardo-Pataca correu pela cidade a notícia de um grande escândalo que se passara nesse lugar clássico dos escândalos: uma moça, que vivia em companhia de sua mãe, velha, rica e devota, indo com ela rezar junto ao Oratório, na ocasião da passagem da via-sacra, fugira, levando consigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Falava-se muito no caso, não porque fosse naquele tempo coisa de se estranhar, mas porque havia um mistério no fato: ninguém sabia com quem tinha fugido a moça.

D. Maria, como todos, estava ansiosa por ver desvendada a questão quando lhe apareceu em casa a comadre que a vinha visitar. D. Maria estava sentada na sua banquinha, tendo diante de si uma enorme almofada de renda carregada com seis ou sete dúzias de bilros<sup>21</sup>. A seu lado, sentada em uma esteira, cercada por uma porção de meninas negras, crias de D. Maria, estava Luizinha, também ocupada em fazer renda.

Quando a comadre entrou, D. Maria largou imediatamente a almofada do colo, tirou do nariz e pôs na testa um par de óculos de aros de prata com que trabalhava e começou logo por tocar no caso que a preocupava. A comadre fez sinal que mandasse retirar Luizinha e as outras crianças; e a conversa caminhou livremente.

— Então que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha? Criar uma moça com todo o carinho, e no fim ter aquela recompensa!... No meu tempo não se viam destas coisas...

<sup>21</sup> Peça com que se faz rendas em almofadas.

Memórias de um Sargento de Milícias

— Que quer, senhora?, respondeu a comadre; pois foi ali, nas barbas de todos. Não havia um instante que ela havia chegado com a velha, e que se tinham todas duas ajoelhado ao pé de mim...

— Ao pé da comadre? Pois a comadre estava lá?...

— Estava. Antes não estivesse...

— Mas o diabo, senhora, acrescentou D. Maria, é ninguém saber quem foi o maldito que fugiu com ela...

A comadre interrompeu, dando uma risadinha irônica.

— Tenho perguntado a todos, e ninguém sabe me dizer.

— É porque todos estavam cegos...

— Como?

— Mas eu não estava, por azar de meus pecados, que antes estivesse...

— Pois viu e sabe com quem foi, disse D. Maria, remexendo-se de prazer em cima da banquinha.

A **ideia** de poder saber de uma novidade que todos ignoravam encheu-a de contentamento.

— Mas então quem foi, vamos; quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro...

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometeres guardar todo o segredo, que o caso é muito sério.

— Ora, bem sabe que eu... É o mesmo que cair num poço.

Apesar de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de D. Maria e disse-lhe o mais baixinho que pôde:

— Foi o nosso grande camarada... A boa peça do José Manuel...

— O que é que diz, comadre?

— Vi, respondeu esta, arregalando com dois dedos os olhos, com estes que a terra há de comer... Se eles estavam ao pé de mim...

D. Maria ficou por algum tempo muda de surpresa.



# Capítulo III

## Derrota

Aquelas últimas palavras da comadre produziram sobre D. Maria o efeito de um raio: a velha remexeu-se na banquinha, tomada do maior desapontamento.

— Ora, comadre, exclamou depois da primeira emoção, isso é novidade... Por isso eu sigo a regra antiga de não confiar em coisa que veste calções... Afe!... Esta me deixou preocupada.

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitava-se delas para fazer melhor o seu papel e respondeu:

— Pois também o que se havia de esperar de um sujeito como aquele? Um homem que não abre a boca a não ser para mentir... Que tem uma língua de Lúcifer?... Quem precisasse daquilo era mesmo para se perder.

— É verdade, senhora; nunca vi mentiroso, nem falador maior...

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manuel as qualidades que agora descobria tão claramente.

— Se eu fosse parente da moça colocaria um processo ao tal diabo que o ensinaria...

Por isso é que ele não aparecia por aqui há tanto tempo... Andava cuidando nos seus arranjos.

Mal tinha D. Maria acabado de pronunciar estas últimas palavras quando se ouviu bater à porta e a voz de José Manuel pedir licença.

Memórias de um Sargento de Milícias

— Aí está ele... Segredo... Não quero que saiba que fui eu, disse a comadre apressada.

— Ora, respondeu D. Maria, eu para isso sou boa.

José Manuel entrou. D. Maria, que não costumava guardar o que sentia, recebeu-o friamente; a comadre porém fez-lhe um rasgado cumprimento.

— Seja bem aparecido, disse, bons olhos o vejam.

— Tenho andado aí ocupado com alguns arranjos...

— Arranjos..., disse D. Maria trocando com a comadre um olhar significativo.

José Manuel, inocente em tudo, ficou pasmo, sem entender o que queria aquilo dizer; entretanto, segundo o costume, não perdeu ocasião de armar uma história.

— Sim, uns arranjos, acrescentou; houve um negócio muito sério em que estive metido e que ia me dando muito o que fazer; sinto não lhe poder contar, porque é segredo.

A comadre fez um gesto, como quem queria dizer “aí vem uma mentira”; D. Maria, porém, que estava preocupada devido à conversa que há pouco tivera, entendeu que José Manuel se referia ao roubo da moça; e, abanando a cabeça, disse por entre os dentes:

— Hum... entendo...

A comadre estremeceu temendo que D. Maria desse com a língua nos dentes, e que a questão do roubo da moça tivesse de ser averiguada em sua presença; porque nesse caso seria ela apanhada em flagrante mentira, e estava tudo perdido. Começou portanto a provocar a José Manuel a que declarasse qual era o negócio sério em que estivera metido; contava com algumas das histórias continuadas, e assim se desviaria a conversa do ponto que ela não queria ver tratado em sua presença.

Deixemo-la nesse empenho de lutar com os enganosos e fingidos mistérios de José Manuel.

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notável começou a se operar em Luizinha: a cada hora se tornava mais sensível a diferença tanto do seu físico como do seu moral. Seus contornos começavam a arredondar-se; seus braços, até ali finos e sempre caídos, engrossavam-se e tornavam-se mais ágeis; suas faces magras e pálidas enchiam-se e tomavam essa cor que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se

agora graciosamente; os olhos, até aqui amortecidos, começavam a lançar lampejos brilhantes; falava, movia-se, agitava-se.

As suas **ideias** alteravam-se também; o seu mundo interior, até então acanhado, estreito, escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, a iluminar-se, a povoar-se de milhões de imagens, ora amenas, ora melancólicas, sempre porém belas.

Até então indiferente ao que se passava em torno de si, parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gastava horas inteiras contemplando o céu, como se só agora tivesse reparado que ele era azul e belo, que o sol o iluminava de dia, que se enfeitava de estrelas à noite.

Tudo isto dava em resultado, pelo que diz respeito ao nosso amigo Leonardo, um aumento considerável de amor; também ele foi o primeiro que deu fé daquelas mudanças em Luízinha.

Entretanto, apesar de crescer seu amor, nem por isso lhe nasciam mais esperanças. Depois da declaração não se tinha adiantado nem mais uma polegada, e a única coisa talvez que o animava era um certo rubor que súbito subia às faces de Luízinha quando acontecia (raras vezes) que se encontrassem os olhos dela com os seus. A soma total destas adições era uma raiva que crescia na sua alma, aumentando todos os dias de intensidade contra José Manuel, a quem em seus cálculos atribuía todo o seu atraso.

Dadas estas explicações, voltemos a dar conta do resto da cena que deixamos suspensa.

Devido à insistência, a comadre conseguiu que José Manuel dissesse qual o negócio de alto segredo em que se tinha achado envolvido.

— Pois bem, disse ele finalmente, se prometem ser discretas, contarei.

— Ora, nem tem que se preocupar com isso.

Com as armadilhas e mistérios que tinha guardado até então, José Manuel não fizera mais do que ganhar tempo para imaginar a mentira que iria pregar: a comadre contava com isso.

Ele começou:

— Saibam as senhoras que fui um destes dias chamado ao palácio...

— Ui!, exclamou a comadre.

— Aí está o resultado, disse D. Maria; mas não se pagam na outra vida, é mesmo nesta.

— Resultado de quê?, perguntou José Manuel surpreso.

— De nada; continue.

José Manuel continuou então tomando por tema aquelas primeiras palavras que lhe tinham vindo à boca, uma mentira muito sem sabor, que nós poupamos aos leitores. Não foram porém satisfeitas as vistas da comadre, que queria desviar a conversa do furto da moça. Terminada a história, José Manuel começou a insistir com D. Maria para que lhe desse explicação das palavras duvidosas que há pouco havia dito a seu respeito. A comadre, assim que viu o negócio neste pé, foi tratando de se retirar, depois de trocar com D. Maria um olhar que queria dizer: “não me comprometa”.

D. Maria primeiro quis sustentar o segredo; afinal não pôde se conter e armou contra José Manuel uma grande armadilha, dizendo que toda a cidade estava cheia do horróroso escândalo que ele acabava de cometer roubando uma filha.

O homem foi às nuvens e jurou que estava inocente em tudo aquilo. Nada porém lhe valeu. D. Maria foi inflexível. Protestou de novo que, se ela fosse parenta da moça, o Senhor José Manuel se veria em maus lençóis com o negócio; e terminou por dar-lhe a entender que ele era um homem muito perigoso para ser admitido em uma casa de família.

José Manuel saiu completamente corrido e cismando em quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga.

Quanto a D. Maria, ficou muito satisfeita, pois, tendo no seu caráter um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa ação rompendo com José Manuel, que ficara realmente, como o calculara a comadre, perdendo muito no seu conceito.

# Capítulo IV

## O mestre de reza

Tudo que ultimamente se passara em casa de D. Maria tirara a sanidade de José Manuel; conheceu que tinha ali inimigo, fosse quem fosse, pois que aquilo não passava certamente de intriga que lhe tinham armado. Restava-lhe porém saber quem seria esse inimigo; e por mais que pensasse não percebia quem era.

Pelo gênero da intriga conheceu que a causa do que lhe faziam era seguramente a sua pretensão a respeito de Luízinha, que sem dúvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de lutar com um rival. Na roda que frequentava a casa de D. Maria não via ninguém que lhe parecesse poder estar nesse caso: passou-lhe muitas vezes pela lembrança o moço Leonardo; porém achava-o incapaz de se meter nessas coisas.

Assim são os malandros! Quantas vezes estão tocando o inimigo com as mãos e não o veem, e não o sentem!

Partisse porém donde partisse o golpe que o ferira, o caso é que fora dado certo, e com duas mãos. D. Maria, muito profunda em suas afeições, como em seus ódios, aceitaria com imensa dificuldade a reabilitação de José Manuel; entretanto ele não esfriou por isso e pôs mãos à obra.

Por uma sorte inexplicável, assim como Leonardo tinha achado na comadre uma protetora à sua causa, também José Manuel achou um procurador para a sua. Vamos já dizer aos

leitores quem era o procurador de José Manuel.

Havia, no tempo em que se passam estas cenas, instituições muito curiosas no Rio de Janeiro; algumas eram notáveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas, havia uma de que ainda em nossa infância tivemos ocasião de ver alguns destroços, era a instituição dos mestres de reza. O mestre de reza era tão querido e admirado naquele tempo como o próprio mestre de escola; além do respeito sempre tributado aos mestres, dava-se um acaso muito notável, e vem a ser que os mestres de reza eram sempre velhos e cegos. Não eram em grande número, por isso mesmo viviam portanto em grande atividade e ganhavam pouco. Andavam pelas casas ensinando os filhos, crias e escravos de ambos os sexos a rezar.

O mestre de reza não tinha traje especial: vestia-se como todos e só o que o distinguia era o cabo de uma tremenda palmatória, de que andava armado e que se via sair de um dos bolsos, doutrina única por onde ensinava seus discípulos.

Assim que entravam para a lição, reunia em um semicírculo diante de si todos os discípulos; puxava do bolso a tremenda palmatória, colocava-a no chão, encostada à cadeira onde se achava sentado, e começava o trabalho.

O mestre fazia em voz alta o pelo-sinal, pausada e vagarosamente, no que o acompanhavam em coro todos os discípulos. Quanto a fazerem os sinais, era ele quase sempre enganado, como facilmente se deduz, porém no que toca à repetição das palavras, tão prático estava que, por maior que fosse o número dos discípulos, percebia no meio do coro que havia faltado esta ou aquela voz, quando alguém se atrevia a ficar calado. Suspendia-se então imediatamente o trabalho, e o culpado era presenteado com uma remessa de bolos, que de modo nenhum desmentiam a fama da pancada de cego. Feito isto, recomeçava o trabalho, voltando-se sempre ao princípio do ato em tinha havido o erro ou falta. Acabado o pelo-sinal, que, com as diversas interrupções que comumente tinha, gastava boa meia hora; o mestre repetia sozinho sempre e em voz alta e compassada a oração que queria; repetiam depois o mesmo os discípulos do primeiro ao último, de um modo que nem era falado nem cantado; já se sabe, interrompidos a cada erro pela competente remessa de bolos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por diante, até terminar a lição

pela ladainha cantada. Ao sair o mestre recebia um pequeno donativo do dono da casa.

D. Maria, tendo em sua casa um número grande de crias, não dispensava ter, como todos que estavam em suas condições, o seu mestre de reza. Era este um cego muito famoso pelo seu excessivo rigor para com os discípulos, e por **consequência** um dos mais procurados; nesse tempo exigia-se antes de tudo essa qualidade. Tinha também outro mérito: corria a seu respeito a fama de bom arranjador de casamentos. Este era o procurador de José Manuel.

José Manuel já antes o tinha posto de mão e agora que se viu em perigo recorreu a ele; expôs-lhe o caso, comunicou-lhe suas intenções e pediu-lhe a sua cooperação. Fez-lhe sentir sobretudo que havia um rival a combater, e muito temível, pois que não era conhecido. O velho começou então a tomar as mais detalhadas informações e, depois de calcular por algum tempo, disse:

— Já sei quem devo combater..

— Então quem é?, perguntou José Manuel apressado.

— Vá descansado, não se importe com o resto.

— Mas, homem, olhe que é preciso muito cuidado; porque, quem quer que seja, é fino como só ele...

— Ora essa... Histórias... Desses arranjos eu entendo dormindo, e vejo nisso, sendo cego, melhor do que muitos com seus olhos perfeitos.

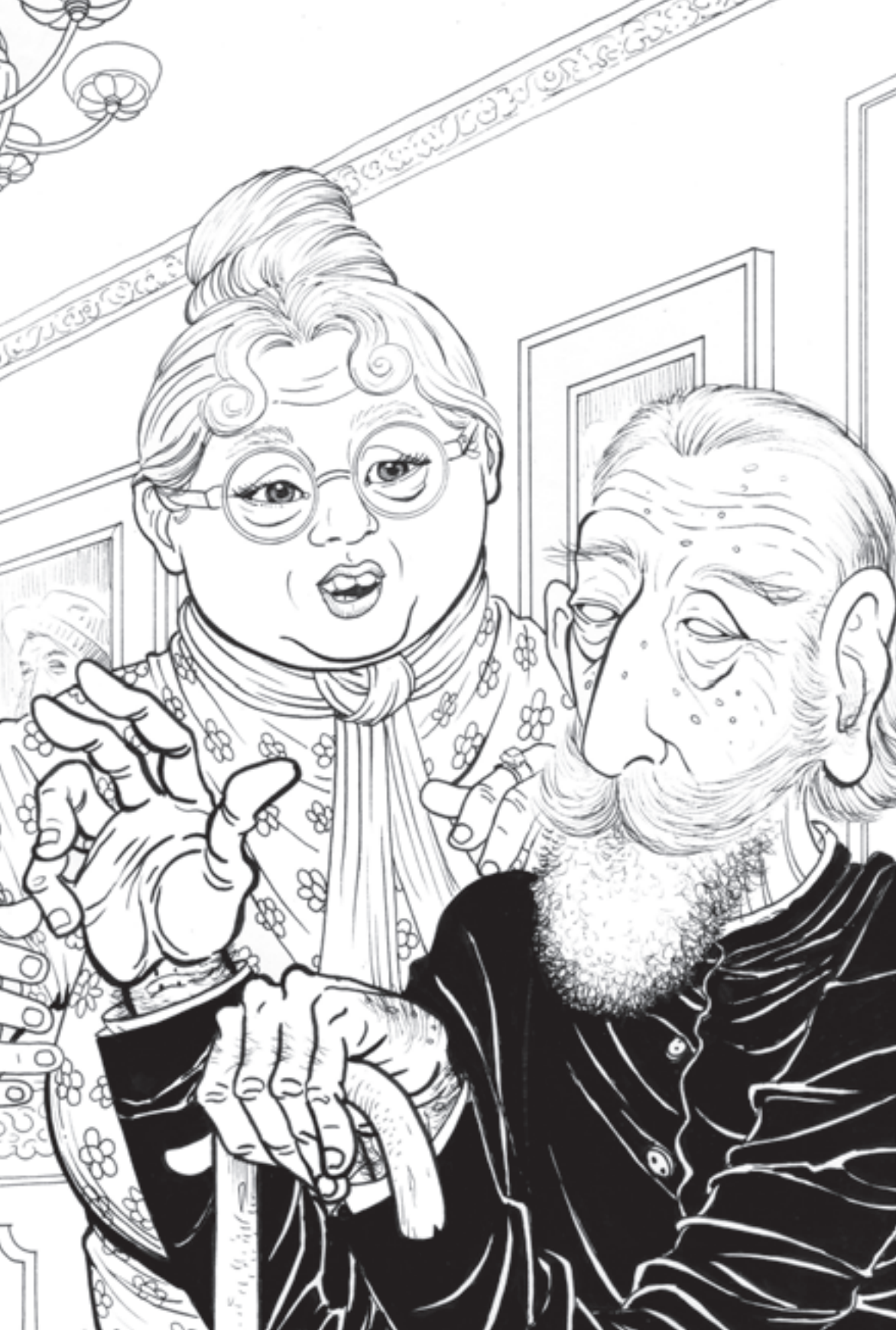
— É uma coisa que me tira o sono não poder descobrir quem se intromete nos meus negócios... Olhe que a tal história do furto da moça foi de mestre.

— Eu também sou mestre, e veremos quem ensina melhor.

Ficaram os dois nisto; e o cego pôs mãos à obra.

Devemos prevenir o leitor que a causa em semelhantes mãos, se não se podia dizer decididamente ganha, pelo menos ficava arriscada; e o que vale é que do outro lado estava a comadre.

O velho começou o seu trabalho pela regra: logo na primeira noite que foi dar lição na casa de D. Maria começou por fazer cair a conversa a respeito do roubo da moça e deu a entender que sabia do caso e conhecia perfeitamente quem tinha sido o autor dele. D. Maria disse também que sabia quem era e que até o conhecia muito. O velho sorriu, deixando apenas escapar em tom de dúvida um significativo "Ora...". D. Maria franziu as sobrancelhas, levantou os óculos e exclamou:





— Pois então pensa que eu ando atrasada nestas coisas? Ora veja... Sei quem foi e sei muito bem. É um pedaço de esperto com cara de sonso, que só irá morar na minha casa se eu algum dia for carcereira.

— É isso tudo, mas a Sra. D. Maria não conhece o homem, digo-lhe eu, que também estou a par deste negócio todo.

— Bem sei, bem sei... Mas olhe que eu também soube de parte muito certa... E não há nada mais fácil do que ver quem está enganado... Diga lá o senhor quem foi.

— Oh! não!, isso nunca, exclamou apressadamente o velho pondo-se em pé; nada, eu aqui não quebro segredo de ninguém.

D. Maria remexeu-se toda de aflição e, por mais que estimulasse, nada pôde arrancar do velho, que, para fazer melhor o seu papel, se foi logo retirando, dando assim a entender que queria cortar a conversa naquele ponto.

Como não conseguiu mais, o velho tinha ao menos lançado a dúvida no espírito de D. Maria a respeito do fato, que era para ela a pedra e escândalo contra José Manuel.



# Capítulo V

## Transtorno

Enquanto todas estas coisas se passavam, um triste successo, e da mais alta importância, veio alterar a vida de Leonardo, ou transtorná-la mesmo: o compadre caiu gravemente enfermo. Inicialmente a doença pareceu coisa de pouca importância, e a comadre, que foi a primeira chamada, pretendeu que todo o incômodo desapareceria dentro de dois dias, tomando o doente alguns banhos de alecrim. Nada porém se conseguiu com a receita; o mal continuou. Recorreram então a um boticário conhecido da comadre, que juntara ao seu ofício, não sabemos se com permissão das leis ou sem ela, o ofício de médico.

Era um velho, filho da cidade do Porto, que aqui viera se estabelecer há muitos anos e que juntara no ofício boas economias. Apenas chegou e viu o doente declarou que em poucos dias o poria de pé; bastava que ele tomasse umas pílulas que ia lhe mandar da sua botica: eram um santo remédio, segundo dizia, mas custavam um bocadinho caro, porém valia a vida de um homem. A comadre quando ouviu falar em pílulas franziu a testa.

— Pirolas, disse consigo; então o negócio é sério; e eu, que tenho desconfiança com pirolas; ainda não vi uma só pessoa que as tomasse escapar.

E avermelharam-se imediatamente seus olhos.

O boticário retirou-se levando consigo o Leonardo, que trouxe as pílulas. A comadre, olhando para elas, abanou a cabeça.

— Ora, disse, eu pensei que ele fosse lhe mandar dar alguns banhos; eu acho que com alecrim ficaria bom.

A comadre tinha razão até certo ponto, pois que, no fim de três dias, depois de feitos todos os preparos religiosos, o compadre deu a alma a Deus.

D. Maria tinha sido chamada nesse mesmo dia e compareceu com Luizinha e com todo o seu batalhão de crias; tinham vindo também algumas outras pessoas da vizinhança. Estavam todos sentados em um grande sofá, na varanda, e conversavam muito entretidos sobre os objetos mais diversos; algumas achavam mesmo na conversação motivo para boas risadas; de repente abriu-se a porta do quarto, e a comadre saiu de dentro com o lenço nos olhos, soluçando muito e repetindo em altos gritos:

— Eu dizia que tinha pouca fé nas pirolas; está para existir o primeiro que as tome e escape... Coitado do compadre... Tão boa criatura... Nunca soube que fizesse mal a ninguém...

Estas palavras da comadre foram o sinal dado à dor dos que se achavam presentes; desatou tudo a chorar, e cada qual o mais alto que podia. O Leonardo sofreu um grande choque, e, no meio do seu atordoamento, encolheu-se em cima do sofá com a cabeça sobre os joelhos, chegando-se, naturalmente sem o querer, porque a dor o perturbava, o mais perto possível de Luizinha. Continuaram os outros no seu coro de pranto dirigido pela comadre; mas não se contentavam só com o pranto, soltavam também algumas vezes exclamações em honra do defunto.

— Sempre foi muito bom vizinho, nunca tive escândalos dele, dizia uma.

Era a vizinha que botava azar no Leonardo e com quem o compadre brigara por este motivo umas poucas de vezes.

— Boa alma, dizia D. Maria, boa alma; seria como ele quem quisesse ter boa alma.

— Eu que lidei com ele, dizia a comadre, é que sei o que ele valia; era uma alma de santo num corpo de pecador.

— Bom amigo...

— E muito temente a Deus...

Prolongada esta cena por algum tempo, despediram-se algumas pessoas, outras ficaram ainda. Foi se acalmando o pranto, e daí a pouco D. Maria, enxugando ainda os olhos, explicava

detalhadamente a uma outra senhora que se achava junto dela a história genealógica de cada uma de suas crias que se achavam presentes.

Finalmente retiraram-se todos, exceto D. Maria, a sua gente e a comadre, que estava desde que o compadre adoecera tomando conta da casa.

Aproximou-se a noite; acenderam-se velas junto do defunto; fizeram-se todos os arranjos de costume. D. Maria e a comadre começaram a conversar, porém baixinho.

— Então, senhora, começou D. Maria, este homem não poderia morrer assim sem ter feito seu testamento; pois ele não queria deixar no mundo o afilhado desamparado para os outros se aproveitarem do que a ele custou tanto trabalho.

— A mim, respondeu a comadre, nunca me falou em semelhante coisa; mas, enfim, como isso são lá negócios de segredo... Talvez.

— Seria bom procurar; talvez em alguma gaveta por aí se ache; é impossível que o defunto não organizasse sua vida; bem vezes eu lhe aconselhei semelhante coisa.

— Tem razão, D. Maria, eu acho também que deve haver alguma coisa.

E foram as duas tratar de procurar o testamento nas gavetas de uma grande cômoda que havia no quarto do defunto. Enquanto nisso se ocupavam, Luizinha e Leonardo conversavam, ou antes cochichavam, como se diz vulgarmente. O que eles diziam não posso dizê-lo ao leitor, porque não sei; sem dúvida a moça consolava o rapaz da perda que acabava de sofrer na pessoa do seu amado padrinho.

Finalmente as duas acharam realmente um testamento e ficaram com isso muito satisfeitas. Voltaram à varanda e surpreenderam os dois no melhor da conversa. A comadre vendo-os sorriu, e D. Maria, fazendo, sem dúvida, a respeito do que estavam falando, o mesmo juízo que nós, disse enternecida:

— Ela tem muito bom coração!

— E o dele não é pior, respondeu a comadre.

E acrescentou com intenção:

— Formam um bom casal.

— Oh!, senhora, disse D. Maria com ingenuidade, deixe a menina, que ainda é muito cedo...

— Também não digo já, mas a seu tempo.

D. Maria sorriu com um sorriso de que a comadre gostou. Mudaram de conversa. Passou-se a noite; no outro dia saiu o enterro com todas as formalidades. Depois disso tratou-se de resolver uma importante questão: para a companhia de quem iria o Leonardo? A abertura do testamento feita nesse mesmo dia resolveu a questão. O compadre havia instituído a Leonardo por seu universal herdeiro. A comadre informou de semelhante coisa ao Leonardo-Pataca, e este apresentou-se para tomar conta de seu filho. Não pareceu o rapaz muito satisfeito com a graça: não sei como veio-lhe à **ideia** aquele terrível pontapé que o fizera fugir de casa; além disso raríssimas vezes tinha visto seu pai depois disso e estava completamente desacostumado dele. Não havia porém outro remédio; foi preciso obedecer e acompanhá-lo para casa, onde encontrou sua pequena irmã, e quem a pusera no mundo.

O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como homem entendido na matéria e em pouco tempo resolveu tudo aquilo. Deve-se notar que, se na vida do compadre corriam boatos que pareciam exagerados a respeito do que ele possuía, quando morreu pôde ver-se que esses boatos eram menores que a verdade, pois deixara ele um bom par de mil cruzados em dinheiro. Entregues algumas partes da herança de pouca importância, etc., tudo o mais veio cair nas mãos do Leonardo-Pataca como herança de seu filho.

Nos primeiros dias tudo foram flores na casa de **Leonardo-Pataca**, ainda que, para falar a verdade, desde a primeira vista não simpatizara muito o moço Leonardo com a sua irmã.

A comadre pensou que devia substituir o compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com ele na casa de Leonardo-Pataca; assim ficava também reunida à sua filha e à sua neta. O Leonardo-Pataca, que era flexível, ficou a favor do caso, e reuniu-se desse modo a família toda.

Tudo foram flores a princípio, como dissemos; o moço Leonardo e a comadre continuaram as suas visitas à casa de D. Maria; e digamos já, o rapaz e a moça iam pondo as mangas de fora; verdade seja que José Manuel trabalhava ajudado do seu cego mestre de reza, e não perdia também as esperanças.

Pouco tempo durou o sossego na casa de Leonardo-Pataca; Chiquinha (tal era o nome da filha da comadre) começou a implicar com o seu filho adotivo; este que, como dissemos, não sim-

patizara muito com ela, começou uma confusão de todos os diabos. Todos os dias brigavam por qualquer coisa, e tudo pelos ares. O Leonardo-Pataca e a comadre faziam o papel de conciliadores, mas os dois eram ambos esquentados, e muitas vezes o conciliador saía mal, porque aquele a quem não dava razão se revoltava contra ele. Se era por exemplo a comadre, e dava razão a Leonardo, a filha queixava-se de que sua mãe a abandonava para tomar o partido do afilhado: se pelo contrário dava razão a Chiquinha, o Leonardo queixava-se de que desgraçado era o filho sem mãe, pois nunca achava quem lhe desse razão. Outro tanto acontecia ao Leonardo-Pataca quando se metia a apaziguar os dois.

Os negócios assim iam mal, pois mais dia menos dia haveria grande barulho em casa.





# Capítulo VI

## Pior transtorno

Um dia o Leonardo recolhera-se para casa muito triste, pois tendo ido visitar D. Maria estivera com ela longo tempo sem que Luizinha lhe tivesse aparecido; de maneira que fora obrigado no fim de algumas horas a retirar-se sem vê-la. Quem já teve um namoro, por menos sério que seja, e levou uma peça destas; quem se viu obrigado a aturar por muito tempo a conversação de uma velha, tendo de concordar com ela em tudo e por tudo para não desagradá-la, só com o fim de trocar com alguém um olhar rápido, um sorriso disfarçado ou outra coisa assim, e que por fim de contas nem isso mesmo conseguiu, há de concordar que o Leonardo tinha toda a razão de estar ardendo com o que lhe acontecera e o desculparia de qualquer arrebatamento que na ocasião o atacasse. Há espíritos porém de tal maneira inoportunos que se divertem em aumentar a irritação dos outros e que, quanto mais profundamente tiram um infeliz do sério, tanto mais gostam de alfinetar-lhes.

Chiquinha, a amante de Leonardo-Pataca, era de um gênio assim; e, depois que moravam todos juntos, não perdia uma só dessas ocasiões em virtude da antipatia que tinha ao rapaz, para irritar falando o pobre Leonardo. Este, de um gênio raivoso e pouco acostumado a ser contrariado, ia às nuvens com semelhante coisa; e, se em ocasiões comuns em que estava de bom

humor eram constantes as brigas em casa, calcule-se o que não faria nas ocasiões como naquela a que nos referimos, que estivesse cheio de razões, e por que motivo! Chiquinha, vendo entrar o Leonardo pela porta adentro de cara amarrada e sem dar o *Deus-te-salve* a ninguém, sorriu com maldade e concertou a garganta, dizendo entre dentes:

— Melhor cara traga o dia de amanhã.

Leonardo, que percebera o que aquilo queria dizer, fez um gesto arrebatado sentando-se em uma cadeira, porém com tanta infelicidade que atirou ao chão uma almofada de renda que se achava junto dele: com a queda arrebentaram-se os fios, e uma porção de bilros rolou pela casa. Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciúmes da sua almofada. Ela se levantou do seu lugar já fervendo de raiva; pôs as mãos nos quadris e, balançando a cabeça à medida que falava, exclamou:

— Ora, dá-se um desaforo de tamanha grandeza? Vir da rua com os seus azeites, todo esfogueteado e, de propósito, e muito de propósito, fazer-me o que estão vendo, só para me desrespeitar, como se fosse aqui um dono de casa que pudesse desrespeitar a qualquer sem quê nem para quê!...

Leonardo ouviu tudo sem interromper, procurando conter a raiva; e, enquanto Chiquinha tomava fôlego, respondeu com voz trêmula e cortada:

— Não se meta com a minha vida, porque eu também não me importo com a sua; se estou com os azeites...

— Ah!, boa medida!, atalhou Chiquinha; ah!, major Vidigal!...

— Já lhe disse...

— Que já lhe disse, nem meio já lhe disse!... Namorado sem futuro...

Estas palavras fizeram o efeito de uma fásca em um barril de pólvora. Avançou o Leonardo para Chiquinha com os punhos cerrados e espumando de raiva.

— Se me diz mais meia palavra... Perco o respeito por você... Eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a senhora de meu pai... Perco o respeito por você...

— Você sempre mostra que tem raça de camponês, disse Chiquinha encarando-o e sem recuar um passo.

O Leonardo-Pataca, que estava no interior da casa, reagiu apressado ao barulho e veio achar os dois ainda em atitude

hostil; vendo o filho quase a desrespeitar o adorado objeto de seus definitivos afetos, não pensou duas vezes em enfrentá-lo.

— Peçaço de malandro... Pensas que isto aqui é como a casa de teu padrinho donde saístes... Quero aqui muito respeito a todos... do contrário... Se já uma vez te dei um pontapé que te fiz andar muitos anos por fora, dou-te agora outro que te ponha longe daqui para sempre...

— Nunca pensei, interrompeu Chiquinha dirigindo-se ao Leonardo-Pataca, querendo deixar o caso mais feio; nunca pensei que na sua companhia se viesse a sofrer semelhante coisa...

— Não faças caso, menina, isto é um pedaço de malandro a quem vou ensinar; se não fosse você, dava-lhe uma lição...

— Por causa dela!... Disse o rapaz; tinha que ver! Um dia vai te dar bom pagamento; tão bom como a cigana...

— Nunca vou lhe dar, reagiu Chiquinha enfurecida com este insulto; nunca lhe darei o que lhe deu tua mãe...

Com isto o Leonardo-Pataca desabou completamente; que dilúvio de amargas recordações não fizeram tão poucas palavras cair sobre sua cabeça!

— Espera, maltrapilho, espera que te ensino, exclamou vermelho de raiva; espera que te ensino...

E, entrando repentinamente no quarto da sala, saiu de lá armado com o espadim do uniforme e investiu contra o filho. Convém dizer que o espadim estava dentro da bainya.

— Não se ponha a perder por minha causa, exclamou Chiquinha agarrando-o pela camisa de chita com que ele estava vestido.

Era inútil porém o medo de Chiquinha, porque o rapaz, vendo que o negócio ia-se tornando feio, tendo-lhe ficado um terror instintivo do pai depois daquele pontapé que nunca lhe saíra da memória, tinha-se posto na rua, fechando a porta atrás si.

— Ah!, canalha, disse ainda o Leonardo-Pataca, que eu acabo contigo...

O Leonardo, que fugia por um lado, e a comadre, que entrava por outro, pois estivera ausente durante toda a cena, apenas foi largando o véu e vendo os dois atores que tinham ficado em cena ainda nas posições do último quadro, tratou de indagar qual fora o drama que se acabava de representar.

— Ora, foi uma das costumeiras do afilhado dos seus amores,



respondeu Chiquinha, ainda não sossegada.

— Porém ia saindo caro para ele desta vez, completou Leonardo-Pataca.

— Pois então, falou a comadre indignada; pois então o compadre estava armado de espada para dar no rapaz?

— Ora!, que se eu o pego, ia ficar mal!

— Mas então por quê? Quantas mortes fez ele de uma vez? Onde é que pôs fogo na casa? Triste coisa é um filho sem mãe!... Aposto que se eu estivesse aqui nada teria acontecido.

— Sim, respondeu Chiquinha, porque logo iria tomar as dores por ele, como é seu costume. Aí está; muitos filhos têm mãe, e entretanto elas servem para isto: tomam as dores por outros e deixam-nos de banda.

— Que! Histórias! É que tudo leva sua porção de mau caminho.

— Oh!, senhora!, falou Leonardo-Pataca, se isto está assim, não há um momento de sossego nesta casa; acabada uma, começa outra; o que não vai dizer esta vizinhança? Olhem que isto aqui é casa de um Oficial de Justiça.

— Mas, enfim, disse a comadre, onde está o rapaz? Onde é que o enterraram?

— Saiu por ali desembestado e tomara que não volte para cá.

— Ora, está bonito! Oh!, mas isto não pode ser assim; correrem com o rapaz de casa para fora!... Ele não é nenhum desgraçado, pois tem o que lhe deixou seu padrinho.

— Essas e outras é que o colocaram a perder.

— Sim, metam na sua cabeça que é rico e verão no que dá.

— Coitado, disse lamentando a comadre, aquele nasceu com má sorte.

E, tomando de novo o véu, saiu com as lágrimas nos olhos à procura de Leonardo. Ao sair escoravam-na à janela três ou quatro vizinhas.

— Então, o que é que fizeram ao moço?

— Que foi isso, comadre?

— Ele passou por aqui a dez léguas por hora.

— Deixe-me, deixe-me, respondeu a comadre, que isto não vai acabar bem.



# Capítulo VII

## Remédio aos males

O pobre rapaz saíra, como dissemos, pela porta afora e caminhando apressadamente olhava de vez em quando para trás, pois julgava ver ainda contra si o espadim com que o pai o ameaçara, parecendo com ele querer acabar a obra que começara com um pontapé. Andou rapidamente por um tempo e chegou lá para as bandas dos Cajueiros: cansado, ofegante, **sentou-se** sobre umas pedras, e quem o visse com ar tristonho e pensativo julgaria talvez que ele pensava na sua posição e no caminho que havia de tomar. Pois enganava-se redondamente quem tal julgasse: pensava em coisa muito mais agradável; pensava em Luizinha. Pensando nela não podia, é verdade, deixar de ver surgir diante dos olhos o terrível José Manuel; e isto explicava certos movimentos de impaciência que de vez em quando se podiam observar nele. Tinha gasto muito tempo nesta meditação, quando foi repentinamente acordado por umas poucas gargalhadas partidas detrás de umas moitas vizinhas. Estremeceu da cabeça aos pés; pareceu-lhe que tinham lido os pensamentos que passavam pela sua mente e que riam dele. Voltou-se, nada viu; guiado por um rumor que ouvia, começou a procurar e sem grande trabalho viu, atrás de umas moitas um pouco altas, uns rapazes e moças que, sentados em uma esteira entre os restos de um jantar, debruçavam-se curiosos sobre dois parceiros, que,

com um baralho de cartas amarrotado e sujo, operavam um complicado jogo! As gargalhadas que ouvira há pouco tinham sido a **consequência** de uma vitória de um deles. Tendo em vista aqueles restos de jantar, que, se não parecia ter sido grandioso, fez-lhe lembrar que saíra de casa na ocasião de pôr-se a mesa, deu-lhe então o estômago umas formidáveis badaladas. Tentou voltar, porque não queria se meter na festa alheia, quando, levantando a cabeça um dos jogadores, conheceu nele um seu antigo camarada, o menino que fora sacristão da Sé. Ainda que apesar disso se quisesse retirar, já era tarde, porque, com o movimento que fizera, o jogador, dando com ele, o havia também conhecido.

— Leonardo! Por que cargas-d'água vieste parar nesses lados? Pensei que te tinha já o diabo lambido os ossos, pois depois daquele maldito dia em que nos vimos em apuros por causa do mestre de cerimônias, nunca mais te vi.

Leonardo chegou-se ao grupo e, trocados os cumprimentos com o seu antigo camarada, foi convidado a servir-se de alguma coisa do que ainda havia. Quis fazer cerimônia, mas não estava em condições disso: uma das moças serviu-o e, enquanto continuava o jogo, ele comeu até não poder mais.

— Acabe essa garrafa que aí resta, disse-lhe o amigo, e vê se o vinho tem o mesmo gosto daquele que em outro tempo bebíamos juntos na Sé, para desespero de meu pai e raiva do mestre de cerimônias.

Quando Leonardo acabou de comer, acabaram também os dois parceiros de jogar; chamou então o amigo à parte e perguntou-lhe:

— Então que bando é este com que te achas aqui?

— É minha gente.

— Tua gente?

— Sim, pois não vês aquela moça morena que ali está?

— Sim, e então?

— Ora!...

— Pois tu casaste?

— Não... Mas que tem isso?

— Ah!... Estás namorando!

— E tu?

— Eu... Ora, nem te digo... Morreu meu padrinho.

— Sim, ouvi dizer.



— Fui para a casa de meu pai... E, de repente, hoje mesmo, brigo lá com a *dita-cuja* dele; ele corre de espada atrás de mim, e eu me salvo. Parei ali adiante, e as gargalhadas que vocês aqui davam...

— Sei do resto... E agora tu não tens para onde ir?

— Homem, eu ia ver...

— Ver o quê?

— Ver por aí...

— Por aí, por onde?

— Nem mesmo eu sei...

E os dois riram. Quando temos apenas 18 a 20 anos sobre os ombros, o que é um peso ainda muito leve, desprezamos o passado, rimos do presente e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é a melhor vantagem da mocidade.

— Sabes que mais?, continuou o amigo do Leonardo, vem conosco e não vais te arrepender.

— Mas com vocês, para onde?

— Para onde? Sem dúvida tens algo melhor a escolher? Queres fazer cerimônias?

Começava a cair a noite.

— Vamos levantar o bando, minha gente, disse um dos convivas.

— Sim, vamos.

— Nada, inda não: Vidinha vai cantar uma modinha.

— Sim, sim, uma modinha primeiro; aquela: *Se os meus suspiros pudessem*.

— Não, essa não, cante antes aquela: *Quando as glórias que eu gozei*.

— Vamos lá, decidam, respondeu uma voz de moça suave e doce.

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito empinado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes muito brancos; a fala era um pouco descansada, doce e afinada.

Cada frase que dizia era interrompida com uma risada prolongada e sonora e com um certo caído de cabeça para trás, talvez gracioso se não fosse muito afetado. Acertou-se finalmente que ela cantaria a modinha *Se os meus suspiros pudessem*. Tomou Vidinha uma viola e cantou, com acompanhamento sem

graça hoje, porém de grande aceitação naquele tempo, o seguinte:

*Se os meus suspiros pudessem  
Aos teus ouvidos chegar,  
Verias que uma paixão  
Tem poder de assassinar.  
Não são de zelos  
Os meus queixumes,  
Nem de ciúme  
Abrasador;  
São das saudades  
Que me atormentam  
Na dura ausência  
De meu amor.*

O Leonardo, que, talvez hereditariamente, tinha queda para aquelas coisas, ouviu boquiaberto a modinha, e tanta impressão lhe causou que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora.

A modinha foi aplaudida como era de se esperar. Levantaram-se então, arrumaram tudo o que tinham levado em cestos e puseram-se a caminho, acompanhando Leonardo o animado grupo.

# Capítulo VIII

## Novos amores

Chegaram todos depois de longo caminhar e quando já brilhava nos céus um desses luares magníficos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da Vala. Naqueles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguém ficava em casa; os que não saíam a passeio sentavam-se em esteiras às portas, e ali passavam longas horas cantando, em jantares, em conversas, muitos dormiam a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinham dado um grande passeio, adotaram a esteira à porta e continuaram assim pela noite em diante na farra em que haviam gasto o dia, pois aquilo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que também tomara parte, era o final de uma folia que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que eram então tão comuns e tão queridas.

Agora devemos dar ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se acha o nosso Leonardo. Se o amigo José Manuel pudesse nos ajudar aqui, sem dúvida nos descreveria toda a árvore genealógica dessa família a quem o amigo do Leonardo chamava a *sua gente*: porém, contentem-se os leitores com o presente sem perguntar o passado. Saibam pois que a família era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sê-lo, uma com três filhos e outra com três filhas;

passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos; ambas gordas e excessivamente parecidas. Os três filhos da primeira eram três formidáveis rapagões de 20 anos para cima, empregados todos no Trem; as três filhas da segunda eram três moças elegantes, na mesma idade dos primos, e bonitas cada uma no seu gênero. Uma delas, os leitores já conhecem; é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira como uma de suas irmãs; a última era também solteira, porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer e, explicando, dará também a conhecer o que era ele próprio na família. Os mais que se achavam presentes eram na maior parte vizinhos que se reuniam para aquelas farras, que eram tradicionais na família.

Quando chegaram à casa, o amigo do Leonardo juntou às duas velhas e começou a conversar com elas, sem dúvida a respeito do Leonardo, pois que o olhavam todos três durante a conversa; e mesmo quem tivesse o ouvido ligado teria escutado das velhas estas palavras:

— Coitado do moço!...

— Ora, vejam que pai de más entranhas!...

Outro qualquer que tivesse mais idade, ou antes, falando claro, mais juízo e outra educação, envergonhar-se-ia talvez muito de se achar na posição em que se achava o Leonardo, porém ele nem pensava nisso, e o que é mais interessante, nem pensava mais naquilo que até então não lhe saía da cabeça, isto é, em Luizinha de um lado e José Manuel do outro: agora não via senão os olhos negros e brilhantes e os alvos dentes de Vidinha; não ouvia senão o eco da modinha que ela cantara. Estava pois absorvido num êxtase contemplativo. No mais, pensaria quando lhe restasse tempo.

Mal tinham se sentado todos em uma larga esteira junto à soleira da porta sobre a calçada, o Leonardo propôs logo que se cantasse uma nova modinha.

— Que..., respondeu Vidinha acompanhando este “que” sua costumeira risada; estou já tão cansada... Que nem posso!

— Ora... ora..., disseram umas poucas vozes. Além do costume das risadas, Vidinha tinha um outro, que era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um “que” muito acentuado; respondeu ainda portanto:

— Que... Pois se eu também já cantei tudo que sabia.

Que, meu Deus! Nem eu posso mais!

— Ainda não cantou a minha favorita, disse um dos presentes.

— Nem a minha, disse outro.

— Eu também, acrescentou outro, ainda não lhe pedi aquela aqui do peito.

— Que, meu Deus! Onde é que isto vai parar!

— Ora, mana, não se faça de boa.

— Ai, criatura, disse uma das velhas, queres que reze uma missa para tu cantares uma modinha?

Leonardo, vendo a sua causa defendida por tantas vozes, conservou-se calado. Tentados mais alguns meios, e feitas mais algumas artimanhas, Vidinha decidiu-se e, tomando a viola, cantou, segundo a indicação de uma das velhas, o seguinte:

*Duros ferros me prenderam  
No momento de te ver;  
Agora quero quebrá-los,  
É tarde não pode ser.*

Este último passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: ainda bem não tinham acabado as últimas notas do canto e já, passando-lhe rápido pela mente um turbilhão de ideias, admirava-se ele de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luizinha, menina sem graça e esquisita, quando havia no mundo mulheres como Vidinha. Decididamente estava apaixonado por esta última.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos parado de repetir que o Leonardo herdara de seu pai aquela grande cópia de fluido amoroso que era a sua principal característica. Com esta herança parece porém que tinha ele tido também uma outra, e era a de lhe vir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manuel fora o primeiro; vejamos agora qual era, ou antes quem era, a segunda.

Se o leitor pensou no que há pouco dissemos, isto é, que naquela família havia três primos e três primas, e se agora acrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter desconfiado alguma coisa a respeito. Três primos e três primas, morando na mesma casa, todos moços... Não há nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. É preciso, porém, ainda observar que o amigo do Leonardo tomara conta de uma

das primas e que deste modo vinha ter três primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. À vista disto o negócio já se torna mais complicado. Pois para encurtar, saiba-se que havia dois primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidiinha, a mais bonita de todas; saiba-se mais que um era atendido, e outro, desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

Mas por ora ele não sabia de nada e entregava-se **tranquilo** às suas emoções sem se lembrar do que qualquer um se lembraria, que entre primos e primas há assim um certo direito mútuo em negócio de amor, que muito prejudica a qualquer pretendente externo.

Gastaram grande parte da noite ali, sentados, e trataram de recolher-se já muito tarde. O amigo do Leonardo, a quem daqui em diante trataremos pelo seu próprio nome de Tomaz, com o apelido “da Sé”, ambos herdados de seu pai, declarou que o seu amigo ficava ali por aquela noite, por já ser muito tarde; quis assim poupar-lhe um vexame e mostrou nisto ser bom amigo.

Agora que o nosso Leonardo está instalado em quartel seguro, vamos nos ocupar de alguma coisa de importante que havíamos deixado suspensa.

# Capítulo IX

## José Manuel triunfa

A comadre correrá toda a cidade e em parte alguma encontrara o Leonardo; enquanto cansava-se assim a procurá-lo, estava ele **tranquilo** e descansado mirando-se nos olhos de Vidinha, vivendo a ouvir modinhas, como sabem os leitores, sem se lembrar do que ia pelo mundo.

A pobre mulher, depois de muito cansada, foi à casa de D. Maria. Era já noite fechada. Quando ela ia entrando, estava saindo o mestre de reza que acabava de dar a sua lição às crias de casa. A comadre há algum tempo que andava desconfiada do mestre de reza; combinando o que por aí se dizia a seu respeito com certas coisas que tivera ocasião de presenciar, estava quase concluindo que era ele emissário de José Manuel junto à corte de D. Maria. Não gostou portanto do encontro, e seu cabelo doeu ao vê-lo sair àquela hora, pois que de ordinário as lições não se demoravam até tão tarde; e para provocá-lo disse-lhe:

— A lição hoje foi comprida, devoto... Parece que as moças gostam mais do pecado do que da reza.

— Não, respondeu o velho com sua voz fanhosa, elas não vão mal, empacam em alguns lugares, mas sempre vão indo; bem sabe também que sempre trago comigo o santo remédio. E afagou o cabo da palmatória com que sempre andava armado.

— Ah!, então esteve o devoto de conversa; gosta também de dar à língua...

— Não desgosto; mas também não digo senão aquilo que sei, isto é, aquilo que ouço; os outros gastam o seu tempo a ver e a ouvir; eu, como não posso senão ouvir, falo o que os mais empregam a ver; falo, e falo muito; mas que quer, se me sobra tempo para isso; e, além do mais, bem sabe que não é trabalho que canse. Meus pais eram de Algarves, e eu não quero desmentir a minha paternidade.

— Então já sei que hoje desenterraram-se mortos e enter-raram-se vivos; pois eu não posso fazer isso também, porque vou aqui muito e muito zangada de minha vida. Se o devoto, como é homem que muito gira por toda esta cidade, souber por aí notícias de meu afilhado Leonardo, queira vir me dar parte, pois saiu-nos ele hoje de casa lá por causa de umas histórias, e não sei por onde andar.

— Ora, isto fica por minha conta; não há nada mais fácil do que dar com ele.

E aqui terminou esta conversa, que tinha lugar na porta da rua, e com a qual não ficara a comadre muito contente. D. Maria, que ouvira tudo, veio ao encontro da comadre, e foi-lhe logo dizendo antes de lhe dar tempo de tirar o véu:

— Então o rapaz já não está em casa? Senhora, aquilo é genioso, nasceu assim e com ele vai com certeza à sepultura. Bem me diziam o que ele era, e apesar do seu ar sonso nunca acreditei nele.

— Adeus, que a senhora está colocando culpas em quem não as tem; o rapaz desta vez tem toda a razão...

— Ora, histórias da vida; isso diz você porque gosta dele como se fosse sua mãe; mas escute o que eu lhe digo: os rapazes de agora andam de cabeça levantada... Mas o defunto padrinho, Deus lhe fale n'alma, foi o próprio que teve culpa de tudo isso com aquelas **ideias** de Coimbra que lhe meteu na cabeça...

— Mas, senhora de Deus, se o bruto do pai até chegou a correr atrás dele de espada na mão...

— Isso ele não faria! Mas que tem isso? O pai não iria esquartejá-lo. Por certo, que eu bem conheço seu gênio; aquilo era raiva e passaria; ele devia aceitar... Afinal é seu pai.

— Virgem Santa! Pois se tudo isso foi por uma coisa de nada, por causa de uma almofada de renda... Isto é coisa em que se creia?!... E agora para onde é que irá aquele coitado?...

— Deve estar por aí metido em alguma festa de ciganos;



não se lembra do que ele fez quando o padrinho era vivo?

— Ora, criançadas... Para que falar nisso?

Este diálogo ia continuando interminável sobre o mesmo assunto, quando D. Maria, mudando repentinamente de conversa, disse à comadre:

— Ora, é verdade, sente-se aqui que temos contas para ajustar...

— Contas?!...

— E muito compridas, começo por dizer, acrescentou D. Maria, que não parecia estar nesta ocasião de muito bom humor; começo por dizer-lhe que quando for à confissão este ano trate de desobrigar-se de um grande pecado que cometeu.

— E eu que já não tenho poucos: mas então o que é?

— É uma calúnia, senhora, uma calúnia muito grande que levantou contra uma pessoa que não merecia. A comadre não precisou de mais nada para conhecer onde é que tudo aquilo ia parar; a mentira mais recente de que a acusava a sua consciência ela bem sabia qual era. Começou a ver tudo claro como o dia; viu José Manuel justificado completamente aos olhos de D. Maria a respeito da história do roubo da moça no Oratório de Pedra e viu também como mediador dessa justificação o cego mestre de reza. Ficou pois visivelmente incomodada; mexia-se de um lado para outro, como se a banquinha em que estava sentada estivesse cheia de espinhos, e teve um forte acesso de tosse quando D. Maria acabou de pronunciar aquelas últimas palavras.

— Tudo quanto me disse a respeito de José Manuel naquela história do roubo da moça, continuou D. Maria fazendo-se vermelha, o que era nela mau sinal, é falso, e muito falso. Sei isto de parte muito certa...

Novo acesso de tosse tomou conta da comadre.

— Pois olhe, prosseguiu D. Maria, eu tinha dado todo o crédito, tanto que havia rompido com o pobre do homem, mas não caio noutra; esta me serviu de lição.

A comadre viu que o vento ia tornando sentido absolutamente contrário; compreendeu que D. Maria estava muito bem informada e que seria inútil qualquer sustentação que pretendesse fazer de tudo quanto havia dito; isso só serviria para agravar-lhe a posição. Forjou pois repentinamente um novo plano e disse:

— Não me dá nada de novo, senhora; sei muito bem de

tudo; o homem está nesse negócio como Pilatos no Credo<sup>22</sup>.

— Mas lembre-se que me havia dito que tinha visto com seus próprios olhos.

— Ah!, senhora, era a cara dele; nunca vi coisa assim tão parecida. Outro dia porém soube de tudo, e agora estou arrependida.

— Mandei por isso chamar o pobre homem, continuou D. Maria, que, de ofendido que estava com o modo com que eu o tratei, custou muito a vir, e abri-me aqui com ele. E uma coisa lhe digo, é que a comadre não está bem no negócio; ele me contou certas coisas... a que eu enfim não quis dar crédito.

— Pois então a senhora lhe disse que eu é que...

— Não fui eu quem lhe disse; ele já sabia, e não era possível negar. Foi então que ele quis abrir meus olhos sobre outros pontos...

A comadre, que via todo o caldo entornado naqueles *outros pontos*, tratava de desviar a conversação, fazendo que não dera atenção a essas últimas palavras.

— Mas então, perguntou, por quem foi que soube como tinha sido o negócio? Quero ver se combina aqui com o que sei.

— Ainda há pouco acabou de sair daqui quem me pôs o negócio todo em pratos limpos.

— Ah!, disse a comadre.

E mordeu os beiços, fazendo um gesto que queria dizer: “nunca me enganei”!

D. Maria prosseguiu contando à comadre, que, tendo falado tudo ao mestre de reza, ele lhe havia negado tudo quanto esta lhe dissera a respeito de José Manuel; que muito tempo lutara com o velho para que lhe dissesse o que sabia a respeito e em que fundava a negação que fazia; que, finalmente, depois de grande resistência, tinha ele trazido a sua casa, mesmo no dia antecedente, o pai da moça, que tudo confessara, declarando até o nome da pessoa com quem se achava sua filha, que ele já conhecia, e com quem tinha feito as pazes.

— É exatamente o que eu sabia, disse a comadre no fim da narração; foi tudo assim mesmo. Veja, senhora, a que está sujeita a gente nesta vida: a levantar falsos aos outros.

Agora informemos ao leitor que tudo que se acabava de

---

<sup>22</sup> Pilatos no Credo: no contexto desta obra, significa que José Manuel “não tem nada a ver com o roubo”.

passar tinha sido obra do mestre de reza. Pouco a pouco tinha se informado do que se passava em casa de D. Maria a respeito do seu cliente José Manuel; tinha conseguido saber quem havia armado a intriga; indagou também o que se passava em casa de Leonardo-Pataca; e, como lá se falava um pouco alto a respeito das pretensões de Leonardo, combinando umas coisas com outras, chegaram à conclusão certíssima daquilo que com efeito se passara.

D. Maria pareceu dar crédito ao arrependimento da comadre e começou a melhorar o humor um pouco rude em que se achava. Voltaram à questão da saída do Leonardo de casa, e desta vez D. Maria já não se mostrou tão inflexível para com o rapaz. Entretanto à comadre não lhe saíram da cabeça aquelas palavras de D. Maria: *abriu-me os olhos sobre outros pontos*; e depois que viu D. Maria mais calma, tentou chamar de novo a conversa para esse ponto e como que pedir explicações. Ela previa a significação daquelas palavras; sem dúvida nenhuma que se referiam às suas pretensões ou às de seu afilhado sobre Luizinha, porém queria saber as cores com que esse negócio tinha sido pintado a D. Maria por José Manuel.

Isso foi porém fatal, porque soube (o que não foi nada agradável para ela) que o negócio estava muito mal parado a respeito do seu afilhado, e pelo contrário muito adiantado a favor do seu adversário. D. Maria, depois de declarar que José Manuel tinha se queixado da comadre, atribuindo-lhe tudo que havia se passado, que não era mais do que uma intriga tramada com o fim de o afastar de sua casa, porque tinham sobre ele caído suspeitas, que confessava justas, acrescentou finalmente que José Manuel, completamente justificado, graças à intervenção do mestre de reza, acabara por lhe dar a entender alguma coisa a respeito de Luizinha, o que D. Maria confessou não lhe ter sido totalmente desagradável, porque enfim, segundo alegava, José Manuel era um homem sério e de juízo, tinha corrido mundo e não era nenhuma criança (esta palavra doeu à comadre) que não fosse capaz de tratar bem de uma moça. A comadre perdeu o ânimo completamente com estas últimas declarações; porém o que fazer na ocasião? Ela mesma tinha há pouco confessado o risco em que se está a cada momento de ser injusto com o próximo, e não podia aventurar, pelo menos naquela ocasião, alguma coisa contra José Manuel, ainda mais porque havia se

Memórias de um Sargento de Milícias

saído mal da primeira intriga que armara. Contentou-se pois com repetir uma observação que D. Maria mesma lhe havia feito há pouco tempo, e disse, referindo-se a Luízinha:

— Gente, pois aquela criança ainda não está na idade!...

— Sim, respondeu D. Maria, está ainda verdinha, mas também isso não é uma urgência.

A comadre respirou, pois viu que ainda havia tempo a ganhar.

# Capítulo X

## O agregado

Passaram-se assim algumas semanas: Leonardo, depois de acabadas todas as cerimônias, foi declarado agregado à casa de Tomaz da Sé e aí continuou bem arranjado. Ninguém se admire da facilidade com que se faziam semelhantes coisas; no tempo em que se passavam os fatos que vamos narrando, não havia nada mais comum do que ter em cada casa um, dois e às vezes mais agregados.

Em certas casas os agregados eram muito úteis, porque a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém, e estas eram em maior número, o agregado, perfeito vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, da qual retirava a seiva sem ajudá-la a dar os frutos, e mais ainda, chegava mesmo a dar fim dela. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hipótese o esmagavam com o peso de mil exigências, se lhe passavam na cara, a cada passo, os favores, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e à menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo suportavam todo o desconcerto com paciência de mártir, o agregado tornava-se quase rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, brigava com os filhos,

metia-se enfim nos mais particulares negócios.

Em qual dos dois casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que decida pelo que se vai passar. Começemos por declarar que as duas velhas irmãs tinham concebido desde o primeiro momento uma decidida simpatia por ele, e era esse o único ponto por onde o podemos julgar um pouco feliz: se a cada passo encontrava contrariedades e antipatias, também lhe não faltavam simpatias e favores. Isto já era meio caminho andado para qualquer projeto que ele formasse, qualquer intenção que tivesse ou desejo que despertasse nele. Mas note-se que, para a lei das compensações, que pesava constantemente sobre ele, não falhar, logo o projeto, a intenção e desejo que teve foi a respeito de uma *coisa* que já tinha despertado igual projeto, intenção e desejo em duas outras pessoas, o que equivale a dizer-se, como já o fizemos, que tinha ele de lutar com duas dificuldades.

Vidinha era uma moça que tinha tanto de bonita como de volúvel e leve: um soprozinho, por brando que fosse, fazia-a voar, outro de igual natureza a fazia revoar, e voava e revoava na direção de quantos sopros por ela passassem; isto quer dizer, em linguagem básica e sem os rodeios da retórica, que ela era uma formidável namoradeira, como hoje se diz, para não dizer *lambda-beta*, como se dizia naquele tempo. Portanto não foram de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque já o negócio com Luizinha o tivesse ensinado, quer porque agora fosse a paixão mais forte, embora esta última hipótese vá de encontro à opinião dos ultra-românticos, que põem todos os bofes pela boca pelo tal “primeiro amor”: no exemplo que nos dá o Leonardo, aprendam o quanto ele tem de duradouro. Se um dos primos de Vidinha, que dissemos ser o atendido naquela ocasião, teve motivo para levantar-se contra o Leonardo como seu rival, o outro primo, que dissemos ser o desatendido, teve dobrada razão para isso, porque além do irmão apresentava-se o Leonardo como segundo concorrente, e o ódio de quem se defende contra dois é, ou deve ser sem dúvida, muito maior do que o de quem se defende contra um. Declarou-se, portanto, desde que começaram a aparecer os sintomas do que quer que fosse entre Vidinha e o nosso hóspede, guerra de dois contra um, ou de um contra dois. A princípio ela foi surda e muda; era

guerra de olhares, de gestos, de desfeitas, de más caras, de maus modos de uns para com os outros; depois, seguindo o adiantamento do Leonardo, passou a gracinhas, a recados, a zombarias. Um dia finalmente terminou em agressão, em ameaças do tamanho da torre de Babel, e isto foi porque um dos primos viu o feliz Leonardo em flagrante prazer por um primeiro sinal amoroso, um abraço que no quintal trocava ele com Vidinha.

— Aí está, minha tia, dissera enfurecido o rapaz **dirigindo-se** à mãe de Vidinha; aí está o lucro que se tira de meter-se para dentro de casa um par de pernas que não pertence à família...

— Onde é, onde é que está pegando fogo?, disse a velha em tom de ironia, supondo ser alguma bobagem do rapaz, que era em tudo muito exagerado.

— Fogo, replicou este; se ali pegar fogo não haverá água que o apague... E olhe o que lhe digo: se não está pegando fogo, está se ajuntando lenha para isso.

Vidinha, que vinha chegando nessa ocasião, tomou a palavra e falou durante meia hora sem interrupção, soltando contra os dois primos (pois que o outro já tinha também se intrometido) uma tremenda acusação em que a palavra “que” foi repetida enorme número de vezes. Leonardo teve também de defender-se e falou pelos cotovelos. As duas velhas acompanharam os quatro seguidas das outras duas moças, que metiam também de vez em quando a sua colherada.

Seria inútil a tentativa de querermos repetir as palavras textuais de cada um dos faladores; isso seria mais ou menos a mesma coisa que querer se contar numa tempestade os pingos de chuva que caem. Só quem já teve ocasião de assistir pode bem avaliar o que era e talvez ainda seja uma dessas brigas no interior de uma família. Todos falam ao mesmo tempo, esforçando-se cada um por falar mais alto do que todos os outros; ninguém parece atender as desculpas que se apresentam, nem as recriminações que se fazem, e entretanto de minuto em minuto cada qual, tomando mais calor, se julga dobradamente ofendido; as juras se cruzam, as ameaças se chocam; não fica no dicionário nenhum termo de escolha que não saia à frente; umas questões trazem outras, estas ainda outras; recorre-se às ofensas passadas, presentes e futuras para fazer-se carga aos adversários. Tudo enfim se diz, e nada se consegue; a briga dura muitas horas, ao fim das quais os

lutadores, *fatigatis sed non saciatis*<sup>23</sup>, abandonam o campo, ficando mais encarniçados uns contra os outros do que o estavam a princípio. E, se por acaso, tocando já em retirada, algum ousa ainda soltar uma derradeira praga, pega de novo a coisa e dura ainda bom pedaço. Na maioria das vezes fica tudo em palavras.

Desta vez porém não foi assim: um dos primos, que era esquentado, avançou para o Leonardo depois de lhe ter mandado, como aviso, uma grande ofensa e deu-lhe dois empurrões, agarrando-o pela gola da camisa. Leonardo, que neste mundo só tinha medo do pai, reagiu contra o agressor; as duas velhas e Vidinha, tentando separá-los, não faziam mais do que rasgar a roupa e aumentar a raiva deles; as demais pessoas **ocupavam-se** em bater nas paredes e chamar os vizinhos. Lutaram os dois por algum tempo sem que disso resultasse acidente grave para nenhum deles e afinal apartaram-se. Leonardo, assim que se viu livre do seu adversário, foi querendo pôr-se no andar da rua: pesava sobre o infeliz desde criança uma espécie de sina de Judeu Errante. As velhas, que em todo o barulho tinham tomado o partido dele, não permitiram isso, porém; alegaram que estavam em sua casa e podiam mandar como quisessem. Leonardo insistiu apesar disso e apesar dos rogos de Vidinha; porém no momento em que tentava abrir a porta da rua, entrou por ela a comadre.

— Ora, graças que o encontro, senhor doido de pedras...

O Leonardo recuou dois passos: naquele momento, assim como lhe aconteceu desde que saiu de casa de seu pai, nem lhe passava pela **ideia** que tivesse no mundo uma madrinha, um pai ou qualquer parente que fosse. Houve em todos um movimento de admiração e curiosidade, pois ninguém na casa conhecia a comadre.

Tantas coisas havia feito a boa mulher que afinal soubera do ninho a que se acolhera o afilhado e imediatamente para lá se dirigira. Tendo entrado e dito aquelas primeiras palavras, queria logo depois seguir com um grande conselho ao sobrinho, quando, tendo visto as duas velhas, pensou que era melhor dirigir-se a elas em primeiro lugar. Dirigiu-se, e entraram as três em conferência.

---

<sup>23</sup> Em tradução livre: “Cansados, mas não satisfeitos”.



# Capítulo XI

## Acusação

As três velhas conversaram por largo tempo, não porque tivessem muitas coisas a dizer a respeito do que se acabava de passar, porém porque a comadre, voltando ao mais distante passado, entendera que para dizer que muito se interessava pela volta do afilhado para casa era necessário contar, desde sua origem, a vida inteira deste, de sua mãe, de seu pai e a sua própria, que fora mais comprida de todas, e porque as duas velhas entenderam que, para dizerem que o Leonardo estava ali muito bem e que não concordaram que ele saísse, entenderam ser preciso fazer o que havia feito a comadre: contar a sua vida e de toda a família desde as eras primitivas. Ora, como todas essas histórias contadas de parte a parte eram cheias de episódios, já sentimentais, já tocantes, já alegres, aconteceu que entre muita gargalhada correram também algumas lágrimas durante a conversação. Não há nada que sirva mais para fazer nascer e firmar a amizade, e mesmo a intimidade, do que seja o riso e as lágrimas: aqueles que se riram, e principalmente aqueles que uma vez choraram juntos, têm muita facilidade em fazerem-se amigos. Com efeito, no fim da conversa, as três velhas estimavam-se mutuamente de uma maneira incrível.

Se esta facilidade de desabafo não fosse acompanhada da grande dificuldade de rompimentos e de intrigas, seria uma das

grandes virtudes daquele tempo. Porém, as simpatias que se criavam em uma hora de conversa transformavam-se em ódio num minuto de desavença. Enquanto as velhas conversavam, os lutadores acalmaram-se, passou a tormenta, e, se tudo não ficou logo acabado, ficou pelo menos esquecido por algum tempo. Leonardo achava-se já disposto a atender às súplicas de Vidinha e das outras moças que o não queriam por modo algum fora de casa: os dois rivais derrotados pareciam aceitar.

Quando terminou a conferência das três, a comadre entendeu que era chegado o momento de começar a pregação ao Leonardo e começou nestes termos:

— Rapaz dos trezentos demos, valham-te os serafins... Tu tens nessa cabeça pedras em vez de miolos; o sol não cobre criatura mais renegada do que tu. És um vira-mundo; andas feito um amalucado, sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem ofício nem benefício, sendo peso a todos nesta vida...

— Se é com a gente que fala, acudiu uma das velhas, deixe-o estar onde está que está muito bem.

— O quê!, senhora; pois se vem levantar poeira na casa alheia...! É um galo de brigas.

— Ora, isso é coisa entre rapazes e moças; deixa que eles se entenderão, respondeu a velha.

Ingenuidade infantil das velhas daquele tempo!

A comadre ia prosseguir; porém sendo a cada passo interrompida, achou melhor dar a coisa por terminada. Retirou-se, ficando acertado que Leonardo permaneceria onde estava. Vidinha ficou muito contente com o resultado; os primos porém fizeram má cara, porque tal não esperavam. Desde que viram que tudo ia continuar no mesmo pé, renasceu o despeito neles. Atiraram algumas indiretas, com as quais ia tudo pegando fogo novamente; porém contiveram-se ainda; um deles chamou o outro em particular, e começaram por seu turno a conferenciar, porém em segredo. Não havia nada mais natural: o inimigo era comum, juntavam-se para atacá-lo; depois que ele fosse derrotado, a questão se decidiria então entre os dois.

Depois desta última conferência, tudo se acalmou definitivamente; cada qual recolheu-se a seu posto, e passaram-se muitos dias em santa paz. Durante esses dias se estreitaram os laços entre o Leonardo e Vidinha. É sempre assim que acontece: queres que nos liguemos estreitamente a uma coisa? Faze-nos

sofrer por ela. Os dois tinham sofrido um pelo outro, e isto era uma forte razão para se amarem cada vez mais.

A comadre vinha regularmente ver o afilhado e visitar suas novas amigas. Tudo parecia enfim nos seus eixos naturais; porém os dois primos tramavam, e tramavam largamente. Ninguém entretanto podia adivinhar com o que seria.

Leonardo passava vida completa de vadio, metido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fora pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha.

Um dia armaram uma farra semelhante à que dera origem ao conhecimento do Leonardo com a família. Deviam sair de madrugada da cidade e passarem fora o dia. Preparou-se tudo: cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou pôr cordas de novo na sua viola; avisaram-se os convidados do costume.

À hora marcada partiram.

Quem estivesse menos distraído pelo prazer da farra do que estava qualquer dos foliões notaria que os dois primos deixavam-se de vez em quando ficar atrás e cochichavam como se tramassem uma conspiração. Ninguém porém dera atenção a semelhante coisa. Chegaram ao lugar determinado ao romper do dia. Apenas começavam a preparar-se para o almoço, viram aparecer, ninguém soube bem de onde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso célebre major Vidigal. Correu por todos um sinal de pouco contentamento, exceto pelos primos, que trocaram entre si um olhar de inteligência e triunfo.

Os olhos de Vidinha dirigiram-se instintivamente para Leonardo. O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa e, depois, sorrindo, disse, como costumava, com sua voz descansada:

— Não tenham medo de mim, que não sou nenhum **papa-crianças**, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo.

Vidinha fez logo cara de choro. Leonardo levantou-se sem saber como e disse todo trêmulo:

— Sou eu...

— Ora vejam, respondeu o Vidigal em tom de zombaria, eu não sabia!... Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um vagabundo a menos numa farra não faz falta nenhuma. Este amigo vai conosco. Se ele puder, voltará em breve...

Memórias de um Sargento de Milícias

Mas creio que já não chegará a tempo para acabar a farra.

— Que é isso, meu Deus! Mas por que é então isto? Que mal é que ele fez?

— Ele não fez nem faz nada; mas é mesmo por não fazer nada que isto está acontecendo a ele. Leva, soldado.

E um dos soldados com que viera o major acompanhado foi tratando de conduzir o Leonardo.

O Vidigal seguiu-os **tranquilamente**, sem alterar o passo e dizendo educadamente:

— Adeus, minha gente.

Vidinha chorou, exclamando:

— Foi alguma acusação!

— Foi alguma acusação!, repetiram todos, menos os dois primos.

O bando levantou-se.

# Capítulo XII

## Triunfo completo de José Manuel

Era um sábado de tarde; na casa de D. Maria havia uma agitação imensa; andavam as crias e mais escravos de dentro para fora; espanava-se a sala; arrumavam-se as cadeiras; corria-se, falava-se, gritava-se.

A dona da casa vestia, fora do comum, um rico vestido bordado de prata, de corpinho muito curto e mangas de um volume enorme. Seja dito de passagem que a prata do bordado estava já mareada, e o mais do vestido um pouco encardido. Trazia ainda D. Maria um penteado de grande altura, um formidável par de rodela de crisólitas<sup>24</sup> nas orelhas, e dez ou doze anéis de diversos tamanhos e modelos nos dedos. Luizinha vestia também um vestido que qualquer menos entendido na matéria desconfiaria que era filho legítimo do de sua tia; trazia um toucado de plumas brancas na cabeça e um rosário de ouro de contas muito grossas na cintura.

Acabavam de sair as duas assim preparadas do quarto de vestir, quando se sentiu rodar uma carruagem e parar na porta da casa. Luizinha estremeceu; D. Maria levou o lenço aos olhos e tirou-o em pouco tempo molhado de lágrimas.

— Está aí a carruagem, gritou uma das crias que estava de sentinela à janela.

<sup>24</sup> Pedra com que se fazem joias.

A carruagem era um formidável, um monstruoso maquinismo de couro, balançando-se pesadamente sobre quatro imensas rodas. Não parecia coisa muito nova; e com mais 10 anos de vida poderia muito bem entrar no número dos restos infelizes do terremoto, de que fala o poeta<sup>25</sup>.

Mal este trem tinha parado à porta, sentiu-se o rodar de outro que veio parar junto dele. O que dissemos a respeito dos vestidos de D. Maria e sua sobrinha pode perfeitamente aplicar-se aos dois trens; o segundo parecia filho legítimo do primeiro. Do último que chegara saltou José Manuel e entrou na casa de D. Maria, que veio recebê-lo à porta.

É inútil observar que a vizinhança estava toda à janela e via todo aquele movimento com olhos arregalados pela mais visível curiosidade.

José Manuel vestia casaca de seda preta, calções do mesmo tecido e cor; trazia meias também pretas e sapatos de entrada baixa, enfeitados com enormes fivelas de prata, espadim e chapéu de pasta. Acompanhavam-no dois amigos vestidos do mesmo jeito.

José Manuel estava com um ar entre contido e triunfante e se desfazia em gentilezas à D. Maria. Depois de tudo isto quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha de D. Maria casava-se naquela tarde com José Manuel?

Chegou o momento da partida. Luizinha, conduzida por D. Maria, que ia servir de sua madrinha, embarcou num dos destroços da arca de Noé, a que chamamos carruagem; José Manuel, acompanhado por quem ia servir de seu padrinho, fez o mesmo, e partiram depressa para a igreja. Fizeram bem em partir depressa, porque, se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.

Apenas parou o barulho das carruagens, começaram estes últimos uma conversa calorosa, de que damos aqui uma pequena amostra.

— Senhora, dizia uma sujeita que morava junto de D. Maria para outra que morava defronte, o tal noivo poderá ser coisa boa, mas não dou nada pela cara dele.

— E a noiva?, respondia a outra; tenho raiva também da **lambisgoia**..

— E o filho do Leonardo ficou vendo estrelas?

---

<sup>25</sup> Provável referência à obra *Poema sobre o desastre de Lisboa*, de Voltaire.

— Só pode: este venceu porque é um esperto de carteirinha.  
— Se a velha deixar tudo à sobrinha, não é mau arranjo...  
— Certamente. Pois não sabe que o seu defunto marido  
Era um homem que viajava para a Índia?

Neste tom continuaram até a volta das carruagens.

Agora demos ao leitor algumas explicações a respeito do triunfo de José Manuel.

Depois das boas obras do mestre de reza, de que os leitores já foram informados, José Manuel reabilitara-se completamente junto a D. Maria; tornara a frequentar a casa e foi pouco a pouco construindo seu forte. Um acontecimento inesperado veio ajudá-lo com a maior eficácia. O testamenteiro do finado irmão de D. Maria, do pai de Luizinha, que já tinha falado com D. Maria, como talvez não estejam esquecidos os leitores de uma demanda por causa desta última, surgiu de repente com novidades relativas a uma pontinha de testamento, e D. Maria teve de entrar de novo com ele em uma luta judiciária. Isto coincidiu com a morte inesperada do procurador de D. Maria. José Manuel ofereceu-se para cuidar da causa; e com tanto jeito arranjou tudo, que, em muito pouco tempo, coisa que procurador nenhum teria feito, venceu a demanda em favor de D. Maria.

Ora, os leitores devem estar lembrados da mania que tinha D. Maria por um processozinho; atirava-se a ele com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão judiciária que em tais casos parecia ter em jogo sua vida. Daqui se poderá concluir a satisfação que teria ela no dia em que se achava vencedora e como se não julgaria agradecida a quem lhe proporcionasse a vitória.

José Manuel aproveitou-se disso; e, no dia em que veio ler a D. Maria a sentença final que resolvia a pendência em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi prometida sem grandes hesitações.

Luizinha estava nesta ocasião em um daqueles períodos de abatimento que se costumam produzir nos moços e principalmente nas moças que ainda marcham por aquela estrada florida que leva dos 13 aos 25 anos, quando as oprime o isolamento. Ora, como sabem todos os que me leem, o Leonardo tinha abandonado Luizinha; ela aceitou portanto indiferentemente a proposta de sua tia.





# Capítulo XIII

## Escapada

Deixemos os noivos no **tranquilo** da sua **lua de mel**; deixemos D. Maria desfazer-se em carinhos e conselhos à sua sobrinha, que os recebia indiferentemente, e em atenções para com José Manuel, cuja cabeça se tinha tornado repentinamente uma aritmética completa, toda algarismos, toda cálculos, toda multiplicações; e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixamos na ocasião em que fora arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia. O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um soldado, e marchava poucos passos atrás. Enquanto caminhavam, o soldado pretendeu iniciar conversa; mas ele a nada respondia, parecendo absorvido em sérios pensamentos.

Quem estivesse muito atento notaria que algumas vezes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outras vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça se voltavam de vez em quando, quase imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal, a quem nada disto escapava, achava em todas estas ocasiões pretextos para dar sinais de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o **chapéu de sol** que sempre trazia na mão, como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos íntimos:

— Cuidado! Eu estou aqui.

E o Leonardo entendia tudo aquilo às mil maravilhas; contraía os lábios de raiva e de impaciência. Entretanto nem por isso abandonava a sua **ideia**: queria fugir. Desconfiava que ia para a Casa da Guarda e pedia interiormente aos seus deuses que alongassem muito as ruas que tinha de percorrer. Quando via de longe uma esquina dizia consigo: “É agora; quebro por ali e bato pernas”. Porém, ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma coisa que dizer ao soldado, e passava-se a esquina. Se lhe aparecia à direita ou à esquerda um corredor aberto, pensava consigo: “Me meto por ali adentro e sumo”. Mas, no momento em que ia tomar a última decisão, parecia sentir a mão do Vidigal, que o agarrava pela gola da jaqueta, e esfriava. Não eram os soldados que lhe metiam medo; nunca em todos os planos de fugir que lhe passavam naquela ocasião pela cabeça contou uma só vez com eles; mas o Vidigal, o cruel major, era a quantidade constante de seus cálculos.

O pobre rapaz, durante aqueles combates íntimos, suava mais do que no dia em que fez a primeira declaração de amor a Luizinha. Só havia na sua vida um transe que assemelhava àquela em que então se achava: era o que se havia passado, quando criança, naquele meio segundo que levava percorrendo o espaço nas asas do tremendo pontapé que lhe dera seu pai.

De repente uma situação veio favorecê-lo. Não sabemos por que causa ouviu-se um grande barulho na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma espécie de fraqueza: seus ouvidos zuniram, seus olhos escureceram, e dando um encontrão nos soldados que estava perto dele, desatou a correr. O Vidigal deu um salto e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos pelas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distraiu-se com o ruído que se fizera na rua, e ele aproveitou a ocasião. O Vidigal e os soldados puseram-se imediatamente em seu alcance: o Leonardo se enfiou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entraram atrás dele e subiram o primeiro lance da escada. Apenas o haviam dobrado e subiam o segundo, abriram-se as cortinas de uma cadeirinha<sup>26</sup> que se achava na entrada e pela qual

---

<sup>26</sup> Meio de transporte individual feito de um assento com encosto, coberto e geralmente fechado, montado sobre duas longas varas paralelas, carregado por homens.



tinham eles passado; sai dela Leonardo e, de um pulo, ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquele refúgio, metera-se dentro; os soldados e o Vidigal não haviam reparado, com a pressa com que entraram, e isso lhe valeu.

É impossível descrever o que sentiu o Leonardo quando, por entre as cortinas da cadeirinha, viu-os passar e subir a escada. Foi uma rápida alternativa de frio e de calor, de tremor e de imobilidade, de medo e de coragem; veio-lhe outra vez à lembrança o pontapé paterno: era o termo constante de comparação para todos os seus sofrimentos.

Enquanto o Vidigal e os soldados revistavam a casa em que haviam entrado, Leonardo punha-se longe e, em quatro pulos, achava-se na casa de Vidinha, que o recebeu com um abraço, exclamando:

— Quê! Aí está ele!

Um raio de alegria iluminou todos os semblantes, menos o dos dois irmãos rivais, que ficaram horrivelmente desapontados. As duas velhas tiraram da cabeça o véu que já haviam colocado para dar providências sobre o caso. A presença do Leonardo foi uma aura benéfica que espantou as nuvens de uma grossa tormenta, que, tendo começado a roncar quando Leonardo foi preso com aquelas palavras — foi uma acusação — viera desabar em casa e prometia durar muito tempo.

Vidinha, tendo no começo trocado com os primos algumas indiretas a respeito da prisão de Leonardo, julgara conveniente tirar a história a limpo e fora direto a eles, como se diz, com quatro pedras na mão, atribuindo a eles o que acabava de acontecer.

Eles negaram e discutiram com ela. A princípio as duas velhas estavam ambas da parte de Vidinha, porém, tendo esta atirado três ou quatro ditos fortes demais aos primos, a tia ofendeu-se e tomou o partido dos dois filhos: a outra velha, mãe de Vidinha, protesta contra a parcialidade de sua irmã e reforçou ainda mais, acompanhada dos que restavam, o partido de Vidinha. Divididos e decididos assim os dois campos, com terríveis campeões de lado a lado, fácil é prever-se o que teria acontecido se o Leonardo não viesse tão a tempo para acalmar tudo. Tomado pelo prazer de ver-se livre, nem teve ele tempo de fazer recriminações aos seus inimigos: já sabia com certeza quem fora a causa do que acabava de sofrer, pois que o tinha percebido pela conversa que com ele tentara ter o soldado.

O major Vidigal fora às nuvens com o caso: nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse posto a mão, lhe havia escapado; e entretanto aquele viera lhe deixar preocupado; ofendê-lo em sua vaidade de bom comandante de polícia e degradá-lo diante dos soldados. Quem enganava o major Vidigal, fosse qual fosse a natureza do engano, ficava sob sua proteção e perto dele em todas as ocasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido e arranjasse depois a soltura por qualquer meio, o Vidigal era até capaz, por fim de contas, de ser seu amigo; mas tendo-o deixado mal, tinha-o por seu inimigo irreconciliável enquanto não obtivesse vingança completa. Já se vê pois que a sorte do Leonardo sempre terminava mal: era realmente um mal naquele tempo ter por inimigo o major Vidigal, principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão *regular* e tão *lícita*.

Veremos agora o que se passou na casa em que entrara o Vidigal com os soldados à procura do Leonardo.



# Capítulo XIV

## O Vidigal desapontado

O major Vidigal, vendo-se enganado, deu urros; e, como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo vingar-se seriamente do Leonardo.

— Ora, dizia ele consigo, gastar meu tempo nesta vida, gastar os meus miolos pensando nos meios de dar caça a todo vagabundo por esta cidade, conseguir, à custa de muitos dias de cansaço, de muitas noites passadas sem pregar os olhos, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me temido, respeitado por aqueles que não temem nem respeitam ninguém, os vadios e desocupados; e agora no fim de contas vir um mequetrefezinho mexer comigo, envergonhar-me diante destes soldados e de toda esta gente! Agora, não há garoto por aí que, sabendo disto, não se esteja rindo de mim e não conte já com a possibilidade de me pregar um segundo vexame como este!...

O major tinha razão: riam-se com efeito dele; e os primeiros que o faziam eram os soldados. Apesar de que, escravos da disciplina, empregavam os mais sinceros esforços para ajudá-lo; e apesar de também assumir como sendo deles a glória das façanhas do major, não puderam entretanto deixar de achar graça no que acabava de suceder, pois conheciam o orgulho do Vidigal e repararam na cara desapontada com que ele havia ficado. Depois, apenas o major pôs pé fora da soleira da casa onde lhe

Memórias de um Sargento de Milícias

tinha escapado Leonardo, uma multidão imensa que tudo havia presenciado riu estrondosamente.

— Então, Senhor major, dizia-lhe um dos da multidão, desta vez *Passarinho foi-se embora, Deixou-me as penas na mão*.

— Senhor major, dizia outro, procure nos bolsos.

— Dentro do cassetete, emendava outro.

— Atrás da porta, replicava aquele.

E um coro de risadas acompanhava cada um destes conselhos.

— Lá está o bicho dentro da cadeirinha!, gritou um repentinamente.

O Vidigal, como que instintivamente, correu à cadeirinha e abriu-lhe as cortinas. Nessa ocasião as risadas foram homéricas: o major compreendeu então qual fora o meio por que lhe escapara o Leonardo e soltou um “Ah!” muito prolongado. Enfim retirou-se envergonhado e ruminando projetos para sua reabilitação.

— Se aqueles rapazes da Conceição, dizia consigo o Vidigal, que me foram levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que ele era desta laia, eu não teria passado por esta imensa vergonha.

Por estas palavras **veem** os leitores que as acusações da Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com efeito, o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquele motivo que o leitor bem sabe, haviam feito os dois rivais: tinham eles prejudicado o Leonardo. Foram ter com o Vidigal e, sem precisar mentir, armaram ao Leonardo uma cama muito bem-feita: era um homem sem ofício nem benefício, vivendo à custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiência, e, o que é pior, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal arregalara os olhos ouvindo a narração, e ficara muito agradecido aos dois rapazes pela nova que lhe levaram: era mais um que ia juntar aos louros de suas façanhas policiais.

A primeira tentativa custou-lhe porém bem caro. Essas são mais ou menos as reflexões em que o major ia absorvido: nada lhe seria mais agradável do que, dia mais, dia menos, quando ninguém pensasse em tal, acompanhado de uma escolta de soldados, dirigir-se à casa das duas velhas, cercá-la e pegar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto porém repugnava



ao seu orgulho ofendido. Muitas vezes se tinha, é verdade, servido desse meio, porém fora isso para poder pegar espertalhões de longa data, tidos e conhecidos como tais e velhos no ofício. Não queria pois servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no ofício, que ainda agora começava. Nada, isso não fazia; não era preciso fazer cerco, e o que é mais, não queria de modo algum a ajuda dos soldados; jurava a si mesmo que ele sozinho, sem o apoio de ninguém, iria pôr a mão no Leonardo.

O Vidigal ia entrando na casa da guarda, para onde se dirigia, depois da derrota, quando se sentiu repentinamente agarado pelas pernas e viu a seus pés uma mulher de véu, que chorava, soluçando muito, com o lenço no rosto.

— Que é isto, senhora? Deixe-me. Ora, que hoje é um dia daqueles.

Continuaram os soluços por única resposta.

— Senhora, vai deixar minhas pernas ou não? Eu não gosto de choronas... Entende?

Soluços ainda.

— Ora, ainda mais esta... Se morreu alguém, vá chorar na cama, que é lugar quente.

Redobrou o pranto.

— Por trezentos diabos!... Quando é que isto terá fim?... Esta mulher vai acabar me atirando no chão...

Estava já muita gente junta na porta.

Passado finalmente um pouco de tempo em silêncio, quando o major já estava disposto a empregar alguma medida de rigor para ver-se livre da chorona, esta ergueu a cabeça, e tirando o lenço da cara exclamou entre lágrimas:

— Senhor major, solte, solte porque é meu afilhado, solte, solte o pobre rapaz; ele é um doido, é verdade, mas...

E os soluços lhe embargaram a voz.

Era a comadre que, tendo sabido da prisão do afilhado, viera fazer em seu favor aquela choradeira, ignorando que ele se tivesse escapado. A cena produziu o efeito esperado. Os soldados, de cada vez que a comadre dizia “solte, solte” riam; tendo ligeiramente explicado tudo aos demais presentes, estes os acompanhavam.

O major tomou tudo aquilo como uma zombaria que lhe faziam: era necessário que ele, para ver-se livre da comadre, que não lhe largava os joelhos, declarasse por sua própria boca,

Memórias de um Sargento de Milícias

diante de toda aquela gente, que o Leonardo havia fugido! Declarou e fugiu de todos aqueles olhares, em cada um dos quais via um insulto.

A comadre apenas ouviu a declaração, tratou de se retirar, e não pôde também deixar de achar graça no caso.

# Capítulo XV

## Caldo entornado

A comadre, tendo deixado o major entregue à sua vergonha, dirigira-se imediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal. O Leonardo contava com isso e não se admirou; porém Vidinha e as duas velhas, por entre muita praga e esconjuro, deram grandes risadas à custa do major. A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo e, depois que se aborreceu de falar no major, desenrolou um sermão ao Leonardo, no qual, alguns exageros de parte, havia grande fundo de justiça; e tanto que até a própria Vidinha chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O tema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma ocupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém sujeita a emergências tais como a que acabava de dar-se. A pena de todas as leis que a pregadora impunha ao seu ouvinte eram as garras do Vidigal.

— Um dia tu irás afinal cair nas suas unhas, dizia ela no fim de cada período; e então o peso das ações te cairá também nas costas.

Esta **ideia** fez uma brecha no espírito do Leonardo: ser soldado era naquele tempo, e ainda hoje talvez, a pior coisa que podia acontecer a um homem. Prometeu pois sinceramente emendar-se e tratar de ver um arranjo em que estivesse protegido de

qualquer capricho policial do terrível major. Achar porém ocupação para quem nunca cuidou nela até certa idade, e assim de uma hora para outra, não era das coisas mais fáceis.

Entretanto o zelo da comadre pôs-se em atividade, e poucos dias depois ela entrou muito contente e veio dizer ao Leonardo que tinha achado um excelente arranjo que o possibilitava, segundo pensava, um grande futuro e o punha perfeitamente protegido das iras do Vidigal; era o arranjo de servidor na despensa real. Deixando de parte o substantivo despensa e atendendo só ao adjetivo real, todos os interessados e o próprio Leonardo regalaram os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa real?! Oh!, isso não era coisa que se recusasse; e então empregado na despensa! Essa mina inesgotável, tão farta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quem quer que fosse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante coisa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar. Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo instalado no seu posto, muito cheio e contente de si.

O major, que o não perdia de vista, soube dos seus passos e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem acomodado; só deixando a vida que levava, o Leonardo podia cortar do maior pretextos para pôr-lhe a unha mais dia menos dia.

— Se ele se emenda?!, dizia pesaroso o major; se ele se emenda eu perco a minha vingança... Mas... (e esta esperança o alentava) ele não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correu às mil maravilhas; só algum mal-intencionado poderia notar na casa de Vidinha certa fartura fora do comum na despensa; mas isso não era coisa em que alguém fizesse conta.

O Leonardo porém parece que recebera de seu pai a fatalidade de lhe acontecerem sempre os infortúnios dos devaneios do coração. Dentro do pátio da despensa morava um *toma-largura*<sup>27</sup> em companhia de uma moça que cuidava da sua casa; a moça era bonita, e o *toma-largura*, uma figura talhada pelo molde mais grotesco; a moça fazia pena a quem a via nas mãos de tal possuidor.

---

<sup>27</sup> Funcionário do palácio; criado.

O Leonardo, cujo coração era mole, teve, como todos, pena da moça; e apressemo-nos a dizer, era tão sincero esse sentimento que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão nela. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o *toma-largura*.

Vidinha pela sua casa começou a estranhar a pontualidade do novo empregado na sua repartição e a notar o quer que fosse de desânimo para com ela. Um dia o *toma-largura* tinha saído em serviço; ninguém esperava por ele tão cedo: eram 11 horas da manhã. O Leonardo, por um daqueles milhares de lugares secretos que existem na despensa, tinha ido à casa do *toma-largura*. Ninguém porém pense que era para maus fins. Pelo contrário era para o fim muito louvável de levar à pobre moça uma tigela de caldo do que há pouco fora mandado a el-rei... Gentileza de empregado da despensa. Não há aqui nada de censurável. Seria entretanto muito digno de censura que quem recebia tal gentileza não o procurasse pagar com um extremo de civilidade: a moça convidou pois o Leonardo para ajudá-la a tomar o caldo. E que grosseiro seria ele se não aceitasse tão belo oferecimento? Aceitou.

De repente sente-se abrir uma porta: a moça, que tinha na mão a tigela, estremece, e o caldo entorna-se. O *toma-largura*, que acabava de chegar inesperadamente, fora a causa de tudo isto. O Leonardo correu precipitadamente pelo caminho mais curto que encontrou; sem dúvida em busca de outro caldo, uma vez que o primeiro se tinha entornado. O *toma-largura* corre também ao seu alcance, sem dúvida para pedir que ele trouxesse desta vez quantidade que chegasse para um terceiro.

O caso foi que daí a pouco ouviu-se lá por dentro barulho de pratos quebrados, de móveis atirados ao chão, gritos, alarido; viu-se depois o Leonardo atravessar o pátio da despensa correndo, e o *toma-largura* voltar com os galões da farda arrancados, e esta com uma aba de menos.

No dia seguinte o Leonardo foi despedido da despensa.



# Capítulo XVI

## Ciúmes

No dia seguinte já o Vidigal sabia de cor e salteado tudo quanto havia sucedido ao Leonardo e pôs-se alerta, pois que a ocasião era oportuna. O Leonardo entrara para a despensa com o pé esquerdo: a tormenta por que havia passado nada foi em comparação da que lhe caiu nas costas, quando na casa se soube da causa verdadeira de sua saída.

É uma grande desgraça a mulher que amamos não corresponder aos nossos afetos; porém não é também pequena infelicidade cairmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça nos querer exageradamente bem. O Leonardo podia dar a prova desta última verdade. Vidinha era ciumenta até não poder mais: ora, as mulheres têm uma infinidade de maneiras de manifestar este sentimento. Umas ficam chorando em um canto, e choram aí em ar de graça dilúvios de lágrimas: isto é muito cômodo para quem as tem de sofrer. Outras recorrem às represálias, e nesse caso desbancam imediatamente a quem quer que seja: esta maneira é seguramente muito agradável para elas próprias. Outras não usam da mais leve represália, não espremem uma lágrima, mas assim por um espaço de oito ou quinze dias, desde que nasce a aurora até que cai a noite, resmungam um calendário de lamentações, em que entram seu pai, sua mãe, seus parentes e amigos, seu compadre, sua comadre, seu dote, seus

filhos e filhas e tudo por aí além; isso sem parar um só instante, sem um segundo de descanso: de maneira a deixar na cabeça do mísero que a escuta uma desordem eterna, capaz de fazer amolecer um cérebro de pedra. Outras entendem que devem ter desprezo e pouco-caso: essas tornam-se divertidas, e faz gosto vê-las. Outras enfim deixam-se tomar de um furor violento e incontrolável; xingam, blasfemam, quebram as coisas, rasgam a roupa, espancam os escravos e filhos, falta o respeito aos vizinhos: esta é a pior de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos econômica e também a mais infrutífera. Vidinha era do número destas últimas.

Apenas pois, como há pouco dizíamos, se verificou a verdadeira causa da saída do Leonardo, desabou um temporal que só terá semelhante no que irá preceder o aniquilamento do globo. Depois de gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou e depois, como tomando uma grande resolução:

— Minha mãe, disse dirigindo-se a uma das velhas, quero o seu véu...

— Filha de Deus, disse a velha, que pensamento é esse? Onde é que vais agora de véu?

— Eu sei aonde vou... Quero o seu véu... Já disse... Quero o seu véu...

Foram todos reunindo-se em roda de Vidinha, surpreendidos por aquela resolução.

O Leonardo estava sentado, ou antes encolhido a seu canto, imóvel e silencioso.

— Quero o seu véu, minha mãe; quero e quero...

— Mas para onde vais, menina? Ora, meu Deus!... Isso foi coisa que te fizeram...

— Quero ir à despensa...

— Jesus!...

— Quero ir... Que me importa que seja a casa do rei?... Vou... E procurarei o tal *toma-largura*... quero lhe fazer duas perguntas... e, ou o Menino Jesus não é filho da Virgem, ou na tal despensa não fica hoje coisa sobre coisa.

— Que loucura, menina... Que doidice!...

Os dois primos riam interiormente do que estava se passando.

Não há coisa mais sem poesia do que uma mulher quando se enfurece. Tudo o que havia de requebro em Vidinha, de doçura,



de sensualidade tinha desaparecido; estava feia, e até repugnante.

Não houve ninguém que pudesse desviá-la do seu propósito: ela foi tomando o véu e dispondo-se a sair; pedidos, choros, nada pôde contê-la.

O Leonardo viu que o caso estava perdido e, tendo estado até então calado, decidiu também pedir a Vidinha que não saísse. Foi, como se costuma dizer, pior a emenda que o soneto.

— Quê!, responde Vidinha... Essa agora é demais... Quê! Pois eu não vou sair?... Tinha que ver... E por pedido do senhor? Ora, quê...

E foi saindo.

Começava a anoitecer. A gente de casa ficou toda na maior aflição; ninguém sabia o que se devia fazer. O Leonardo tomou a resolução de acompanhar Vidinha para ver se a detinha no caminho.

Vidinha caminhava tão depressa que a princípio o Leonardo quase que a perdia de vista; finalmente conseguiu alcançá-la e começou a pedir que ela voltasse, fazendo as maiores promessas de se controlar dali em diante e de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha porém a nada atendia e continuava caminhando. O Leonardo recorreu a ameaças; Vidinha redobrou os passos: voltou de novo a fazer pedidos; Vidinha caminhava.

Já estavam no largo do Paço: Vidinha, quase correndo, deixou o Leonardo uns poucos metros atrás de si, entrou muito adiante dele pelo portão da despensa adentro e desapareceu. O Leonardo parou um instante resolvendo se entraria também ou não. Finalmente decidiu entrar. No momento em que ia passando pela soleira do portão, voltou de repente e ia disparando uma carreira: uma mão magra, mas vigorosa, o deteve agarrando-o pela gola da jaqueta: era a mão do major Vidigal, com quem ele tinha esbarrado ao querer entrar e de quem pretendia fugir. Vendo que lhe seria inútil qualquer tentativa, porque ali perto havia guarda, o Leonardo se rendeu. O major olhou para ele soltando uma risadinha maligna e disse-lhe apenas muito pausada e descansadamente:

— Ora, vamos...

O Leonardo entendeu bem a significação daquelas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, na direção que este lhe indicava.



# Capítulo XVII

## Fogo de palha

Deixemos o Leonardo seguindo seu destino acompanhado do major Vidigal e vamos ver o que se passou na despensa depois de sua prisão. Vidinha indagou aqui, indagou ali e lá entrou como um raio pela casa do *toma-largura*. A moça do caldo, achando-se nessa ocasião descuidada, sofreu um grande susto com a chegada de Vidinha, que, conhecendo por instinto ser aquela a causa de seus males, foi largando o véu sobre uma cadeira e investindo contra ela.

— Venho aqui, disse, para lhe dizer mesmo na cara que você é uma criatura sem sentimentos...

A moça, não podendo entender a significação daquilo, ficou pasma e sem saber o que devia responder.

Vidinha prosseguiu:

— Não tem sentimentos, digo-lhe, e ninguém vai me desdizer.

— Vamos ver que diabo de história é esta, bradou uma voz muito forte.

Era o *toma-largura* que, achando-se em casa naquela ocasião e tendo ouvido as duas primeiras frases de Vidinha, chegava para dar fé do que se passava.

Por mais arrogante que fosse a voz do *toma-largura*, e por mais ameaçadora que fosse a sua figura quase hercúlea<sup>28</sup>,

<sup>28</sup> De Hércules, herói grego.

Vidinha não recuou um passo, não desfez uma ruga da testa, antes pareceu mostrar que a sua presença ali favorecia suas intenções; tanto que dirigindo-se a ele foi logo atacando também pela seguinte maneira:

— É você um homem que eu não sei para que traz barbas nessa cara...

A surpresa, e mesmo também a figura de Vidinha, descomposta pela raiva, desarmaram-no um pouco; e respondeu mais mansamente:

— Então, menina, veio aqui só para dizer coisas assim tão bonitas? Quem a trouxe aqui?

— Ora, quem seria?, respondeu Vidinha em tom de zombaria, lançando para a terceira personagem desta cena um olhar significativo; Ora, quem seria?... Quê!... Eu vim só ver se podia tomar um *caldo*!...

A moça do *toma-largura* empalideceu; este arregalou os olhos e abanou com a cabeça como quem dizia “entendo” e quis ficar imediatamente muito zangado com a recordação daquele fato, que a humildade de sua companheira, e talvez mesmo o seu humor, tinha feito esquecer. Vidinha porém para dizer aquelas últimas palavras tinha acalmado um pouco o seu semblante e ganhara muito em seus encantos desfigurados até então pela raiva; além disso, ao pronunciar o “quê” de costume, abriu um ligeiro sorriso, deixando ver seus magníficos dentes.

O *toma-largura* parecia pertencer talvez à família dos Leonardos; ficou amável imediatamente e não teve ânimo senão de sorrir e responder em tom desconcertado:

— Ora!...

— Ora, replicou Vidinha; e então ele diz “ora”? Quê! É preciso não ter um pingo de vergonha: estas duas criaturas nasceram uma para a outra: Deus os fez e o diabo os juntou; uma *toma caldo* e a outra diz “ora”...

E foi tomando o véu e tratando de sair.

Foi tudo fogo de palha. Ela tinha esperado achar respostas enérgicas às suas investidas, e neste pressuposto fizera mil planos de ataques, de defesa, de gritaria, de pancadas, de prisões, etc. Nada disso porém tinha acontecido e, sem saber por quê, ela mesma se sentia um pouco aliviada, quase até mesmo satisfeita. Deu mais alguns tiros nos dois; explicou quem era, mas não disse o que queria. Afinal, sem nada ter feito, saiu dizendo:

— Ah!, pensavam que a coisa havia de ficar assim? Disse-lhes poucas, porém boas...

O coração da mulher é assim; parece feito de palha, incendeia-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza que o mais leve sopro espalha e desvanece. O *toma-largura*, apenas a viu sair, em vez de manifestar uma confusão contra sua companheira, como ela o esperava, pálida e trêmula, mostrou-se até **tranquilo**, disse que tinha um afazer e saiu também imediatamente. Andava na sua cabeça um plano cuja realização faria, como se costuma dizer, cair bem. Vidinha tinha-o encantado; o Leonardo o havia ofendido; conquistar ainda que fosse uma pequenina parcela do amor da Vidinha seria ao mesmo tempo vingar-se do Leonardo e alcançar o triunfo de um desejo. Por mais impossível que lhe parecesse o negócio, nem por isso desistiu; era insistente e paciente.

Chegando ao portão da despensa indagou da sentinela a direção que Vidinha tinha tomado, seguiu por ela e em breve alcançou-a: acompanhou-a de longe para saber-lhe da morada e a viu entrar em casa.



# Capítulo XVIII

## Represálias

Quando Vidinha chegou à casa achou ainda toda a família no maior susto e confusão pela loucura que ela acabava de praticar: as duas velhas, ao vê-la entrar, lançaram-se ao seu pescoço e cobriram-na de abraços, de beijos e de lágrimas. Ela estava ainda porém sob a influência das emoções violentas pelas quais acabava de passar e não pôde corresponder àquelas provas de amizade; atirou-se sobre uma banquinha e levou algum tempo calada, sem dar a menor resposta às mil perguntas que lhe eram dirigidas. Esse silêncio aumentava mais a ansiedade da família: finalmente ela se resolveu a rompê-lo, exclamando:

— Pensavam que o caso iria ficar assim? Enganaram-se... Quê!... Eu quero que fiquem sabendo para quanto presto...

— Então, mocinha, foste fazer alguma besteira...

— Besteira... Quê... Fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na veia... E agora venha ele para cá, que temos ainda contas a ajustar...

— É verdade, e ele que ainda não veio... Já tinha tempo de chegar, pois partiu logo no teu alcance...

— É verdade, acrescentou Vidinha com certo susto; na tal cova da despensa ele não entrou; e quando de lá saí não o vi mais...

— Não lhe vá ter acontecido alguma coisa!... O major o jurou!...

— O major!, repetiram todas com os sinais do mais visível susto.

E levantou-se de novo em casa a confusão, porque, como os leitores viram, apesar dos dissabores que o Leonardo causava àquela família, todos ali, exceto os dois primos rivais, queriam-lhe muito e muito bem. Falar a qualquer dos dois primos para que o fossem procurar era coisa de que ninguém se lembrava, tão certos estavam que eles se recusariam. Tiveram pois de esperar que chegasse da rua o antigo sacristão da Sé para darem as providências precisas.

Os leitores terão talvez estranhado que, em tudo quanto se tem passado em casa da família de Vidinha, não tenhamos falado nesta última personagem; temo-lo feito de propósito, para dar assim a entender que ele não tem nada com isso.

Causa oculta e primeira de todos estes acontecimentos, pois foi em **consequência** de sua amizade que o Leonardo se juntou à família, por muito feliz se tem dado em que não tenham caído sobre ele culpas de que com dificuldade se poderia defender; homem de tato, conservara uma posição absolutamente neutra em todas aquelas lutas. Está aqui pois qual a causa do nosso silêncio sobre ele.

Infelizmente naquela noite recolheu-se mais tarde que de costume e quando chegou já não era tempo de fazer coisa alguma. Toda a família passou a noite na maior ansiedade, desfeitas de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguém duvidava mais que alguma coisa tivesse acontecido ao Leonardo, e, nos quadros medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vidigal aparecia sempre em primeiro plano; ninguém também duvidava que, no que quer que fosse que houvesse sucedido ao Leonardo, o major teria por força parte ativa e importante, senão principal.

Assim, ao amanhecer do dia seguinte, o primeiro lugar onde mandaram saber dele foi na Casa da Guarda. Mas, para surpresa geral, ele não se achava nela, nem sabiam notícias suas; procurou-se em diversos outros pontos, e nada de novo, nem notícias nem mandados. Por lembrança de Vidinha foram procurar a comadre e informaram-na de todo o ocorrido: a pobre mulher, que tudo ignorava, pôs as mãos na cabeça:

— Aquele rapaz nasceu em mau dia, disse ela, ou então aquilo é coisa que lhe fizeram; do contrário não pode ser...



E pôs-se logo a caminho para procurar o afilhado.

Na comadre estavam fundadas toda as esperanças; ninguém duvidava que, assim que ela se pusesse na rua, prontamente se saberia o destino do Leonardo. Enganaram-se todos, porque nem a própria comadre foi capaz de dar com ele, por tão bom caminho o tinha levado o major. Passaram muitos dias na mais completa ignorância a respeito do seu fim; e começaram desde então a aparecer suspeitas de que ele próprio teria talvez interesse em se esconder, e de que era essa a causa por que ainda não o haviam descoberto. Estas suspeitas tomaram corpo, e uma certa indignação começou a aparecer em toda a família contra semelhante atitude. A indignação cresceu e tomou de repente proporções de ódio intenso, até da parte das próprias duas velhas.

Realmente, se fosse verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela que tão bondosamente o acolhera. Nas investidas a cada momento dirigidas contra ele, Vidinha tomava sempre o primeiro lugar e tinha razão para isso; além de ter contra ele as razões que tinham todos os outros, tinha ainda o despeito do amor ofendido. Em certos corações o amor é assim, tudo o que tem de terno, de dedicado, de fiel, desaparece depois de certas provas e transforma-se num incurável ódio.

Uma coisa singular Vidinha notara desde que fora à despenha: é que não se passava depois disto um só dia em que ela não visse pelo menos duas vezes o *toma-largura*. Ela o tinha mostrado à família, e todos já o conheciam. A princípio isso incomodou-a, principalmente porque ele não passava uma só vez que lhe não tirasse o chapéu com ar risonho: isso lhe parecia uma prova de visível falta de vergonha. Mais tarde começou a suspeitar que aquela passagem constante e aqueles cumprimentos deviam ter alguma explicação.

Aconteceu que uma das velhas, a mãe de Vidinha, confessou não ter achado o *toma-largura* mal-apegoado, e esta ideia passou a toda a família. Um dia uma das velhas, achando-se na janela com Vidinha, na ocasião em que passava o *toma-largura*, disse entre dentes e como que indiferentemente:

— Se fosse comigo, eu bem sabia o que fazer...

Vidinha, se bem que não pedisse explicação daquele dito, não deixou contudo de dar-lhe atenção e de pensar nele por algum tempo. No dia seguinte a mesma velha chamou-a para a

janela à hora do dia anterior; e o *toma-largura* passou como sempre e fez o seu cumprimento. A velha disse nessa ocasião, como completando o seu pensamento da véspera:

— Ora, eu pregava uma peça no tal Leonardo... E seria bem pregada, por ser ao mesmo tempo nos dois, nele e nela.

Lendo a intimidade do pensamento da velha, com a nossa liberdade de contador de histórias, diremos ao leitor que o não tiver adivinhado que aquele “ela” referia-se à moça do caldo. Dada esta explicação, os menos observadores entenderão sem dúvida em que consistia a peça que a velha pregaria ao Leonardo.

Vidinha, que nada tinha de boba, compreendeu tudo às mil maravilhas e com tanto mais facilidade, digamo-lo aos leitores, quanto talvez que o pensamento da velha correspondesse a seus próprios pensamentos. Repetiram-se depois disto mais algumas indiretas da parte da velha, e Vidinha chegou finalmente a explicações.

Pouparemos os leitores de certos detalhes e diremos que o resultado de tudo aquilo foi ver-se, poucos dias depois, o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita à família!... As visitas continuaram, e pela vizinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de maldoso como de verdadeiro.

Estavam as coisas neste pé. A paz tinha voltado à família. Não sei quem propôs que se comemorasse o restabelecimento do sossego e as *novas sortes* com uma farra para fora da cidade. Efetuou-se semelhante pensamento. Por um acaso escolheram para lugar da festa os Cajueiros, onde a família tinha conhecido o Leonardo.

O *toma-largura* fora convidado, nem podia deixar de sê-lo, porque era ele um dos motivos da festa. Infelizmente porém tinha ele um defeito: no estado normal costumava beber significativamente; quando tinha algum motivo de alegria costumava dobrar a dose, e quando isto acontecia ficava valentão e desordeiro. Disto resultou que no meio da farra, na ocasião de jantar, deu-se por ofendido, não sabemos por que, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa e fazer voar sobre a cabeça dos convidados pratos, garrafas, copos e tudo o mais. Os dois primos quiseram contê-lo, mas não conseguiram: Vidinha chorava, as velhas se maldiziam; uns tentavam restabelecer a paz, e outros aumentavam a desordem. Reinava por *consequência* uma algazarra infernal.



Quando menos se esperava, viu-se aparecer dentre as moitas o major Vidigal fechando um círculo de soldados que partiam de sua esquerda e de sua direita e que encerravam toda a farra.

— Segura aquele homem, soldado, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura* que se achava em pé cambaleando, tendo numa mão um balaio em que viera a farinha e, na outra, uma garrafa com que ameaçava os presentes. À ordem do major o soldado hesitou: toda a família, reunindo-se em um grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então!, disse o major vendo aquela hesitação.

O soldado deu um passo para o *toma-largura*.

— Devagar com a louça, camarada, bradou este; lembre-se que ainda não ajustamos contas a respeito daquele *caldo*...

O *toma-largura* acabava de reconhecer no soldado o nosso amigo Leonardo, como toda a família o tinha reconhecido apenas ele apareceu.

Era realmente ele.

# Capítulo XIX

## O soldado

Estavam pois as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma-largura*; haviam-se vingado um do outro: o último golpe na luta foi do Leonardo: ele abençoou o acaso, e mesmo o major Vidigal, por ter lhe fornecido ocasião de ir arrancar dos lábios de seu rival a taça da alegria. Até quase gostou que lhe tivessem feito entrar na polícia; e bem dissemos nós que para ele não havia felicidade que não se transformasse em infelicidade, e infelicidade de que não lhe resultasse felicidade.

O *toma-largura*, como dissemos, fora levado pelo Leonardo; e os leitores, familiarizados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinham já que lhe indicaram o caminho da Casa da Guarda no largo da Sé. O estado em que ele se achava não permitiu porém que o levassem até lá. Os vapores que do estômago lhe tinham subido à cabeça foram-se pouco a pouco condensando, e no meio do caminho **pesavam-lhe** sobre o cérebro vinte arrobas; a cabeça, não se podendo manter, abandonou-se ao tronco, que, achando o peso excessivo, quis apelar para as pernas; estas porém não eram mais fortes, e, curvando-se trêmulas e bambas, deram com o valentão de ainda há pouco estirado na calçada. Os soldados não o puderam levantar, porque era, como dissemos a princípio, de uma corpulência colossal. Foi necessário abandonar a presa: o major

não teve grande dificuldade nisso, primeiro, pelo trabalho que daria qualquer outra resolução, segundo, porque, mesmo sendo da última classe, o *toma-largura* era gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia consigo grandes imunidades.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a primeira presa que fazia, pois era isto azarento para o seu futuro militar; mas também sua mais bela vingança estava tomada. Ficou pois o *toma-largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora em poucas palavras a curiosidade que têm sem dúvida os leitores de saber como chegara o Leonardo à posição em que se achava. Agarrado pelo major na porta da despensa, como se sabe, fora por ele em pessoa conduzido a lugar seguro, donde só saíra para sentar praça no Regimento Novo. Todos os batalhões que havia na cidade tinham uma companhia de soldados, e, havendo uma vaga na companhia do Regimento Novo, fora o Leonardo escolhido para preenchê-la. Sabendo disto o major, solicitou-o para seu serviço (porque era dessas companhias de soldados que se tiravam soldados para o serviço policial), pois, como homem experimentado naquelas coisas, pressentira que ele lhe seria um valioso auxiliar. Até certo ponto o major não se enganou. É verdade que o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo até ali vivido numa rica escola de vadiagem e malandragem, deveria conhecer todas as manhas do ofício. Havia porém uma circunstância que o impedia de prestar bons serviços, e era que, com ele próprio, com suas próprias façanhas, muitas vezes o major gastara o tempo que lhe era preciso para o outros afazeres. O poder dos hábitos adquiridos era nele tal que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que ele lembrou de praticar depois que vestiu farda e que foi mais sensível porque a princípio se mostrara um soldado tão sério que ia quase adquirindo reputação de rígido. Os gaiatos e farristas da cidade, a quem o major Vidigal constantemente caçava, lembraram-se de imortalizar as suas façanhas por qualquer meio e inventaram um fado com o seguinte refrão nas cantigas: *Papai lêlê, seculorum*.

Nessa música, a personagem principal representava o major, que, figurado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala; as demais personagens cantavam-lhe em roda cantigas

referentes a ele, que terminavam todas pelo refrão que acima indicamos.

O major, que soubera disto, andava em busca de uma ocasião oportuna para vingar-se de semelhante gracejo, que dava a entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que o tinham inventado. Teve um dia a denúncia que numa casa do morro da Conceição se preparava para essa noite um rigoroso “Papai lêlê” e dispôs as coisas para flagrar os da roda. À hora oportuna mandou dois ou três soldados adiante, cada um por sua vez, para examinar o que havia, tendo combinado primeiramente um sinal positivo e outro negativo para indicarem uns aos outros se havia ou não ocasião e motivo de dar o assalto: estes sinais o soldado que devia aproximar-se mais da casa comunicaria ao que lhe ficasse de imediato; este passaria adiante, o outro faria o mesmo até chegar ao lugar em que estava o major; era um verdadeiro sistema de sentinelas avançadas, como se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser dado o sinal positivo, marchariam todos vagarosamente e se reuniriam para o assalto; dado o sinal negativo, dispersar-se-iam em silêncio, porque um dos maiores caprichos do major era nunca mostrar que havia sido enganado. Ao Leonardo coube a incumbência de ser o mais próximo ao inimigo e de dar o primeiro sinal. Marchou pois adiante, e os companheiros postaram-se à espera. Esperaram por longo tempo e cansaram de esperar; finalmente, quando já iam pensando em repensar as ordens e abandonar o posto para procurar o Leonardo, ouviram três vezes seguidas um longo assovio, que era o sinal negativo combinado. Em virtude disto dispersaram-se irritados e foram depois reunir-se ao major embaixo da ladeira, no lugar que dá para a entrada da Prisão. Aí reunidos, esperaram muito tempo pelo Leonardo sem que ele aparecesse. O major começou a se preocupar com o caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir o morro. Subiram e, marchando desta vez com o major adiante, foram à casa indicada. Para surpresa de todos, quando foram se aproximando viram luzes e ouviram o zunzum das violas e a cantaria das cantigas. Dentro fervia a festa. Sem necessitar de grandes precauções, porque todos pareciam entregues à maior segurança, o major cercou a casa e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a boca na botija. Estava-se exatamente no ponto solene da cerimônia.

A personagem que representava o *Papai* achava-se amortalhado em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão, e a multidão em roda cantando e a dançando. Quando o major bateu e foi entrando, acompanhado da sua gente, ficou tudo gelado de medo: o sujeito que se achava amortalhado teve uma grande convulsão e ficou depois imóvel, como se fosse de pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto.

Segundo seu costume, o major fez continuar mais um pouco a brincadeira em sua presença. Depois começou a perguntar das ocupações de cada um, e, conforme o que colhia, os foi mandando embora ou pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante toda esta cena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar imóvel, na mesma posição, com a cabeça coberta. Corrida toda a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada da mortalha, então você quer que o levem daí para a cova?

Nem um movimento em resposta.

— Ah!, está morto; perdeu a fala; é natural.

Silêncio profundo.

O major fez sinal a um dos soldados, que tocou no sujeito com a ponta de um pau: nem assim porém ele sequer moveu-se. A um novo sinal do major o soldado deu-lhe uma tremenda pancada. O morto ressuscitou com isso e pôs-se de um salto em pé. Procurou porém sumir por uma janela, conservando sempre a cabeça coberta: os soldados seguraram-no, e o major disse-lhe:

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: fale primeiro com a gente.

E tirando-lhe o pano da cara acrescentou:

— Ora, vamos ver a cara do defunto...

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos soldados, interrompeu o major. Descoberta a cara do *morto*, reconheceu-se ser ele o nosso amigo Leonardo!...



# Capítulo XX

## Novas diabruras

Não sabemos se valeu ao Leonardo ser aquela a primeira ocasião em que sofria castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa obediência a todos os seus deveres, ou se a mesma audácia do fato lhe arranjara mais simpatias do major; o caso foi que, além das risadas, da zombaria dos camaradas e dos tranSES da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe aconteceu, para espanto de todos e principalmente dele mesmo: o major dera daquele modo uma grande prova de benevolência. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pensativo, como esmagado ao peso de grandes remorsos; os camaradas tiravam daquilo um partido imenso para perturbá-lo e não o deixavam parar um só instante sossegado na companhia.

— Ele ainda não está bem ressuscitado, dizia um passando por perto dele.

— Quê!, dizia outro, ele já não é deste mundo.

— *Papai lêlê, seculorum*, entoavam outros em coro.

A nenhuma destas coisas dava ele a menor resposta e fazia muito bem, porque desse modo não dava motivos aos desapiedados camaradas para novas piadas. Passados aqueles tranSES tudo foi esquecido, e as coisas entraram de novo em seus eixos.

Um dia o major anunciou que tinha uma grande e importante

diligência a fazer. Havia um endiabrado malandro que era o tipo perfeito dos bandidos daquele tempo, sobre quem há muitos meses andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado ocasião de surpreendê-lo: sujeitinho cuja ocupação era uma indecifrável adivinhação para muita gente, sempre andava entretanto mais ou menos endinheirado: tudo que ele possuía de maior valor era um casacão de infantaria em que andava constantemente coberto e uma viola que jamais deixava. Tinha reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer gênero para a qual não fosse convidado. Gastava todo o seu tempo satisfazendo esses convites. Amanhecia sempre numa farra que começara na véspera, um aniversário, por exemplo; ao sair daí ia para um batizado; à noite tinha um jantar de casamento. A fama que tinha de homem divertido, e que lhe proporcionava tão belos meios de passar o tempo, devia-se a certas habilidades e principalmente a uma na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dançava o fado com grande perfeição, falava “língua de negro”<sup>29</sup> e nela cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, imitava perfeitamente a fala dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, e finalmente — eis aqui o seu mais raro talento —, sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguém era capaz de imitar. Era, por isso, o divertimento das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma festa em sua casa e queria ter muita gente e boa companhia bastava somente anunciar aos convidados que o Teotônio (era este o seu nome) se acharia presente.

Agora, quanto à sua ocupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetrável segredo, o major Vidigal tanto fez que a descobriu: em dias reservados da semana reunia-se no sôtão onde ele morava certo número de pessoas que ficavam até alta noite metidas lá: Teotônio era o banqueiro de uma roda de jogo.

Assim, o major andava querendo flagrá-lo; e, como tentava isso desde muito sem que o pudesse conseguir, por ser sempre iludida a sua vigilância pela troca constante que faziam os da roda dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Teotônio na primeira ocasião

---

<sup>29</sup> Jeito de falar português característico dos escravos africanos.

e servir-se depois dele para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo-velho, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre; dela tinha um descendente, a cujo nascimento nós os fizemos assistir. Pois, apesar de haver já passado algum tempo, a criança ainda não estava batizada. O Leonardo-Pataca, estimulado pela comadre, que muito se afligia com aquela demora, determinou finalmente o dia que ela se devia fazer cristã. Segundo os hábitos imutáveis, havia festa por essa ocasião; e, segundo a moda, foi o Teotônio convidado. O major soubera de tudo; era exatamente aí que o esperava e tinha planejado pegá-lo. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima falamos. Era o destino do major ter sempre de andar desmanchando prazeres dos outros; e infelicidade para nós que escrevemos estas linhas estar caindo na monotonia de repetir quase sempre as mesmas cenas com ligeiras variantes: a fidelidade porém com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

À hora acertada chegou o major à casa do Leonardo-Pataca; como não havia o menor motivo para violências, porque tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sozinho, com permissão prévia do Leonardo-Pataca, e assistiu ao divertimento. Quando ele chegou, Teotônio estava exatamente em cena com as suas habilidades. Tendo esgotado já todas elas, ia recorrer à última, que era a das caretas. É preciso notar que ele não sabia só fazer caretas, sabia-as também fazer imitando, mais ou menos, esta ou aquela cara conhecida: era isso o que fazia os presentes morrer de rir.

Estavam todos sentados, e o Teotônio em pé no meio da sala olhava para um e apresentava uma cara de velho; virava-se repentinamente para outro e apresentava uma cara de tolo rindo de maneira idiota; e assim por muito tempo mostrando de cada vez um tipo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, colocou-se numa posição que pudesse ser visto por todos ao mesmo tempo e apresentou a sua última careta. Todos desataram a rir estrondosamente apontando para o major. Acabava de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços percebendo a zombaria do Teotônio; e, se já tinha boas intenções a seu respeito, ainda as

formou melhor naquela ocasião. As risadas continuaram por muito tempo; e ele, não podendo afrontá-las impassível, e não havendo, como já fizemos sentir, motivo justo para um rompimento, achou mais conveniente se retirar e, pondo-se em posição conveniente, esperar que a festa acabasse, para então convidar o Teotônio a ir fazer algumas caretas aos soldados na Casa da Guarda. Saiu pois completamente corrido.

Encontrando os seus soldados, que tinham ficado a pouca distância, dirigiu-se ao Leonardo e fê-lo sentir que, querendo a todo o custo naquela noite segurar o Teotônio, temia que os de casa desconfiassem disso e lhe dessem fuga por qualquer meio; era pois preciso uma pessoa que o fosse vigiar de perto sem que despertasse suspeitas: essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou malvisto na casa de meu pai, respondeu este à proposta do major.

— É hoje um bom dia de conciliação...

— Talvez não queiram receber-me...

— E sua madrinha, que se acha lá?...

— Mas a filha, que é uma víbora contra mim?...

— Víbora ou não, deves ir; que quando manda a disciplina... Não quero que aquele vagabundo ande tomando sem punição a minha cara para original de caretas.

Os soldados, que conheciam o Teotônio e sabiam da sua habilidade, compreenderam logo o que tinha acontecido por aquele dito do major e desataram por seu turno a rir. O Leonardo, por aquele apelo à disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *papai-lêlê*, venceu todas as dificuldades e repugnância que manifestara no desempenho da missão de que o encarregara o major e pôs-se a caminho para a casa de seu pai.

Chegou e bateu: assim que de dentro lhe perceberam as cores da farda e cassetete houve um grito de medo, e, por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão!), foram repentinamente apagadas todas as velas da sala, e começou a reinar uma confusão tal que parecia haver-se travado uma luta entre todos.

O Leonardo viu nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causara. Resolveu então falar da parte de fora para **tranquilizar** os medrosos.

— Bom modo de um filho ser recebido na casa de seu pai! Para quarta-feira de trevas<sup>30</sup> só lhe faltam as matracas...

A comadre, que ouvira e reconhecera a voz do afilhado, começou a rir exclamando:

— Vejam que coisa! É o Leonardo; tragam as velas, gente: não há novidade, que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquele palhaço, resmungou o Leonardo-velho, sempre vai fazer das suas: vejam que susto causou a toda essa gente... Ó, amigo Teotônio, desça, que não há novidade...

À luz da primeira vela que traziam viu-se o Teotônio descer por uma porta do forro do quarto da sala, onde havia se escondido. Apenas pôs o pé em terra fez logo uma careta de medo, de tal forma expressiva que houve em todos uma tremenda explosão de alegria. Começou a aparecer gente de diversos cantos da casa, e na presença do Leonardo recomeçou a folia.

Algumas pessoas não deixaram de estranhar e temer a presença do Leonardo naquela ocasião e naqueles trajés logo depois da saída do major; porém a comadre **tranquilizou** a todos, dizendo que, tendo ele obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquele dia, viera assistir ao batizado de sua irmã.

— Ele é meio doido, repetia ela a todos, mas é muito amoroso e nunca se esquece da família.

Leonardo confirmava esses protestos da comadre e ia entretanto tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o haviam recebido bem em casa. À proporção que ia se esquentando no prazer do fado e das cantigas, o Leonardo começou a sentir remorsos pelo papel de judas que ali estava representando: quando olhava para o Teotônio, que desde que entrara lhe havia feito dar tão boas risadas, seu coração se feria lembrando-se que ele próprio havia de o entregar ao major. Não poucas vezes lhe passou pela cabeça dar-lhe fuga avisando-o, porém a disciplina, o *papai-lêlê*, vinha-lhe à cabeça e hesitava.

Enquanto era assaltado por estes pensamentos, olhava repetidas vezes para o Teotônio. Este, que nada tinha de tolo, desconfiou da coisa; não sabemos por que instinto leu o que pensava o Leonardo e pôs-se em guarda.

<sup>30</sup> Em alguns lugares, a quarta-feira de cinzas é conhecida também como quarta-feira de trevas.

Memórias de um Sargento de Milícias

O Leonardo tomou de repente sua resolução.

— Ora, adeus disciplina, disse consigo; vou deixar este homem fugir, seja lá como for.

E do lugar em que estava acrescentou alto:

— Ah! Senhor Teotônio, quer saber uma coisa? Pois se puser o pé daquela porta para fora, o major põe-lhe a unha, que para isso está ele à sua espera e para aqui me mandou...

— Ó, diabo!, exclamaram todos.

— Mas nada de sustos; tudo vai se resolver, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te comprometas, rapaz, acrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de brincadeira, e aí podes ficar mal.

— Ora, tenho pena dele só por aquelas caretas.

Juntaram-se então os dois, Leonardo e Teotônio, e juntos armaram o seu plano de modo que este escapasse do major e que aquele não ficasse comprometido. Estava já a noite muito adiantada, ordenaram os dois que saíssem ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante deles, foi correndo ter com o major.

— Aí vem o bicho, Senhor major.

— Cerca, cerca!, disse o major.

E cada um se dividiu para seu lado.

O major colou-se à porta de um corredor e ficou alerta.

Veio se aproximando do major um vulto assobiando **tranquilamente** o refrão de uma modinha. Quando se achou em pequena distância o major deu um salto donde estava e segurou-o.

Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um:

— Me largue! Que é isto?

O major prestou atenção, não tendo reconhecido a voz do Teotônio, e viu que tinha segurado um pobre corcunda, aleijado, ainda em cima, da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora, vá para o inferno, disse o major; suma daqui. Também não sei o que andam fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado sumiu apressadamente livre do susto e lá foi continuando a assobiar o seu refrão.

Fez-se depois disto o mais profundo silêncio, e o major não viu mais passar senão os convidados da festa, não vendo entre eles o Teotônio. Então ficou irritado com o caso; e reunindo os

soldados disse para Leonardo:

— Ele não saiu...

— Saiu, replicou este; até de jaqueta branca e chapéu de palha: eu o vi se dirigir ali para a porta onde estava o Senhor major.

— De jaqueta branca e chapéu de palha?, perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta: não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao Senhor major.

— Ah!, patife, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado...

— Ele sabe fazer muito bem um corcunda e um aleijado, disse um dos soldados; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo muito parecido...

Era realmente o Teotônio o aleijado que o major tinha segurado. O Leonardo ria disfarçadamente da peça que levava o major. Não tardou porém muito tempo que lhe não amargasse aquele prazer, vindo o major a saber que tudo aquilo se fizera de combinação com ele.





# Capítulo XXI

## Descoberta

É muito antigo dizer-se que há uma coisa ainda pior do que um inimigo, e é um mau amigo. Um dos convidados do Leonardo-Pataca dizia-se muito amigo do Teotônio e, pelo empenho que o Leonardo mostrara em livrá-lo das garras do major, protestara desde logo repartir com ele parte dessa amizade, sem que nenhum dos dois ficasse prejudicado. Poucos instantes depois desse protesto deu logo a primeira prova de que estava disposto a cumpri-lo. Enquanto se passavam as cenas que acabamos de descrever tinha amanhecido: o major e sua gente punham-se em retirada: ainda se achavam porém nas imediações do lugar onde se havia feito a tentativa para prender o Teotônio quando o tal amigo a que nos referimos, que fora um dos últimos a se retirar, encontrando a patrulha e vendo que o Teotônio não ia no meio dela, concluiu que os planos tinham surtido efeito e que o major ficara desta vez vencido. Teve por isso um acesso de alegria; e, esquecendo a presença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com entusiasmo:

— Bravo! Como esta não fazes duas em toda a tua vida; foi limpa; ele ficará agradecido para sempre, e eu com ele, porque sou seu amigo e teu também!

O Leonardo ficou sem ação diante de semelhante imprudência. O major, que ia cabisbaixo pensando na peça que acabara de

levar, voltou-se repentinamente: a palavra *ele*, dita pelo terrível amigo, trouxe luz a seus olhos. O Leonardo foi tirado da paralisia em que se achava pela voz do major dizendo-lhe bem explicadamente:

— Recolha-se preso ao quartel.

A esta sentença o Leonardo ergueu do fundo d'alma tudo quanto havia aí de despeito, de rancor, e lançou um olhar sobre o imprudente que a havia provocado e que ainda muito senhor de si apertava-lhe sem pena a mão, parecendo que não ia largá-la tão cedo.

Deixemos agora o Leonardo, vítima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passemos a outras coisas. Há muito tempo que não falamos em D. Maria e na sua gente. Sabiam os leitores que, passada a **lua de mel**, em que tudo foram rosas, o nosso José Manuel pusera, como se costuma dizer, as mangas de fora, e tais coisas fez que em poucos meses estava tudo em guerra aberta: ele tinha mudado com sua mulher Luizinha da casa de D. Maria, e, por causa de dote vai, dote vem, herança daqui, herança dali, D. Maria havia proposto uma ação tão complicada que desconfiava-se que não demorava para ver o fim dos dias de vida da pobre velha.

Tinha-se José Manuel tornado para Luizinha um verdadeiro marido-dragão, desses que eram um sofrimento constante para as mulheres. Depois que havia se mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão às escondidas, pelas frestas da porta: ela chorava então aquela liberdade de outrora; aqueles passeios e aquelas palestras à porta em noite de luar; aqueles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com a sua companhia de meninas negras atrás; as visitas que recebiam e o Leonardo, de quem tinha saudades, e tudo aquilo enfim a que não dava nesse tempo muito valor, mas que agora lhe parecia tão belo e tão agradável. Tendo-se casado com José Manuel, para seguir a vontade de D. Maria, dedicava a seu marido uma enorme indiferença, que é talvez o pior de todos os ódios.

Pois a vida de Luizinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior número das moças que então se casavam: era por isso que as Vidinhas não eram raras e que poucas famílias não tivessem que lamentar um desgostozinho igual ao que sofreu aquela pobre família, que, indo ao Oratório de Pedra, viera desfeita para casa, e cuja história serviu de tema

às intrigas da comadre, quando quis pôr José Manuel fora do lance.

Ora, é claro que, tendo D. Maria ficado um pouco séria com a comadre por causa de toda aquela intriga que ocorreu antes do casamento de José Manuel com sua sobrinha, agora, que estava cheia deste, se reatasse o laço da amizade que por tão pouco afrouxara: acontecia assim com efeito.

Um dia as duas encontraram-se na missa, tornaram a se falar; as desgraças do Leonardo, que foram tema dessa conversação, tocaram D. Maria, que por seu turno também relatou à comadre tudo que acontecia agora à pobre Luizinha.

— Aí, senhora!, dizia a comadre referindo-se a José Manuel, parece que algo me disse, quando via aquele maldito; tenho ódio do homem que é um bandido disfarçado. Aquilo levará a pobre menina à sepultura. Coitada! Bem-criada e mal-aventurada.

— Nunca pensei, criatura, nunca pensei que acontecesse tal... Mas aquilo, como era malandro! Que palavrinhas doces! Que santidade aquela! Agora, senhora, agora eu sou capaz de acreditar na história da moça furtada no Oratório de Pedra: ele tem temperamento para tal... Mas me verei vingada, oh! Se me verei! Tão certo como estar eu aqui: os desembargadores estão lá, que me darão esse gosto: espero isso em Deus.

Desta conversa, e do mais que se seguiu, nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo mesmo sofrido um leve estremecimento, é difícil que voltem depois ao estado primitivo; com outras amizades acontece porém o inverso; aproveitam os estremecimentos, porque é fácil a volta da paz, e parece que depois disto se tornam mais próximas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era deste último gênero. Portanto, depois daquela conversa na missa, não só voltaram as relações entre as duas ao seu primitivo estado como se tornaram mais que nunca sólidas. Daí em diante não houve um só segredo entre as duas que não fosse mutuamente comunicado, e elas fizeram pacto de se ajudarem uma à outra para dar solução uma aos males da sobrinha, outra às diabruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se preso; assim que a madrinha soube disso, ficou logo alvoroçada, não só pelo fato em si como pelo generoso motivo que o havia ocasionado. O

Memórias de um Sargento de Milícias

primeiro passo pois que tiveram a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo e livrá-lo do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado. Vamos ver como se saíram em semelhante missão.

# Capítulo XXII

## Empenhos

O primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se à casa do major para interceder pelo Leonardo; o major porém mostrou-se inflexível: o caso era grave, já não era o primeiro; a disciplina não podia ser ofendida mais de uma vez sem punição; o castigo devia ser infalível e grande. A comadre, que fora cheia de boas esperanças, soube pelo major o que ignorava, o que nem mesmo adivinharia: o Leonardo não só ficaria por mais tempo preso como receberia uma surra... A pobre mulher, assim que lhe declarou isto o major, caiu de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo porém em vão. Saiu desesperada e com o véu caído, toda desalinhada, correu, voou à casa da D. Maria. Ao vê-la entrar naquele estado, D. Maria ergueu-se de sua banquinha e largou a almofada da renda.

— Que tens, criatura? Que tens?, exclamou. Santo Cristo! O que é? Fala!...

— Ai, Sra. D. Maria do meu coração! Que desgraça!, respondeu a comadre: que destino o do rapaz... Ora, veja o que me acontece por ter feito uma boa ação!... E eu que sofro e que sinto como se fosse meu filho...

E os soluços a sufocaram.

— Fale, senhora, replicou D. Maria; fale, que está me deixando aflita...

— Vai apanhar, D. Maria... Vai apanhar de chibata... Ele... O Leonardo...

— Meu Deus, pobre rapaz: ora vejam no que deu tudo; é sina, coitado! Aquele rapaz não nasceu em dia bom; não, comadre; isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma... Mas não falou com o major? Que lhe disse ele?

— Duro como uma pedra, senhora; nem se moveu: **pedi-lhe** pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santíssima... Tudo em vão.

— Está bom, não se aflija, comadre; ainda há um meio que eu penso não vai falhar: vamos à casa *dela*, que por lá é caminho certo; ela se dá muito comigo, pedirá pelo moço. Já tinha me lembrado disso; mas na confusão em que vinha esqueci-me; se com ela não se arranjar alguma coisa... está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ela*, e têm razão; vamos já satisfazê-los. O major era pecador antigo e, no seu tempo, fora daqueles de quem se diz que não deram o seu quinhão ao vigário<sup>31</sup>: restava-lhe ainda hoje *alguma coisa* que às vezes lhe recordava o passado: essa *alguma coisa* era a **Maria-Regalada** que morava na Prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma moça atraente, era de um gênio exageradamente festivo, vivia em contínua alegria, ria de tudo e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: daí é que vinha o apelido — *regalada* — que haviam juntado ao seu nome.

Os apelidos eram uma coisa muito comum no tempo desta história; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome. Dizem todos, e os poetas juram, que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a matéria e acreditamos hoje que não há nada que justifique essa ideia dos poetas: chegamos por nossas investigações à conclusão de que o verdadeiro amor ou são todos, ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o último. O último é que é o verdadeiro, porque é o único que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina convençam-me do contrário, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor pelo major Vidigal; o major pagava na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das amigas do coração

---

<sup>31</sup> No contexto dessa obra, quer dizer que não agia de acordo com a moral e os bons costumes da época.

de Maria-Regalada. Eis aí por que, falando *dela*, D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançosas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, as relações de compadre eram uma mola real de todo o movimento social.

— Vai mandar aprontar a cadeirinha, disse D. Maria a uma de suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos que isto são os meus pecados velhos.

D. Maria aprontou-se, meteu-se na sua cadeirinha; a comadre colocou o véu, e partiram para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

— Que milagre de Santa Engrácia! Que sorte! Que alegria! O que a traz por aqui? Isto é grande novidade!

— É novidade, sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.

Com as honras do estilo, que não eram muitas naquele tempo, foi a comadre apresentada, porque não era conhecida de Maria-Regalada. Primeiro D. Maria, depois a comadre, contaram, cada uma do seu jeito, a história do Leonardo com todos os detalhes, e depois de inúmeros rodeios, que fizeram a ouvinte perder a paciência e quase morrer de curiosidade, chegaram finalmente ao ponto importante, ao motivo que ali as levara: queriam nada menos do que a soltura e perdão do Leonardo e contavam para alcançar semelhante coisa com a influência da Maria-Regalada sobre o major.

— Ora, disse esta tomando um ar de modéstia, eu já não presto para nada... Isso era bom noutra tempo... Agora... O major... as coisas estão mudadas, D. Maria... Depois que ele se meteu na polícia... Nem mais, nem ontem... Quem sabe o que vai por lá!... Mas enfim, D. Maria, eu não sei dizer não, tenho o coração assim e sempre o tive... No meu tempo muita gente se aproveitou disto... Eu farei o que puder; vou falar com ele... Talvez ele queira me atender...

— Vai atender, vai, sim, respondeu a comadre; ele já não está tão velho que se tenha esquecido de todo do tempo de dantes.

— Veremos, veremos. A Sra. comadre sabe lá o que são homens?!...

— Eu que o diga... se sei!, respondeu esta sem demorar.

— Mas então, falou D. Maria, o negócio requer toda a pressa,

Memórias de um Sargento de Milícias

porque de um instante para outro pode chegar o castigo ao corpo do pobre rapaz, e depois nem Santo Antônio o tira.

— Não se preocupe; chegaremos ainda a tempo, com a graça de Deus. Para maior segurança vamos todas três daqui à casa do major, e cada uma por nosso lado faremos tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestiu-se apressadamente, vestiu o seu véu, e, ao lado da cadeirinha em que ia D. Maria, partiram para a casa do major.



# Capítulo XXIII

## As três em comissão

Partiram pois as três para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de casaco de chita e sandálias, não tendo a princípio suposto o peso da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha e colocou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma falta de educação deixar as senhoras sós, não completou o uniforme e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, sandálias e um lenço sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropelação em que entrara o major, a comadre enxergou logo um bom presságio para o resultado do seu negócio. Somava-se ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade e, vendo-se cercado por mulheres, se não era um lugar público e em circunstâncias em que a disciplina pudesse ficar prejudicada, tornava-se um babão, como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas tocavam no seu ponto fraco, se lhe faziam um elogio, se lhe faziam uma carícia por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavam dele tudo que queriam; ele próprio espontaneamente se oferecia para o que podiam desejar. Contudo, ainda que a comadre soubesse já desta circunstância com antecipação ou a pressentisse pelas aparências, a gravidade do negócio de que se tratava era tal que nem isso bastou para **tranquilizá-la**. Dispôs-se

para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apesar de mais estranhas à sorte do Leonardo, nem por isso se ligavam menos à sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da comissão. O major percebeu isto e teve um lampejo de orgulho por ver assim três mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para animá-las, arrastando sem querer as sandálias.

— Oh!, de sandálias e farda não está má... Senhoras donas, coisas de velho; no meu tempo eu não fazia destas...

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo encontrar uma brecha fosse por onde fosse: mas não importa; o negócio é outro...

— É verdade, Senhor major, o bom tempo já se foi.

— E Deus perdoe a quem dele tem saudades, falou o major rindo com um riso cheio de rugas, de velha sensualidade...

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada; mas deixe essas coisas todas para depois...

— Ai, criatura, falou D. Maria, que até então estivera calada, cansada talvez do número imenso de cerimônia que fizera ao entrar; deixai cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu gosto bem quando acho...

— É como eu, respondeu o major; em se tocando aqui nas minhas feridas antigas...

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada, que venho aqui com estas senhoras donas, que o Senhor major bem conhece; e, se não fossem elas, eu aqui não vinha, pois o negócio é sério...

A comadre achou a ocasião boa e fez com a cabeça um sinal de aprovação.

— Vamos lá ver o que é o tal negócio sério, respondeu o major percebendo, pela presença da comadre, mais ou menos o que era e pelo que fez um sinal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quisesse abrir largas esperanças. A Maria-Regalada prosseguiu:

— O seu soldado Leonardo é um bom rapaz.

O major curvou-se franzindo as sobrancelhas e repuxou os beijos, como quem não concordava totalmente com aquilo...

— Não me comece já com coisas, Senhor major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não há razão para ser castigado, por causa de alguma coisa que fez... Isso não é razão, não, senhor,

para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum vagabundo; pois o Senhor major bem sabe que o padrinho, quando morreu, deixou-lhe alguma coisa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e por isso livre-o da maldita farda, a quem sempre tive zanga (menos de uma que bem se sabe), se o pai que tem... mas deixemos o pai que não vem nada ao caso...

— Já sei de tudo, já sei de tudo, falou o major.

— Ainda não Senhor major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que ele praticou naquela ocasião quase que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...

— Mas um filho quando é soldado, falou por seu lado o major com toda a gravidade disciplinar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bem sei, mas e a lei?

— Ora, a lei... o que é a lei, se o Senhor major quiser?

O major sorriu com inocente modéstia. A discussão assim foi se animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrário parecia mais inflexível do que nunca; chegou mesmo a ficar em pé e a falar muito exaltadamente contra o atentado do Leonardo e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vê-lo no bonito uniforme que indicamos, de pé, fazendo um sermão sobre a disciplina, diante daquelas três ouvintes tão incrédulas que resistiam aos mais fortes argumentos.

As três, porém, ainda não tinham esgotado contra ele o seu último recurso; puseram-no pois em ação.

Quanto mais animado estava o major, as três, a um só tempo, e como de combinação, começaram a chorar... O major parou... Encarou-as um instante: seu semblante foi-se visivelmente ficando terno, enrugando, e por fim começou também a chorar de enternecido. Apenas as três se aperceberam deste triunfo, investiram sobre o inimigo. Foi então uma algazarra, uma choradeira sem nome, capaz de mover as pedras.

O major de enternecido foi passando a atordoado e ficou como que envergonhado das lágrimas que lhe corriam pelas faces: enxugou-as e procurou reassumir toda a sua antiga seriedade.

— Nada, disse desembaraçando-se das três, e passeando a passos largos pela sala; nada: que diriam de mim se me vissem aqui nestas choramingas de criança? Eu, o major, o Vidigal, chorando no meio de três mulheres!... Senhoras, o caso é grave e não vejo remédio; o exemplo, a disciplina, as leis militares... nada, não pode ser...

E deu as costas às três, continuando a passear e a fazer ressoar com força as sandálias no assoalho. Maria-Regalada disse baixo às duas, em cujos semblantes já nem brilhava o menor sinal de esperança:

— Ainda não está tudo perdido...

E dirigindo-se ao major acrescentou:

— Bem, senhor major; águas passadas não movem moinho...

— Que passadas, senhora dona! Mas bem vê que o caso é grave...

— Seja lá o que for, sinto ter perdido meus passos e não servir a quem desejava; verdade seja que eu já contava com isso e também não prometi... Mas em último lugar quero dizer-lhe uma coisa, mas deve ser em particular...

— Vamos lá, estou pronto.

Quem tivesse alguma sabedoria conheceria, não com grande facilidade, que o major estava há muito tempo disposto a ceder, porém que queria fazer-se difícil. Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major, tranquilizando o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora esta!, disse em voz baixa à sua interlocutora; pois era preciso falar nisto? Enfim...

— Ora, ainda bem que acabaram-se as suas manias, respondeu Maria-Regalada em voz alta.

— Sim?!, exclamaram as duas sorrindo de esperança.

— Eu bem dizia que o senhor major tinha bom coração...

— Eu nunca duvidei, apesar de tudo... Mas agora, o passado, passado; o caso era sério, como ele dizia, e foi um favor!...

— Então, D. Maria? Quem foi rei sempre tem majestade...

— Majestade... Quem me dera! Isso já não é para mim...

O major atacou esta explosão de gratidão que parecia ir longe.

— Vão ficar ainda mais contentes comigo... não lhes digo por quê, mas verão...

— Esta agora é que é grande; veremos o que será...

— Já sei: é...

— Estou quase adivinhando.

— Sabem que mais?, falou o major; já é hora de uma obrigação a que não posso faltar... O rapaz está livre de tudo; contanto que, acrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito seja cumprido...

— Eu nunca faltei à minha palavra, replicou esta.

Retiraram-se as três cheias do maior contentamento, e o major saiu depois também para cumprir a sua promessa.

# Capítulo XXIV

## A morte é juiz

D. Maria dirigiu-se imediatamente para casa na sua cadeirinha. Ao chegar notou grande agitação e alvoroço e tratou logo de indagar a causa. Um escravo de sua sobrinha a esperava com uma carta.

Apenas a leu, D. Maria, não diremos que se entristeceu, porém mostrou-se muito atrapalhada.

— Não entrem com a cadeirinha; esperem lá, que torno a sair.

E realmente meteu-se de novo nela e mandou que seguissem para casa de sua sobrinha. O caso era o seguinte: José Manuel entrara para casa carregado nos braços, tendo sido vítima na rua de um violento ataque apoplético ao voltar do cartório, onde tivera uma grave discussão com o procurador de D. Maria, por causa da questão que tinham. Luizinha, a coitada, vendo-se naqueles apuros, sem saber o que fizesse, despachara logo portador para casa de sua tia. D. Maria apenas entrou mandou chamar o médico, que depois de examinar o doente declarou que era caso perdido. Fizeram-se entretanto algumas aplicações, que não tiveram resultado algum.

— Estás viúva, menina, disse D. Maria um pouco sensibilizada com a declaração do médico.

Luizinha começou a chorar, mas como choraria por qualquer um, porque tinha coração terno. Estavam presentes algumas

peças da vizinhança, e uma delas disse baixinho à outra, vendo o pranto de Luizinha:

— Não são lágrimas de viúva...

E não eram, nós já o dissemos: o mundo faz disso muitas vezes um crime. E os antecedentes? Por acaso, em seu coração, José Manuel tinha sido marido de Luizinha? Nunca o fora senão nas conveniências, e para as conveniências aquelas lágrimas bastavam. Nem o médico nem D. Maria se haviam enganado: à noitinha José Manuel expirou.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o enterro. A comadre, informada de tudo, compareceu pesarosa para prestar seus bons ofícios, suas consolações. O enterro saiu acompanhado pela gente da amizade: os escravos da casa fizeram uma algazarra tremenda. A vizinhança pôs-se toda à janela, e tudo foi analisado, desde as argolas e ornamentos do caixão até o número e qualidades dos convidados; e sobre cada um desses pontos apareceram três ou quatro opiniões diversas.

Naqueles tempos ainda se não usavam os discursos fúnebres, nem os necrológios<sup>32</sup>, que hoje andam tanto em voga; escapamos pois de mais essa. José Manuel dorme em paz no seu derradeiro jazigo.

Como havia prometido a comadre, alguém chegou quase ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando ele entrou na sala, D. Maria não pôde conter um grito de surpresa. Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de soldados!

— Como! Olhem o major. E então?!

— É verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo; a ele devo tudo.

Foi aquilo objeto de geral espanto. Ficariam todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo; e não só ele aparecia solto e livre como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exército pouca coisa.

O Leonardo começou a procurar com os olhos alguma coisa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Luizinha. Há muito que os dois se não viam; não puderam pois ocultar o embaraço de que se acharam tomados. E foi tão grande essa emoção que ambos ficaram surpreendidos um do outro. Luizinha achou Leonardo um charmoso rapagão

---

<sup>32</sup> Discurso elogiando o morto.

de bigodes e costeleta; elegante até onde pode sê-lo, um soldado de soldados, com o seu uniforme de sargento bem ajustado. Leonardo achou Luizinha uma moça com postura, charmosa mesmo, olhos e cabelos pretos, tendo perdido todo aquele acanhamento físico de outrora. Além disso seus olhos, avermelhados pelas lágrimas, seu rosto empalidecido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquele dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa ocasião um toque de beleza melancólica, que em regra geral não devia prender muito a atenção de um sargento de soldados, mas que enterneceu ao sargento Leonardo, que, apesar de tudo, não era um sargento como outro qualquer. E tanto assim que, durante a cena muda que se passou, quando os dois deram com os olhos um no outro, passaram rapidamente pelo pensamento do Leonardo os lances de sua vida de outrora, e, relembrando fato a fato, chegou àquela ridícula mas ingênua cena da sua declaração de amor a Luizinha.

Pareceu-lhe que tinha então escolhido mal a ocasião e que agora isso teria um lugar muito mais acertado. A comadre, que dava atenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do afilhado aqueles pensamentos todos; fez um gesto quase imperceptível de alegria: raiava na sua mente alguma **ideia** luminosa. Começou então a retrair um antigo plano em cuja execução por muito tempo trabalhava e cujas probabilidades de êxito lhe haviam reaparecido no que se acabava de passar.

Passada a primeira emoção, Luizinha ergueu-se e fez ao Leonardo um acanhado cumprimento: este correspondeu-lhe com alguma coisa entre cumprimento normal e continência militar.

A comadre rompeu depois disto a conversa, procurando entreter D. Maria e deixar os dois entregues a si.

— Diga-me, disse ela dirigindo-se a D. Maria, e aquela sua questão com o defunto?

— A morte foi desta vez juiz. Ele não tem herdeiros; era só no mundo... Eu não levei a minha *avante*, é verdade, porque enfim não posso dizer que venci; mas também não perdi. Agora sim, tenho muito gosto de entregar tudo à menina, mas não queria que me levassem as coisas, a não ser por minha muito livre vontade.

— Está bem; o passado já se vai: Deus é assim, escreve direito por linhas tortas.

E por aí adiante empenharam-se na sua conversa. Os dois,

depois de algum tempo de silêncio, quando já se tinham retirado todas as visitas, foram pouco a pouco, de palavra em palavra, travando diálogo e conversavam no fim de algum tempo tão empenhadamente como a comadre e D. Maria, com a diferença que a conversa daquelas duas era alta, desembaraçada; a deles baixa e reservada.

Não há nada que se reate mais depressa do que a familiaridade interrompida de um coração com o que lhe é interessado. Não se estranhe pois que Luizinha e Leonardo se entregassem a isso. E querem ver uma singularidade que às vezes se repete? Depois que se fizera moça e casou-se, nunca Luizinha tinha tido momentos de tão verdadeiro prazer como os que ali estava tendo naquela conversa, num dia de luto, quando acabava de sair o caixão que levava à sepultura aquele que devia ter feito a sua felicidade. O Leonardo também por sua vez, nunca, no meio de todas as eventualidades de sua vida extravagante, tinha tido instantes que tão rápidos lhe corressem do que aqueles em que via o objeto de seus primeiros amores sob o peso do infortúnio em um dia de sofrimento.

Pois parece que estas mesmas circunstâncias reavivaram o passado: a comadre folgava lá no seu lugar com tudo aquilo e, parecendo prestar toda a atenção em D. Maria, não perdia uma só circunstância.

Finalmente chegou a hora da retirada, não da comadre, que se ofereceu para fazer companhia à viúva, porém de Leonardo, a quem esperava o major, porque era dia de serviço e ele tinha obtido licença apenas para cumprir o duplo dever de dar os pêsames a D. Maria e agradecer o interesse que por ele havia tomado, fazendo por intermédio de Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado, como também o acesso ao posto que de repente tivera. Luizinha involuntariamente estendeu a mão ao Leonardo na despedida, que lha apertou com força.

Ora, isto naquele tempo era bastante para dar que falar ao mundo inteiro!



# Capítulo XXV

## Conclusão feliz

A comadre passou com a viúva e sua tia quase todo o tempo da tristeza e acompanhou-as à missa do sétimo dia. O Leonardo compareceu também nessa ocasião e levou a família à casa depois de acabado o sacrifício.

Aquele aperto de mão que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não tinha passado despercebido a D. Maria, assim como também lhe não escaparam muitos outros fatos depois desse.

O caso é que não lhe parecia estranha certa **ideia** que lhe andava na mente. Muitas vezes, perto das seis horas da tarde, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um padre-nosso e uma ave-maria do seu bendito rosário, vinha-lhe a **ideia** de casar de novo a jovem viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada num mundo em que maridos, como José Manuel, não são difíceis de aparecer, especialmente a uma viuvinha rica.

Ao mesmo tempo que lhe vinha esta **ideia** lembrava-se do Leonardo, que amara a sua sobrinha no tempo da criação e que era, apesar de estranho, um bom moço, não de todo sem eira nem beira, graças à bondade do padrinho barbeiro.

Verdade é que não se sabiam bem as contas que seu pai havia feito a esse respeito; mas como era coisa que constava de verba testamentária, D. Maria nada via de mais fácil do que propor uma

questão, cujo resultado não seria duvidoso.

Havia porém no meio de tudo uma circunstância que lhe atrapalhava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, soldado, naquele tempo, era coisa de meter medo. Quando D. Maria chegava a este ponto de suas meditações, abandonava-as e continuava o seu rosário.

A comadre fazia quase exatamente os mesmos cálculos por sua parte e também só esta única dificuldade se opunha à realização de seus planos.

Enquanto estas duas pensavam, os outros dois trabalhavam. Luizinha e Leonardo haviam reatado o antigo namoro; e quem quiser ver coisa de andar depressa é ver namoro de viúva.

Na primeira ocasião Leonardo quis recorrer a uma nova declaração; Luizinha porém fez o processo imediatamente, aceitando a declaração de há tantos anos. Sem que os vissem, **viam-se** os dois muitas vezes e falavam seus planos. Infelizmente ocorria-lhes a mesma dificuldade: um sargento de linha não podia casar. Havia talvez um meio muito simples de tudo resolver. Antes de tudo, porém, os dois se amavam sinceramente; e a **ideia** de uma união ilegítima não era agradável aos dois.

O amor os inspirava bem.

Esse meio de que falamos, essa caricatura da família, então muito em moda, é seguramente uma das causas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade. Só essa dificuldade atrapalhava os dois. Entretanto, o Leonardo achou um dia a salvação e veio comunicar a Luizinha o meio que resolvia tudo: podia ficar ele sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha e passando-se no mesmo posto para as Milícias. A dificuldade, porém, estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

Um dia em que estava sua tia rezando no seu rosário a **ave-maria** de que acima falamos, justamente num daqueles intervalos de padre-nosso, Luizinha chegou a ela e comunicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo antes da sua narração a seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

— Para lhe obedecer e fazer-lhe o gosto casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fora inútil sua precaução, porque D. Maria confessou que de há muito pensava aquele



mesmo plano. Combinaram-se pois as duas.

A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e lembraram-se por isso de recorrer a ele de novo. Foram ter com Maria-Regalada, que mesmo na véspera lhes tinha mandado dizer que se mudara da Prainha e oferecia-lhes sua nova morada. A comadre, de tudo inteirada, fez parte da comissão.

Quando entraram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes apareceu foi o major Vidigal, e, o que é mais interessante, o major Vidigal em roupas de casa, de roupão e sandálias.

— Ah!, disse a comadre em tom malicioso, assim que apareceu a Maria-Regalada; pelo que vejo isto por aqui vai bem...

— Não se lembra, respondeu Maria-Regalada, daquele segredo com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!

A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ela viesse definitivamente morar em sua companhia. Não atribuímos esta resistência senão ao *capricho*, para não fazermos mau juízo de ninguém; o caso é que o major punha naquilo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a bondade deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de não só disfarçar e obter perdão de todas as suas faltas como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto. Fica também explicada a presença do major na casa da Maria-Regalada.

Depois disto todos tiveram uma conversa. O major desta vez achou o pedido muito justo, em **consequência** do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disso, o Leonardo recebeu ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para entregar-lhe o que seu padrinho lhe deixara, que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, casou-se na Sé com Luizinha, com a família em peso assistindo à cerimônia. Daqui em diante aparece o outro lado da moeda. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.